

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

THIAGO MOURA CASTRO

**O “VISAR” DA CONSCIÊNCIA: ENSINO DE FILOSOFIA
PARA DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA**

CAMPO GRANDE
2024

THIAGO MOURA CASTRO

**O “VISAR” DA CONSCIENCIA: ENSINO DE FILOSOFIA
PARA DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA HEGELIANA**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo.

CAMPO GRANDE
2024

**O “VISAR” DA CONSCIENCIA: ENSINO DE FILOSOFIA
PARA DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE HEGELIANA**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof.^a. Dr.^a Marta Rios Alves Nunes da Costa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Prof. Dr. Daniel Salésio Vandresen

Instituto Federal do Paraná - IFPR

DEDICATÓRIA

Como diria o poeta Manoel de Barros, a beleza está nas *miudezas*, ou seja, nas coisas simples. Acredito que nas simplicidades que se revela o que há de mais sofisticado e valioso nas pessoas, e é nelas que minha gratidão se manifesta. Reconheço cada pequeno gesto, cada palavra de incentivo, cada momento de paciência e compreensão daqueles que contribuíram para a concretização deste trabalho.

Também disse o poeta não gostar de “palavras acostumadas”, que segundo ele seriam palavras que de tanto serem ditas, perdem seu significado. Este trabalho é dedicado a todos aqueles que buscam resgatar os valiosos significados originais das palavras.

Dedico a também a presente dissertação a todas as pessoas tidas como “deficientes”, em especial aos autistas e neurodivergentes como eu, bem como, aos deficientes visuais que lutam diariamente para (sobre)viver em um mundo ainda não totalmente inclusivo. Seguiremos juntos!

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho busca mostrar a atualidade da filosofia de Hegel, que com toda sua profundidade e complexidade contribui para a compreensão do espírito humano e da realidade que nos cerca. Estudar suas obras foi um empreendimento que só pode ser alcançado graças ao apoio do programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROFFILO, aqui representado pelo meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo e pelo núcleo do programa na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A gestão do PROFFILO na UFMS, tanto atual, quanto anterior, tem sido de excelência. A universidade me proporcionou um ambiente acolhedor e acessível para a realização da pesquisa. Assim, expresso aqui ao programa e a universidade meus sinceros agradecimentos.

Aos excelentes professores que tive a satisfação de encontrar ao longo desta jornada, que me instigaram a pesquisar e compartilharam suas experiências acadêmicas, devo meu mais sincero agradecimento. Cada aula, cada discussão, cada orientação foi um passo essencial na construção deste trabalho e da minha formação como docente e pesquisador.

Agradeço aos profissionais do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas, que através de seu constante e incansável trabalho que promove verdadeiramente a Inclusão. Sobretudo, quero expressar minha gratidão aos estudantes deficientes visuais que colaboraram com esta pesquisa e frequentaram as aulas durante dois anos. Vocês, com sua dedicação, inteligência e perspectiva única, enriqueceram imensamente este estudo. Foram suas vozes, suas percepções e suas reflexões que deram vida e sentido a este trabalho.

Estou certo que ao final deste percurso já não sou mais o mesmo que o iniciei, bem como, cada pessoa que vivenciou este trajeto comigo, ao seu modo e tempo, em alguma medida também se transformou. Busco agora a próxima atualização das figuras de minha consciência. Não antes, naturalmente, de experienciar com paciência cada momento da presente.

Aos companheiros de jornada, expresso minha eterna gratidão.

“A coruja de Minerva levanta voo ao
cair do crepúsculo.”

(Georg Wilhelm Friedrich Hegel)

RESUMO

A presente dissertação busca propor um método de ensino de filosofia para deficientes visuais, a partir da perspectiva hegeliana. A pesquisa parte do seguinte problema: como ensinar adequadamente filosofia para pessoas cegas e com baixa visão? Um público que na maioria das vezes é desassistido do acesso ao conhecimento filosófico, já que é dado pouco espaço para o mesmo no sistema regular de ensino. Outrossim, muitos professores que trabalham com atendimento especial, especialmente pedagogos, acabam por tratar de temas como Ética e Teoria do Conhecimento, sem o devido rigor filosófico para abordá-los. O aprofundamento da pesquisa demonstrou que a *linguagem* se torna, cada vez mais, o caminho e o veículo através do qual é manifesto o desenvolvimento da *consciência*. Dessa forma, as bases para nosso método são estabelecidas após compreendermos o início do movimento de desenvolvimento da mesma, manifesto através da *linguagem*. Esse itinerário de desenvolvimento é extraído da obra Fenomenologia do Espírito de Hegel, e se inicia na superação do “Visar” da Certeza Sensível, passo fundante e necessário para todo o desenvolvimento do Espírito. Dessa forma, a hipótese aqui defendida, é que encontramos na obra hegeliana uma metodologia que pode contribuir com o ensino inclusivo, já que segundo o pensador alemão, além da necessidade de superação da Certeza Sensível, o aprendizado é necessariamente uma atividade mediada, sobretudo através da linguagem. Como produto educacional e parte integrante do nosso método, desenvolvemos dois audiobooks e dois livros em braile, intitulados *Aulas de Pensamento para Adultos* e *Aulas de Pensamento para Crianças*, a serem utilizados no Ensino de Filosofia para deficientes visuais.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Deficientes Visuais. Filosofia para Crianças. Consciência. Linguagem.

ABSTRACT

This dissertation aims to propose a method for teaching philosophy to the visually impaired, from a Hegelian perspective. The research is based on the following problem: how can philosophy be properly taught to blind and partially sighted people? This is an audience that is often denied access to philosophical knowledge, since it is given little space in the regular education system. Furthermore, many teachers who work with special needs, especially pedagogues, end up dealing with subjects such as Ethics and Theory of Knowledge without the necessary philosophical rigor to approach them. Further research has shown that *language* is increasingly becoming the path and vehicle through which the development of *consciousness* is manifested. In this way, the foundations for our method are established after understanding the beginning of the movement of its development, manifested through *language*. This developmental itinerary is taken from Hegel's Phenomenology of Spirit, and begins with the overcoming of the "Aim" of Sensible Certainty, a foundational and necessary step for the entire development of Spirit. Thus, the hypothesis defended here is that we find in Hegel's work a methodology that can contribute to inclusive teaching, since according to the German thinker, in addition to the need to overcome Sensible Certainty, learning is necessarily a mediated activity, above all through language. As an educational product and an integral part of our method, we have developed two audiobooks and two braille books, entitled *Thought Lessons for Adults* and *Thought Lessons for Children*, to be used in teaching philosophy to the visually impaired.

Keywords: Philosophy teaching. Visually Impaired. Philosophy for Children. Consciousness. Language.

ABREVIATURAS

DV – Deficientes Visuais

FE - *Fenomenologia do Espírito*

PHG - *Phänomenologie des Geistes*

SUMÁRIO

ABREVIATURAS	9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO I: O PRIMEIRO “PASSO” DA CONSCIÊNCIA	18
I.I Introdução	18
I.II Hegel a língua alemã	21
I.III O alemão filosófico em Hegel e o termo “<i>Visar</i>”	24
I.IV Fenomenologia e Linguagem.....	30
I.V O “Visar” da Certeza Sensível	37
I.VI O início do itinerário da Consciência	43
CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA EM HEGEL	49
II.I Introdução	49
II.II O Professor-Filósofo	49
II.II O Ensino de Filosofia para deficientes visuais	53
II.III Nosso roteiro	61
II.IV O Ensino de Filosofia para crianças deficientes visuais.....	74
II.V Audiobook como ferramenta de ensino-aprendizagem	80
CAPÍTULO III – AUDIOBOOK – AULAS DE PENSAMENTO.....	84
III.I Aulas de Pensamento para adultos.....	84
III.I.I Introdução / O que é Filosofia?	84
III.I.II Quem somos nós?.....	87
III.I.III O que é o Mundo?	90
III.I.IV O que é a Vida?.....	92

III.II Aulas de Pensamento para Crianças	93
III.II.I Introdução/O que é Filosofia?	93
III.II.II Quem somos nós?	96
III.II.III O que é o Mundo?.....	97
III.II.IV O que é a Vida?	98

REFERÊNCIAS	99
Bibliografía primária	99
Bibliografía Secundária	101

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estamos na chamada era Contemporânea, neste tempo, sistemas filosóficos parecem já não ter mais espaço como outrora tiveram. Também não se mostram suficientes para tratar as questões e resolver os problemas atuais. Não falamos mais em unidade, mas sim em pluralidade. Tudo precisa ser múltiplo, transversal, pluridisciplinar. Também não é mais possível dizer a Ciência, como aquela que oferece todas as soluções, e sim as ciências, cada uma com seus paradigmas e com variadas soluções para um único problema.

As ideias são constantemente superadas, na mesma velocidade com que os métodos são utilizados e descartados. Buscamos incansavelmente o novo, novas teorias e soluções inovadoras que respondam questões presentes e futuras. Lidamos com o advento da tecnologia, um ponto importante, que nos revela novos paradoxos, tais como os limites da inteligência artificial ou quais os parâmetros adequados para as questões bioéticas e socioambientais. Envoltos neste emaranhado de dilemas contemporâneos, muitas vezes, acabamos por nos distanciar dos clássicos, dos modernos, ou ainda daqueles que abriram a nossa era¹. Como se o que produziram fosse suficiente para nos trazer até aqui, mas, se queremos avançar, precisaremos produzir mais e melhor. Desta forma, acabamos por nos esquecer que o percurso percorrido por aqueles que nos antecederam, faz parte do itinerário de constituição de nossa própria *Consciência*².

Por outro lado, ao revisitar diversas obras antigas, somos levados, por exemplo, a abrir mão daquela ideia presente no senso comum, de que o passado fosse como roupas velhas que já não nos servem mais. Pelo contrário, constatamos através dessas obras, que existem riquezas produzidas no passado que jamais serão superadas, tais como a obra de Platão. E outras, que, ainda que no seu tempo, tenham passado de forma quase despercebidas, sendo posteriormente resgatadas e estudadas. “É preciso sair da ilha para ver a ilha”³, dizia José Saramago, da mesma forma não nos vemos se não saímos de nós. Tão pouco seremos capazes de compreender o

¹ Segundo Éric Weil, a filosofia de Hegel é considerada a primeira filosofia contemporânea, “Hegel não é somente moderno, pelo fato de não pertencer a uma época que sentimos como passada: ele é contemporâneo, e sua filosofia ainda fala do nosso mundo e não tanto para nós quanto nos fala sobre nós” (Weil, 1991, p. 127), (tradução nossa).

² De acordo com Hegel: “a série de figuras que a consciência percorre nesse caminho é, a bem dizer, a história detalhada da formação para a ciência da própria consciência” (Hegel, 2021a, p.73).

³ “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós”, afirmou José Saramago, na obra *O conto da ilha desconhecida* (1997). Uma alegoria que leva à reflexão sobre a inquietação humana, o desconforto com o lugar comum e o inconformismo com a realidade. José de Sousa Saramago, foi um escritor português, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura (1998) e o Prêmio Camões (1995). Teve sua obra publicada em vários países, especialmente no mundo ocidental. Utilizamos a edição da Editora Companhia das Letras, de 1998.

presente se estivermos fixados somente na imediatez contemporânea. Neste sentido, o resgate de algumas obras é mais do que revisitar o passado, torna-se um efetivo exercício de abstração necessário para o próprio desenvolvimento de nossa consciência.

Ao “sair da ilha” garantimos dois importantes movimentos, a exteriorização (*Entäußerung*⁴) e alienação-estranhamento (*Entfremdung*⁵). A exteriorização, caracteriza-se pelo movimento espiritual de colocar diante de si o outro de si mesmo. São movimentos que cadenciam o processo dialético do constituir-se do espírito: “é no separar-se de si e estranhar-se que o espírito se desenvolve” (Silva, 2013, p. 11). O estranhamento é o fundamento da possível crítica, do questionar e do buscar conhecer.

Portanto, a produção do conhecimento segue o caminho da própria consciência, se reconhecendo a cada momento, alienando-se e voltando para si, confrontando contraditórios em busca de novas sínteses, promovendo sua constante atualização. Neste sentido, vemos a atualidade da obra hegeliana, por nos mostrar que cada passo de nossa consciência foi importante e necessário para nos trazer até aqui. Vamos a Hegel:

A ciência apresenta esse movimento de formação cultural em sua atualização e necessidade (...), A meta final desse movimento é a intuição espiritual do que é saber. A impaciência exige o impossível, ou seja, a obtenção do fim sem os meios. De um lado há que suportar as longas distancias desse caminho, por que cada momento é necessário. De outro, há que demorar-se em cada momento, pois cada um deles é uma figura individual completa (Hegel, 2021a, p.39).

De forma que, mais do que passar por cada uma dessas etapas de desenvolvimento, que se constituem como figuras da consciência, é preciso experienciá-las e aprender com elas. O exame dedicado de cada uma dessas etapas nos levar ao *saber* (*Wissen*⁶), entendido como a

⁴*Entäußerung* corresponde a *entäussern*, “tornar exterior ou externo (*ausser*)”, e significa “renúncia” ou “despojamento”. Nota-se que Hegel usa *Entäußerung*, mas não *Entfremdung*, para referir-se à alienação, isto é, ao ato de despojamento voluntário dos próprios bens. Utilizamos o *Dicionário Alemão*, juntamente ao *Dicionário Hegel*, organizado por Michael Inwood, publicado no Brasil em 1997 pela Editora Zahar, com tradução de Álvaro Cabral e Revisão Técnica de Karla Chediak. Título original: *A Hegel Dictionary*. Tradução autorizada da primeira reimpressão inglesa, publicada em 1993 por Blackwell Publishers, de Oxford, Inglaterra.

⁵ *Entfremdung* corresponde a *entfremden* (“alhear”), de *fremd* (“alheio”). No alto-alemão médio (isto é, dos séculos XII a XV), referia-se a tomar ou roubar os bens de uma pessoa e também à alienação mental, especialmente o coma ou estupor. Mas passou mais tarde a indicar, primordialmente, o estranhamento ou a desavença entre pessoas.

⁶ *Wissen* significa “saber, não ser ignorante de”, próximo do francês *savoir*. Pode ser seguido por um nome (por exemplo, “o modo certo”), “de” (von), “acerca de” (um), “como” ou uma cláusula-que (dass). O substantivo verbal (das) *Wissen* (“o saber, a erudição”) é usado em frases convencionais (por exemplo, “até onde me é dado saber”), para o conhecimento de algo ou num campo particular, e para o saber em geral (por exemplo, “Saber é poder”). É usado por Hegel para “Saber Absoluto”. Já *Wissenschaft* significou originalmente “conhecimento”; mas, a partir dos séculos XVI e XVII, foi usada como equivalente do latim *scientia*, “(uma) ciência, um corpo organizado e coeso de conhecimento; a atividade de aquisição de tal conhecimento”. Aplicasse às ciências naturais (*Naturwissenschaften*) mas está menos estreitamente associado do que “ciência” com as ciências naturais e seus

meta última do espírito. Então nos dedicamos aqui ao exame do início deste caminho, para buscar o saber que ele pode nos proporcionar, sobre tudo, para encontrar o momento *inaugural* do movimento de desenvolvimento da Consciência.

Para isso, é preciso voltar a Platão, é preciso voltar a Kant. Como disse o filósofo alemão, para caminhar com a filosofia e abandonar o senso comum, é preciso “ler até mesmo seus primeiros parágrafos, que proporcionam os princípios universais dos quais depende tudo”. (Hegel, 2021a, p. 65). Ainda que, com o máximo respeito a todos os grandes nomes da história do pensamento, lembramos que mais do que nomes e obras, nos interessa aqui o caminho de da Consciência. Não fosse Platão, não fosse Kant e mesmo Hegel, provavelmente seriam outros, já que como escrito pelo autor da *Fenomenologia do Espírito*⁷: “o verdadeiro tem a natureza de eclodir quando chega o seu tempo, e só quando esse tempo chega se manifesta”. (Hegel, 2021a, p. 66). A partir disso, podemos inferir que suas obras revelam o próprio desenrolar da consciência na história. Naturalmente, não estamos falando aqui de uma história pré-estabelecida, falamos de um caminho que se constrói a si mesmo, desenvolvendo nossa Consciência.

Voltando aos dilemas considerados mais urgentes e contemporâneos, mais do que responder aos atuais problemas ou gerar resultados pré-estabelecidos, sentimos aqui a necessidade de nos inserir verdadeiramente na história. De tal forma que, em breve, os nossos nomes também desaparecerão, ou serão apenas objeto de alguma citação aqui ou acolá. Já que nosso interesse é viver a história, “não sermos lembrados”. Nossa pretensão acaba por ser: tomar *consciência do movimento de nossa própria consciência*.

É com este espírito que vamos a Hegel, buscando a partir da obra do filósofo alemão, aquele que fez o que podemos chamar de o último grande sistema filosófico⁸, percorrer a história do nosso pensamento. Buscamos compreender o roteiro do desenvolvimento de nossa consciência em relação a história universal, não apenas estudar ou compreender o passado.

métodos. Assim, é empregada mais extensamente do que “ciência” o é nos dias de hoje: por exemplo, o estudo sistemático da Arte, Religião, História, Ética, etc., é uma *Wissenschaft*. (A palavra *Geisteswissenschaft* pós-data Hegel e é uma tradução da “ciência moral” de J.S. Mill.) Por conseguinte, é natural considerar a filosofia, desde que seja sistemática, como uma *Wissenschaft* (Inwood, 1997, p.87).

⁷ Publicada em 1807, a obra *Fenomenologia do Espírito*, tendo como o título completo *System der Wissenschaft: Erster Teil, die Phänomenologie des Geistes (Sistema de Ciência: Primeira Parte)*. Foi originalmente concebida como a parte introdutória do sistema que Hegel tinha em vista em seus escritos e conferências de Iena. No inverno de 1805-6 começou a escrever a introdução ao seu sistema, a qual, em conjunto com a Lógica, estavam programadas para ocupar o primeiro volume. Mas a introdução expandiu-se e, no verão de 1806, passou a ser concebida como uma em separada [do próprio sistema] (Inwood, 1997, p.173).

⁸ Michel Foucault defende a ideia de Hegel ter construído o último grande sistema filosófico em suas aulas publicadas no Collège de France. Especialmente “Les Mots et les Choses” (As Palavras e as Coisas) e “L’Ordre du Discours” (A Ordem do Discurso).

Buscamos dar um passo atrás, tal como alguém que se propõe a recuar para pegar impulso. Sim, buscamos nos impulsionar, ou impulsionar nossa consciência para que ela se coloque em movimento possibilitando novas descobertas e experiências. Através do qual buscamos novamente a possibilidade de “estranhamento”, do novo, ou seja, buscamos identificar os primeiros passos do caminho que coloca a consciência em um movimento lógico⁹ e dialético¹⁰.

Nosso itinerário inicia-se com pessoas deficientes visuais, ou seja, cegas e com baixa visão. Pessoas estas, que são atendidas pelo Instituto Sul-Mato-grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC¹¹. Fundado em 1957, o instituto é uma referência no tratamento, reabilitação e apoio pedagógico a adultos e crianças deficientes visuais na Região Centro Oeste do Brasil. Em relação aos adultos, grande parte perderam a visão ao longo dos anos, em decorrência de algum acidente ou pelas mais diversas questões de saúde, e uma pequena parte nasceram cegos. Já as crianças, em grande maioria nasceram com alguma questão genética, que culminou por priva-las da visão. Todos acabaram sendo encaminhados ao instituto, seja através das escolas que frequentam, ou pela rede pública ou privada de saúde.

Façamos aqui três importantes considerações a respeito do itinerário de nossa pesquisa. Em primeiro lugar, quando passamos a acompanhar os trabalhos do instituto ISMAC, percebemos que as pessoas atendidas não contavam com aulas de Filosofia, ainda que lhes era ofertado o ensino e apoio pedagógico em várias outras disciplinas, tais como português, matemática, etc. Desta forma, em sua grande maioria eram privados do acesso aos conhecimentos filosóficos, necessitando de aulas de Filosofia. Porém, antes de ofertarmos as aulas, nos deparamos com a necessidade de elaborar um método que nos possibilitasse

⁹ A lógica, para Hegel, é dividida em três partes principais: 1) *Ser*: Esta é a fase inicial, onde a ideia se apresenta de forma mais imediata e indeterminada. Aqui, os conceitos são abstratos e não diferenciados; 2) *Essência*: A segunda fase é a da reflexão, onde os conceitos começam a se diferenciar e a se relacionar entre si. A essência é o domínio da mediação e da contradição, e; 3) *Conceito*: na terceira fase, a ideia alcança a totalidade concreta e a autoconsciência. O conceito é a síntese dialética das fases anteriores, onde a ideia se torna plena e autorreferente. Ou seja, na filosofia hegeliana, a lógica é a ciência da ideia pura, diferentemente da lógica formal, que trata das formas abstratas sem considerar seu conteúdo, a lógica em Hegel é uma lógica que considera o desenvolvimento interno e a auto-superação dos conceitos. Hegel nos apresenta detalhadamente em à "Ciência da Lógica" (1812-1813).

¹⁰ Na apresentação da 9ª edição da obra *Fenomenologia do Espírito*, publicada pela Editora Vozes em 2021 (com tradução de Paulo Menezes), pontua Henrique Cláudio de Lima Vaz: é sobretudo a descrição de um caminho que pode ser levado a cabo por quem chegou ao seu termo e é capaz de rememorar os passos percorridos” (Vaz, 2021, p.11). E ainda: “A intenção de Hegel na Fenomenologia é articular com o fio de um discurso científico – ou com a necessidade de uma lógica as figuras do sujeito ou da consciência” (Vaz, 2021, p.11).

¹¹ De acordo com seu Estatuto Social: O Instituto Sul-Mato-Grossense Para Cegos Florivaldo Vargas - ISMAC, inscrito na receita federal no CNPJ/MF sob nº 03.271.764/0001-00, é uma associação civil, autônoma, sem fins lucrativos, fundada a 04 de fevereiro de 1957, com sede à Rua 25 de Dezembro nº 262, Jardim dos Estados, Campo Grande, Mato Grosso do Sul. De duração indeterminada, composta de número ilimitado de associados, sem quaisquer distinções de sexo, crença, raça ou categoria social, da qual cuida o presente estatuto, obedecendo ao novo código civil (lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002) artigos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60 e 61. Disponível em <https://ismac.org.br/estatuto-social/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

promover o acesso dessas pessoas, deficientes visuais, aos conhecimentos filosóficos, que fosse inclusivo¹² e não fizesse uso de ferramentas, por assim dizer, visuais.

A segunda consideração, diz respeito a pretensão inicial de nossa pesquisa, a saber, *desenvolver uma metodologia de ensino de filosofia para o público adulto*, para que, ainda que tivessem sido privados dos conhecimentos filosóficos durante grande parte de suas vidas, pudessem ser introduzidos aos mesmos. Com tudo, uma vez iniciados nossos trabalhos¹³, *crianças* que frequentavam instituto se mostraram interessadas pelas aulas de Filosofia¹⁴. Assim, colocou-se à nossa frente a seguinte questão: o método em desenvolvimento se propunha a atender ao público adulto, por outro lado, crianças se apresentaram mostrando-se ansiosos por conhecer a Filosofia. Tínhamos em nossa frente a primeira contradição a ser superada. Este paradigma nos levou a revisitar as bases e o referencial teórico de nossa pesquisa, para que método fosse passível de ser aplicado, tensiona-se a curiosidade, se revelasse agradável¹⁵ e ao mesmo tempo fosse acessível para adultos e crianças.

Em terceiro lugar, encontramos no referencial hegeliano fenomenológico¹⁶, a indicação de que tudo está em constante movimento, em busca de novas contradições a serem superadas, também nossa pesquisa se movimentou, assim como nossas pretensões. A partir de então, nos vimos em uma dinâmica triádica, dentro da qual, se por um lado, tínhamos em desenvolvimento o esqueleto de um método de Ensino de Filosofia para adultos cegos e com baixa visão, por

¹² Ensino Inclusivo: de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva do Ministério da Educação, segundo documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. “A educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas” (Brasil, 2007, p. 01).

¹³ Destacamos que após iniciados os trabalhos fomos contemplados com um Bolsa para Programas de Pós-Graduação Profissionais através da Chamada nº 18/2022 do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação em Mato Grosso do Sul da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento de Ensino, Ciência e Tecnologia do MS - FUNDECT.

¹⁴ Assim que passamos a ofertar as aulas aos adultos, despertou a curiosidade das crianças, já que todos os atendimentos (aulas), são anunciados através do sistema de som, presentes em todas as salas do Instituto Sul-Matogrossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC.

¹⁵ Ao referir-se ao método filosófico, nos diz Hegel que “devemos ter a pressuposição a respeito do excelente: de que seja aplicado e se faça amar” (Hegel, 2021a, p. 51).

¹⁶ Dentre as muitas possíveis citações para a ideia de movimento em busca de atualização, destacamos a seguinte: “O começo do novo espírito é o produto de uma ampla transformação (...), o prêmio de um itinerário muito complexo, e também de um esforço e de uma fadiga multiformes” (Hegel, 2021a, p.29).

outro lado, tínhamos outro público que não poderia ser privado desses conhecimentos: crianças deficientes visuais. Este impasse gerou uma atualização, a saber, uma metodologia de Ensino de Filosofia passível de ser aplicada também para o público infantil.

Nossas aulas começaram a ser ministradas no instituto, em caráter investigativo. Fazíamos avaliações diagnósticas de cada atendimento (aula), para compreender quais os conteúdos e qual metodologia se mostravam mais fecundos. Dessa maneira, passamos a fazer registros em áudios, a respeito da forma que o conteúdo das mesmas, seja para crianças ou adultos. Esses registros deram origem a dois audiobooks e dois livros em braile intitulados *Aulas de Pensamento*¹⁷, um voltado para o público infantil, outro voltado para adultos.

O presente trabalho, não tem a pretensão de encerrar qualquer debate sobre o tema Ensino de Filosofia para adultos e crianças deficientes visuais. Pelo contrário, visa promover o debate sobre novas tecnologias com a finalidade de tornar o ensino mais inclusivo e acessível. Da mesma forma, somos levados a crer que essa pesquisa não parará por aqui, uma vez que esse movimento dialético já fora iniciado. Dessa forma, poderá em breve - através de seu próprio movimento -, promover o surgimento uma nova síntese, através da elaboração de um novo método ou abordagem de Ensino de Filosofia, voltado para pessoas com outro tipo de deficiência, ou para um público de outra faixa etária e assim por diante. Contudo, neste momento, circunscrevemos nosso trabalho nas seguintes premissas: 1) A necessidade de elaborarmos um método de Ensino de Filosofia para pessoas cegas e com baixa visão; 2) O estudo da obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, para através do papel do professor-filósofo como mediador do processo de ensino-aprendizagem, estruturar nosso método; e 3) Encontrar na primeira parte da *Fenomenologia do Espírito*, intitulada *Consciência*¹⁸, a compreensão do primeiro passo a ser dado para colocar a(s) consciência(s) em movimento de busca pelo saber, e, verificar se este primeiro passo poderia ser dado - sem prejuízos - por pessoas deficientes visuais.

O desenvolvimento da presente pesquisa também revelou que a *linguagem* se tornava, cada vez mais, o caminho e o veículo¹⁹ através do qual era manifesto o desenvolvimento dessas consciências. Dessa forma, também abordaremos essa temática mais detalhadamente no capítulo I. Dito isto, não pretendemos aqui fazer um estudo da integralidade da obra FE, nem

¹⁷ O título *Aulas de Pensamento* originou-se de um atendimento a uma criança deficiente visual, por ela referir-se as aulas de filosofia como “aulas de pensamento”. Traremos mais detalhes no capítulo II desta dissertação.

¹⁸ A parte da obra intitulada *Consciência* é composta por três capítulos: 1) *A certeza sensível ou: o Isto ou o ‘Visar’*; 2) *A percepção ou: a coisa e a ilusão, e*; III) *Força e entendimento; fenômeno e mundo suprassensível*.

¹⁹ Lima, afirma no artigo *A Linguagem do Pensamento e o Pensamento da Linguagem*: “A linguagem é, portanto, a um só tempo, o meio e o produto da contraposição interior/exterior” (Lima, 2013, p.181).

ainda realizar um estudo sistemático da primeira parte da obra, intitulada *Consciência*. Mas sim encontrar, através da - e que possa ser manifesto pela - *linguagem*, um primeiro momento que coloque a consciência em movimento de busca pelo conhecimento, essa alienação-estranhamento (*Entfremdung*). Entendida aqui pelo anseio, a necessidade e disposição para a busca de novas experiências, para que com elas, possa se desenvolver.

É bem possível que a demarcação dessa posição inicial, só seja possível após ela mesmo ser superada. Em outras palavras, a pesquisa tem nos mostrado só ser possível indicar o início desse caminho, após estar iniciado nele, bem como, não é o caso de se fazer aqui uma introdução sobre os primeiros passos desse itinerário, desta forma, essa primeira parte do trabalho foi intitulada *Considerações Iniciais* e não de *Introdução*. Notem, que aqui já nos deparamos com outra contradição, estamos em uma parte do texto que poderia ser chamada de *Introdução*, informando que uma introdução não se faz necessária, para as pretensões do presente trabalho. Desta forma, podemos considerar que, juntos ao leitor ou ouvinte, que já iniciamos o caminho.

Dessa forma, abordaremos no primeiro capítulo deste trabalho: 1) Introdução a respeito da chave de leitura adotada na pesquisa e a importância das palavras na obra hegeliana; 2) *Hegel e a língua alemã*, trazendo elementos presentes na escrita do autor; 3) *O alemão filósofo em Hegel e o termo Visar*, abordando o uso do idioma alemão para estabelecer termos filosóficos, bem como, tratando do cerne de nossa pesquisa, que mostra um problema de tradução da obra *original* em alemão para o idioma português; 4) *Fenomenologia e Linguagem*, entendidos como conceitos fundamentais para a compreensão da obra hegeliana; 5) *O “Visar” da Certeza Sensível*, primeiro passo do processo de desenvolvimento da Consciência, e, por fim; 6) *O início do Itinerário da Consciência* segundo a obra *Fenomenologia do Espírito* (FE).

Em tempo, advertimos que nossas escolhas, seja pelo referencial teórico hegeliano, seja pelo nosso público de pessoas deficientes visuais, serão devidamente justificadas no decorrer no trabalho. Bem como, cabe alertar ainda, que não pretendemos fazer uma análise de toda a *concepção hegeliana de linguagem*, nem de todo *movimento fenomenológico da consciência*, também não pretendemos fazer uma comparação da linguagem presente na FE, com outras concepções filosóficas de linguagem, já que nos concentramos em partes bastante específicas da obra. A pretensão de nosso trabalho pode ser descrita a partir das premissas em que nossa pesquisa está circunscrita, ou seja, a partir do pensamento hegeliano, sobretudo demonstrado na primeira parte da obra *Fenomenologia do Espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, identificar o momento primeiro de desenvolvimento da consciência e uma forma de superá-lo. Para, através dele, promover o início do movimento dialético de desenvolvimento da própria

consciência a ser utilizado em nosso método de Ensino de Filosofia. Nosso ponto de partida para tratar esses temas se dá precisamente a partir da investigação do conceito de “Visar²⁰” da Consciência manifesto através da linguagem. Um conceito fundamental para compreensão de como a Certeza Sensível expressa sua verdade, abrindo caminho para a Percepção, segundo momento de seu processo de desenvolvimento. Ocorre que o termo “Visar” inicialmente se mostrou problemático, dificultando nossa pesquisa com o público deficiente visual. Precisamos assim, recorrer a obra *Phänomenologie des Geistes*²¹ no idioma alemão, buscando analisar as palavras originais utilizados pelo autor. Na obra, encontramos o termo “*Meinen*”²², traduzido como “Visar”, nada tem a ver com *direcionar o olhar*²³, mas sim *pensar, acreditar* e sobretudo *opinar*. Tal informação foi determinante para o desenrolar da presente pesquisa²⁴, nos levando a compreender o início do movimento da Consciência. A partir desse movimento, foi possível propor um método de Ensino de Filosofia para pessoas deficientes visuais. Dito de outra forma, buscamos nas raízes e na precisão das palavras utilizadas pelo autor, o significado original do primeiro movimento da consciência em seu processo de desenvolvimento. Desta forma, a busca pela etimologia e pela semântica das palavras serão um tema constante neste trabalho.

No segundo capítulo apresentaremos a prática docente que subsidiou o desenvolvimento do método aqui apresentado, intitulado *Aulas de Pensamento*. Dessa forma, abordaremos: 1) Introdução à *Educação e o ensino de Filosofia em Hegel*; 2) A figura do *Professor-Filósofo* como mediador do processo de ensino-aprendizagem; 3) *O Ensino de Filosofia para pessoas deficientes visuais*; 3) “*Nosso roteiro*” de trabalho e pesquisa; 4) *O Ensino de Filosofia para crianças deficientes visuais*; E finalmente: 5) *O audiobook como ferramenta de ensino-aprendizagem*.

No terceiro e último capítulo são apresentados os textos das chamadas *Aulas de Pensamento*, que deram origem a dois audiobooks e a dois livros em braile, sendo um para adultos, outro para crianças. Cada produto educacional possui linguagem e abordagem

²⁰ Presente no capítulo I da *Fenomenologia do Espírito*, intitulado como *A Certeza Sensível ou: o Isto ou o ‘Visar’*.

²¹ Quando nos referimos ao original em alemão, poderemos também utilizar a sigla PhG.

²² Traremos mais informações sobre o termo *Meinen* e o problema da tradução no Capítulo I.

²³ Segundo definição “2” do *Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara – 1.ª Edição* de Editora Nova Fronteira, 2011. Ou ainda *Visado*: “a que se apôs visto (...) o que está em mira; marcado”, de acordo com definição do Dicionário Unesp do português contemporâneo / Francisco Borba, *et e tal*. Curitiba: Piá, 2011.

²⁴ Inicialmente, o título desse trabalho foi *Linguagem e Intersubjetividade: O Ensino de Filosofia para Deficientes Visuais a partir da perspectiva de Hegel*; posteriormente aventou-se a possibilidade de nominá-lo como *Ciência e Experiência: O Ensino de Filosofia para Deficientes Visuais a partir da perspectiva de Hegel*, e finalmente *O “Visar” da Consciência: O Ensino de Filosofia para Deficientes Visuais a partir da perspectiva de Hegel*.

pensadas para seu respectivo público e trata dos seguintes temas filosóficos: 1) O que é Filosofia? 2) Quem somos nós? 3) O que é o Mundo? 4) O que é a Vida?

As *Aulas de Pensamento* aqui apresentadas, junto aos audiobooks e os livros em braile, constituem um produto educacional a ser implementado em situações reais de ensino de filosofia para deficientes visuais. Foram desenvolvidos através de práticas dialógicas de ensino, que pressupõem o encontro de sujeitos que interagem na construção do conhecimento, implicando, portanto, uma relação horizontal de criação e troca de conhecimento. Os temas são abordados, *visando* a elaboração de um pensamento não dogmático e valoriza a diferença e a alteridade. Entendemos que o ensino de filosofia encontra nessas práticas um meio e um espaço promissor, pois é da natureza da filosofia a dialogicidade, com *vistas* a promover a autonomia do pensamento e da ação dos sujeitos envolvidos, permitindo-lhes a aquisição e a transformação do conhecimento.

A celebre frase do autor de a *Filosofia do Direito*²⁵, “a coruja de Minerva levanta voo ao cair do crepúsculo”, traduz muito bem a atmosfera de nossa pesquisa. Lembramos que as corujas possuem uma excelente visão noturna, além de uma excepcional habilidade de girar a cabeça, permitindo observar toda a “história” ao seu redor. Mas ainda sim, a *sabedoria* e o *conhecimento*, aqui representados pela coruja, não se viam na certeza sensível advinda da capacidade do seu sentido da visão. Antes disso, aguarda calmamente o momento apropriado para alçar voo, o cair do crepúsculo, um momento estranho ao dia e a noite. Ao fazer dessa forma, ela garante para si a busca pela nova experiência, em um momento que não é dia, nem noite, é movimento.

É neste momento que buscamos nos colocar, um momento em que a certeza sensível não se mostra o caminho para expressar as melhores respostas, mas ainda assim ela opina, promovendo em seguida a possibilidade da dúvida e a necessidade da busca pelo novo. Um momento²⁶ de negação, fundante do movimento dialético e da própria filosofia.

²⁵ Obra *Filosofia do Direito* (1821). Seu título completo é *Grundlinien der Philosophie des Rechts oder Naturrecht und Staatswissenschaft im Grundrisse (Fundamentos da filosofia do direito ou direito natural e ciência política em compêndio)*. Em 2010 ganhou na uma nova tradução no Brasil, feita por um grupo de renomados pesquisadores da obra hegeliana, formada por Paulo Meneses, Agemir Bavaresco, Alfredo de Oliveira Moraes, Danilo Vaz-Curado R. M. Costa, Greice Ane Barbieri e Paulo Roberto Konzen. Que apresentaram a obra destacando que “tiveram a preocupação em disponibilizar uma obra que atendesse aos requisitos científicos, ao rigor da escolha terminológica, à fidelidade ao texto original e à expressão da língua portuguesa.” (Menezes, 2010). Esta edição foi publicada pela Editora Loyola; São Leopoldo: Unisinos, 2010.

²⁶ Momento como estágio inicial do processo de desenvolvimento. De acordo com o *Dicionário de Hegel* (1997, p. 386), ao abordar a definição dos verbetes *todo e partes*, *totalidade e momentos*: o adjetivo *ganz* significa “*todo, inteiro*”. Dá origem ao substantivo adjetival (*das*) *Ganze* (“(o) *todo*”). Com frequência, *das Ganze* é correlativo de (*die*) *Teile* (“(as) *partes*” e, no singular, “*parte, porção*”). Contudo, *das Ganze* é também utilizado *para um todo* como uma *mente*, ou um organismo/sistema cujas partes ou não podem ser removidas de maneira nenhuma ou só

CAPÍTULO I: O PRIMEIRO “PASSO” DA CONSCIÊNCIA

I.I Introdução

Partindo do contexto de estudo da obra hegeliana, é possível dizer que a filosofia não tem pressuposições, portanto, a aquisição de significados das palavras são partes integrantes da própria atividade de filosofar. Na exposição de seu pensamento, Hegel, em geral, se utiliza de um termo, sedo que em seguida o desenvolve, para a partir desse desenvolvimento, apresentar o sentido próprio do termo. De forma que o *novo* sentido adquirido, pela “palavra envolve invariavelmente, em uma forma ‘suprassumida’ os sentidos anteriores. uma vez que, na concepção de Hegel, o resultado de um processo temporal ou lógico contém sempre o processo que levou a ele” (Inwood, 1997, p. 25). Ou seja, tanto as palavras, quanto os conceitos são sempre atualizados, de acordo com o processo de desenvolvimento dialético. A interligação desses conceitos, representados, por assim dizer, - por palavras - em um sistema, pode ser considerada a função central do método apresentado por Hegel.

Neste sentido, as palavras ganham fundamental importância para compreendermos o sistema hegeliano. Assim, a linguagem, merece aqui uma especial atenção, já que “o desenvolvimento da consciência empírica leva-a a destituir a linguagem da posição de um instrumento passivo” (Vieira, 2008, p. 37). Ou seja, a linguagem torna-se essencial neste processo dialético relacional, já que sujeito e objeto são diferenciações imanentes a uma e mesma unidade. Ambos são essenciais, sendo que a linguagem participa da configuração do objeto e do sujeito.

A obra *Fenomenologia do Espírito*, tem como um de seus objetivos mostrar as etapas de desenvolvimento da *consciência*. Segundo Vieira, que fez um estudo sistemático da obra hegeliana, “[...] a *Fenomenologia do Espírito* (FE) tem também como objeto as diversas etapas de desenvolvimento fenomênica ou ‘consciência natural’” (Vieira, 2008. p. 17.). Desta forma,

podem sê-lo com danos para a parte removida e as partes remanescentes. Nos referimos a este *momento* participe *do todo*, como nos diz por Hegel no prefácio da *Fenomenologia do Espírito*: “[*Das Wahre isst*] O verdadeiro é o todo. Mas o todo é apenas a essência aperfeiçoando-se através do seu desenvolvimento” (HEGEL, 2022, p. 33). Salientamos ainda que quando Hegel sublinha a concatenação e inseparabilidade recíproca das partes de um todo ou totalidade, chama-lhes frequentemente *Moment(e)* (“momento(s), aspecto(s), elemento(s)”). *Moment* foi tomado no século XVII ao latim *momentum*, que deriva de *movere* (“mover”) e significa “FORÇA movente, ímpeto, impulso”. Passando depois a significar: 1) “Instante, momento (de tempo)”. Hegel não usa a palavra nesta acepção; prefere *Augenblick* (literalmente, um “relance de olhos”) ou das *Jetzt* (“o agora”); 2) “Força motivadora, fator decisivo, circunstância essencial” (Inwood, 1997, p. 389). Ou seja, um *momento* é dito como parte essencial de um todo concebido como um sistema, e fase necessária para todo o movimento ou processo dialético.

cremos ser legítima a tese defendida²⁷ por Vieira (2008), segundo a qual as estações do desenvolvimento da consciência expressam usos de linguagem específicos para cada uma de suas etapas.

Neste sentido, Hyppolite²⁸, afirma: “a consciência se confia na absolutamente à ‘certeza sensível imediata’(...); mas descobre que aquilo que tomava como verdade não o é; perde portanto a sua verdade (Hyppolite, 1999, p. 29-30). Logo em seguida, o filósofo francês faz uma importante consideração, quanto ao “duplo sentido da palavra ‘*Aufheben*’, constantemente utilizado por Hegel” (Hyppolite, 1999, p. 30), afirmando que os significados são essenciais para o entendimento de toda a *Fenomenologia*. Além disso, como profundo conhecedor da obra hegeliana, nos alerta para um momento crucial em nossa pesquisa, o surgimento de um novo saber: “quando a consciência experimenta seu saber sensível e descobre o ‘aqui e agora’ que acreditava sustentar imediatamente lhe escapa, essa negação de seu saber é um novo saber” (*ibid.*).

Mas o que Hegel quis dizer com o uso do termo *Aufheben*? Atualmente o mesmo pode ser traduzido do idioma alemão por *revogar* ou *revogação*, teria este significado para o autor da PhG? E como, precisamente, a consciência se abre para o aparecimento desse primeiro saber? Neste trabalho procuraremos responder essas e outras questões concernentes à obra hegeliana.

Antes disso, ainda no contexto da análise da obra do autor de PhG, alguns estudiosos defendem as investigações da linguagem em dois grupos: 1) A direita linguística hegeliana, formada, por exemplo, por Bodammer e Marx Werner, que considera a interpretação das palavras como “nomes enquanto tais”, defendendo que o pensamento se expressa adequadamente na linguagem e através dela alcança uma dimensão universal, e; 2) A esquerda linguística hegeliana, em oposição a primeira e constituída, por exemplo, por Simon e

²⁷ Publicada no Brasil em 2008, com o título *A desdita do discurso*. Nas palavras do autor, a obra: “é uma convergência entre um estudo sistemático sobre a Fenomenologia do Espírito, por um lado, e a magnitude alcançada pelos estudos sobre a linguagem e o discurso em nossos dias, por outro.” (Vieira, 2008, p.11). O trabalho é fruto de um estudo que buscou identificar o discurso formulado pela consciência natural ou fenomênica em cada uma de suas figuras.

²⁸ Jean Hyppolite publicou a obra *Gênese e Estrutura Da Fenomenologia Do Espírito de Hegel* (1946). Após ter realizado a primeira tradução para o francês da *Fenomenologia do Espírito* (1939), que permaneceu a única disponível durante meio século e serviu como base para aqueles que desconheciam a língua alemã e em especial o alemão peculiar de Hegel. De acordo com Bento Prado Junior, que prefacia a edição brasileira da obra publicada em 1999 pela Editora Discurso Editorial, “a obra de Jean Hyppolite permanece como uma baliza que não podemos perder de vista no presente, para guiarnos não apenas no oceano dos textos hegelianos, mas também na reflexão sobre a nossa experiência contemporânea do mundo (Prado Jr, 1999, p.15).

Hyppolite, considera a linguagem como aquela que nos oferece apenas “nomes representacionais”.

Nesta linha, a linguagem pode se tornar um empecilho para a compreensão e o desenvolvimento do pensamento. Segundo Vieira (2008), uma terceira via, que pode ser representada por Mccumber defende uma tese que promove a conciliação entre essas duas chaves de leitura, segundo a qual, a linguagem em Hegel trabalha ambos os aspectos, considerando “a linguagem como meio (in)adequado para expressar o pensamento em seu autodesenvolvimento sistemático” (Vieira, 2008, p.19). Todos eles, sejam os pesquisadores associados a chamada esquerda ou direita linguística hegeliana, ou ainda Mccumber levam a temática da linguagem muito além das pretensões deste trabalho, mas consideramos importante trazê-los para demonstrar a riqueza deste campo de pesquisa, que possui de linhas de trabalho já bastante estabelecidas.

Com relação a linha de trabalho e as chaves de leitura adotadas nesta pesquisa (ainda em desenvolvimento), não a associamos a esquerda ou direita linguística hegeliana, antes possui mais elementos confluentes a tese de Mccunmber e sobretudo Vieira²⁹. Neste momento, destacamos apenas a necessidade de um estudo aprofundado nas palavras, para a real compreensão da obra *PhG*, que iremos abordar a seguir.

²⁹ Vieira, A. Autor da obra *A desdita do discurso* (2008), que apresenta um sistemático estudo de alguns textos de Hegel. A obra é composta por duas partes: 1) *Consciência e Linguagem nos Projetos de Sistema de Jena 1803 a 1806*, e; 2) *Consciência e Linguagem na seção (A) Consciência na Fenomenologia do Espírito*.

I.II Hegel a língua alemã

As informações a seguir buscam explicitar o minucioso trabalho de pesquisa realizado, que envolveu a leitura de cada nota de rodapé e nota dos tradutores das edições da PhG que tivemos alcance. Nosso esforço se deu com a finalidade de sermos o mais fiéis possível a cada palavra utilizada pelos tradutores, mas sobretudo as palavras utilizadas pelo autor da FE.

Não obstante, a leitura dos textos hegelianos é especialmente difícil para ensinar alunos iniciantes, mesmo aos leitores do idioma alemão, que dirá a partir de traduções. Segundo Prado Jr., “mesmo leitores alemães, na esperança de melhor compreender esse texto difícil” (Prado Jr, 1999, p.12), debruçaram-se, por exemplo, na tradução francesa do historiador e filósofo Jean Hyppolite. Nesse sentido, a busca pela compreensão da sistemática interconexão do pensamento hegeliano e seu vocabulário, exigiu uma análise minuciosa de vários textos do autor, ainda que nossa pesquisa versasse sobre o ponto inicial do processo de desenvolvimento da consciência de acordo com a primeira parte da FE.

Ocorre que para muitas palavras alemãs importantes na obra hegeliana nem sempre existe um equivalente estabelecido em nosso idioma. Dessa forma, alguns termos foram traduzidos de acordo com o contexto dentre o qual está inserido, por exemplo, *aufheben* tem sido traduzido como “suprassumir”, mas também como “sublimar”, “anular”, “ab-rogar”, “cancelar”, “fundir”, “integrar”, etc. (Inwood, 1997, p. 07). Tantas possibilidades constituem-se como uma dificuldade considerável a ser superada, quando buscamos um refinamento dos conceitos a partir das palavras utilizadas, bem como, fidelidade aos vocábulos utilizados pelo autor em sua obra original.

Além do alemão, Hegel possuía excelente domínio de idiomas como grego e latim. A língua alemã, pertence ao grupo germânico ocidental de línguas e está, assim, estreitamente vinculado ao inglês. Segundo Michael Inwood (1997), na apresentação do *Dicionário Hegel*³⁰, ainda assim, a língua alemã difere da língua inglesa em vários aspectos, “sendo um dos mais importantes o fato de ser uma língua bastante flexionada: a estrutura gramatical de uma frase alemã é transmitida pelas desinências de substantivos e verbos, assim como pela ordem das palavras”. (Inwood, 1997, p. 13). Destacamos também, que em relação as diferenças para com

³⁰ Dicionário Hegel, organizado por Michael Inwood e publicado em 1992 pela Blackwell Publishers. Foi traduzido para nosso idioma por Álvaro Cabral e publicado pela Editora ZAHAR em 1993. Em 2013 ganhou uma edição digital, a que utilizamos. No próximo subcapítulo, traremos mais detalhes que consideramos relevantes a respeito da obra do organizador.

outros idiomas, o fato de todo substantivo alemão poder ser classificado em três gêneros: masculino, feminino e neutro. De forma que o gênero do substantivo não coincide necessariamente com o sexo do objeto indicado, por exemplo, *Mensch* (homem, ser humano) é masculino e *Frau* (mulher, esposa) é feminino, mas *Weib* (mulher, esposa) e *Fräulein* (mulher jovem) são neutros.

O idioma alemão possui um artigo definido, *der*, e um artigo indefinido, *ein*. Ambos variam de acordo com o gênero e o caso do substantivo em questão. O artigo indefinido, *ein*, também significa o numeral cardinal “um”: por exemplo, *eine Frau* significa (uma mulher) tanto quando se refere a um ser qualquer do gênero feminino, ou *eine Immobili* (um imóvel) e como quando designa de maneira absoluta um determinado ser desse gênero. Além disso:

A língua alemã é mais propícia do que o inglês (bem mais do que o francês e demais línguas neolatinas) para combinar palavras a fim de formar outras mais complexas, em geral com significados que não podem ser imediatamente inferidos dos significados de seus constituintes. Relacionado à facilidade para a composição de palavras está o fato (ou o suposto fato) de que o alemão, à semelhança do grego antigo mas diferentemente do inglês e do francês, é uma língua “original (ursprüngliche)”. Essa ideia remonta a Vico, que afirmou ser o alemão uma “língua heroica viva”, mas foi popularizada na Alemanha sobretudo por Herder e por Fichte³¹ (Inwood, 1997, p.16).

Ao apresentar as características da língua utilizada pelo autor de PhG³², o organizador do *Dicionário Hegel*, traz algumas informações sobre a origem dos idiomas e suas raízes mais primitivas. Dizendo que nos primórdios, a linguagem dependia de imagens e metáforas, sendo orientada por uma *lógica poética*. Por exemplo, o homem primitivo não dizia “estar irado”, mas que lhe fervia o “sangue no coração”. Porém, em algumas línguas, como o inglês, essas as raízes foram sendo deixadas para traz com o desenvolvimento da língua, em grande parte pela importação de termos estrangeiros cujos significado dos originais não são evidentes para os falantes da língua original.

³¹ O Dicionário Hegeliano, traz a informação que na obra *The New Science of Giambattista Vico*, traduzida da 3ª edição (1744) por T.G. Bergin e M.H. Fisch. Vico acrescenta que o alemão transforma quase todos os nomes de línguas estrangeiras em seus próprios” (§445). Considerando como uma “uma língua-mãe”, já que as nações estrangeiras nunca entraram no país para governá-lo”, na qual “as raízes são todas monossilábicas” (§452), e que “preserva intactas suas origens heroicas – até em excesso – sendo essa a razão (...) por que as palavras compostas gregas podem ser adequadamente traduzidas em alemão, sobretudo em poesia” (§471). J.G. Herder, que também examina a originalidade da língua, em *Über den Ursprung der Sprache (Sobre a origem da linguagem)*, publicado em 1772, destaca que na obra *Reden an die deutsche Nation (Discursos à nação alemã)* de 1808, que Fichte argumenta que o alemão, em contraste com as línguas românicas, é uma língua original. Ver também I. Berlin, Vico and Herder: Two Studies in the History of Ideas (Londres: Hogarth, 1976, p.16).

³² Obra *Phänomenologie des Geistes*.

E continua sua demonstração, com os exemplos:

o inglês *object* (“objetar, contrapor”) deriva do particípio passado, *objectum*, do verbo latino *obicere* (ob-icere), “lançar contra”, e assim significou originalmente “aquilo que é lançado contra”, o que não é evidente para os falantes da língua inglesa, uma vez que *object* foi tomado como um todo do latim e *ob*, *ject* e *icere* não possuem significados independentes em inglês (Inwood, 1997, p.16).

Em contrapartida o alemão tem menos empréstimos estrangeiros, “em especial, porque os alemães estiveram menos sujeitos a invasões estrangeiras do que os ingleses” (Inwood, 1997, p.16), preservando assim as raízes primitivas da língua. Apesar desta suposta originalidade, o alemão apropriou-se de muitas palavras estrangeiras, sobretudo latinas, incorporando-as, por exemplo, além de *Gegenstand* (objeto), existe *Object* ou *Objekt* a maneira germânica, ambos com o mesmo significado. Ainda assim, a crença geral para os falantes da língua é de que suas raízes foram preservadas (Inwood, 1997).

Com efeito, o sentido original de *Augenblick* (“relance de olhos”) é evidente para o alemão, enquanto que os de seus equivalentes ingleses – *moment*, do latim *movere*, “*mover, pôr em movimento*”, ou ainda *instant*, do latim *instare*, “*estar de pé em estar iminente*, não são facilmente acessíveis aos falantes da língua inglesa. O exemplo do *Augenblick* é emblemático, uma vez que nosso trabalho questionará a tradução de Paulo Menezes do termo *Meinen* por “*Visar*”.

Em suma: as palavras utilizadas pelo autor da obra *Phänomenologie des Geistes*, precisam ser analisadas com rigor, bem como, para acompanhar os níveis de desenvolvimento do sistema hegeliano é preciso muitas vezes retornar ao original alemão. Outro ponto que merece atenção é o chamado *alemão filosófico de Hegel* que cunhou muitos termos utilizados em seu sistema, abordaremos essa importante questão na parte do texto a seguir.

I.III O alemão filosófico em Hegel e o termo “*Visar*”

A filosofia tradicionalmente distingue os termos aplicáveis a *coisas*, como *ser* ou *causalidade*, de termos aplicáveis aos pensamentos ou ao discurso, tal como *verdade* ou *juízo*. Já em nosso contexto de estudos, uma “característica impressionante da reconstrução linguística de Hegel é a sua transferência ampla de termos subjetivos para o domínio objetivo” (Inwood, 1997, p. 28), ao estabelecer que tanto *coisas* como *conceitos* podem ser verdadeiros, contraditórios, etc. Nesse sentido, podemos observar nas palavras utilizadas por Hegel um dos traços centrais “do seu idealismo a crença em que o pensamento não é distinto das coisas, mas está inserido nelas e é responsável por sua natureza e desenvolvimento”. (Inwood, 1997, p. 28).

Para melhor compreensão desses termos, buscamos a obra do pesquisador e organizador do dicionário hegeliano falecido em 2022, que segundo obituário³³ publicado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Oxford, “era especialmente conhecido por seu trabalho sobre Hegel e Heidegger”. (Oxford, 2022). O documento emitido pela universidade destaca também a sua “capacidade excepcional, não apenas para se envolver com o que era profundo nesses filósofos notoriamente difíceis, mas para fazê-lo de uma maneira que tornava acessível sua profundidade”. (Oxford, 2022). As “complexidades do alemão de Hegel são difíceis de deslindar para os que falam a língua alemã. Mas as dificuldades são multiplicadas para os que falam outras línguas”. (Inwood, 1997, p. 28). Salientando, sobretudo, o fato de certos termos filosóficos utilizados por Hegel têm significados e usos a que não corresponde exatamente uma única palavra de outra língua.

Continua o filósofo:

“o caso torna-se ainda mais complicado quando a palavra alemã, seja ou não diretamente derivada do latim ou grego, é influenciada, em seu prévio desenvolvimento e/ou no uso dela por Hegel, por um equivalente latino ou grego: não se pode entender, por exemplo, o uso de *Schicksal* (“Destino”) sem conhecer alguma coisa de uma série de palavras gregas relacionadas a esse conceito. (Inwood, 1997, p. 28)

³³ Publicação de 04 de janeiro de 2022, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Oxford, Disponível em <https://www.philosophy.ox.ac.uk/article/michael-inwood-1944-2021> (acessada 15 de agosto de 2023).

Não obstante, Hegel efetuou uma transformação radical daquilo que pode ser chamado de *o alemão filosófico*, constituído até então sobretudo da tradição wolffiana³⁴ e kantiana³⁵. O autor da *PhG*, além explorar da melhor forma os recursos existentes em seu idioma nativo, cunha termos importantes com significados bastante precisos. No prefácio a segunda edição de *Ciência da Lógica*, Hegel nos diz que o alemão tem muitas vantagens sobre os outros idiomas modernos, já que muitas de suas palavras não somente têm a propriedade de se prestar a diferentes significados, como também pode até apresentar significados opostos, podendo assim, ser usadas com fins filosóficos. Um bom exemplo, seriam os termos: *an sich, für sich e an und für sich* (em si, para si e em e para si), *an und für sich sein* é “*ser em e para si*”, e em Hegel isso transforma-se em *das Anundfürsichsein* (*ser-em-e-para-si*) ou, simplesmente, *das Anundfürsich*.

Ainda segundo Inwood (1997), outras características presentes na escrita hegeliana podem ser observadas, por exemplo, na redefinição de sentidos ou reconstrução de palavras. Hegel articula uma complexa interação entre seus sentidos comuns na filosofia e no discurso corrente. Dessa forma, *unendlich* (infinito), tem o significado de *não* (*un-, in-*) ter *fim* ou *limite* (*Ende, finis*). Podendo ser aplicado a uma série infinita (numérica, por exemplo, 1, 2, 3, etc.) ou extensão (de espaço ilimitado) e a uma deidade infinita.

Observa-se que o sentido atribuído por Hegel a uma palavra nunca está totalmente dissociado de seu uso ordinário ou anterior uso filosófico. Com frequência, o autor estabelece uma conexão entre a etimologia de uma palavra, indicando o seu sentido *atual* e o novo, que lhe é atribuído. Vejamos: *Sittlichkeit* está relacionado à palavra corrente para *costume, Sitte*, e Hegel pôde assim supor que ela significou originalmente *costumeyiro*, em vez de moralidade *individual*. “Inclina-se mais para explorar a etimologia de palavras do vernáculo do que de apropriações, uma vez que *Moralität* também deriva da palavra latina para ‘costume’. Porém, recorre a etimologias estrangeiras quando surge a ocasião. (Inwood, 1997, p. 23). O alemão filosófico de Hegel, também faz uso do recurso do artigo definido neutro à forma infinitiva: *das Erklären* (*explicar, explicação*), *das Aufheben* (*o suprasumir*), *das Bestimmen* (*o determinar*).

³⁴ Christian Wolff (1679-1754), de acordo com Inwood, o filósofo, originalmente matemático, “acreditava que a filosofia devia ser apresentada com clareza e rigor matemáticos. Em sua opinião, quando um termo é apresentado, deve-se defini-lo claramente evitando empregá-lo depois em sentido diverso do que lhe foi a princípio atribuído. Não é aconselhável usar dois ou mais termos sinonimamente” (Inwood, 1997, p.19).

³⁵ Immanuel Kant (1724-1804), para Inwood, o pensador não estava especialmente interessado na linguagem como tal, mas, em virtude do poder, clareza e natureza sistemática de seu pensamento, foi duradouro o impacto que provocou sobre o vocabulário e o estilo filosóficos alemães” (Inwood, 1997, p.19).

Dessa forma, apresentadas algumas características da língua alemã e da escrita hegeliana, vamos a questão central em nossa pesquisa: na FE o termo *Meinen* foi traduzido como “Visar”, segundo a tradução de Paulo Meneses³⁶ publicada pela Editora Vozes e amplamente utilizada no Brasil. Porém, quando recorremos a obra original *Phänomenologie des Geistes*, e analisamos mais detalhadamente as palavras utilizadas pelo autor, observamos que o termo *Meinen*, em alemão, advém do verbo *meinen*, que designa *opinar*.

Ao constatarmos este impasse, fomos levados a consultar outras traduções da PhG. A palavra “Visar” também é utilizada na edição portuguesa³⁷ traduzida por Barata-Moura para Portugal. Já na edição espanhola³⁸ traduzida por Gómez Ramos, utilizada na Espanha e distribuída também na Argentina, o vocábulo *Meinen* é traduzido por *mi opinión que quiero intimamente decir*, ou em português, *minha opinião que eu quero intimamente dizer* (Hegel, 2010, p. 49, tradução nossa). Na primeira versão espanhola traduzida por Wenceslao Roces³⁹ e também utilizada no México, o termo *Meinen* é traduzido como *Suposición*, ou em português *suposição*. Esta última é acompanhada por uma curiosa nota do tradutor, que diz: “Finalmente, para destacar a terminologia, em nossa opinião a mais discutível, que o muito difícil e tão debatido *Meinung* hegeliano, *meinen* é traduzido aqui como “suposição” e “supor”⁴⁰ (Roces, 1966, p. 3, tradução nossa).

Na edição francesa *La Phénoménologie De L’Esprit* de Hyppolite, o título do primeiro capítulo é traduzido por *La Certitude Sensible, Ou le Ceci Et Ma Viseé⁴¹ du Ceci*, que se traduzido do idioma francês para o português temos: *A Certeza Sensível, Ou o Isto e Minha Apreensão do Isto* (tradução nossa). Nesta edição, o título é acompanhado por uma nota de rodapé, donde o tradutor informa:

Meinung geralmente é traduzido como opinião; Mas nesse texto foi muito difícil traduzir o verbo “meine” para opinar. Hegel contrasta *meinen* com *wahrnehmen*, A certeza sensível se eleva a isso que não é efetivamente tomado. Traduzimos *meinen* por objetivo e *meinung* por opinião. Hegel aproxima *inein* e *meinen*, sugerindo assim o caráter subjetivo da certeza sensível; para preservar Pideus, traduzimos *meinen* no título como “meu objetivo disso”(Hyppolite, 1939, p. 81, tradução nossa).

³⁶ A tradução de Paulo Menezes da obra *Phänomenologie des Geistes* para o idioma português (BR) contou com a colaboração de Karl-Heiz Efken e José Nogueira Machado.

³⁷ Edição de Lisboa: Editora Avante, 2021b. Tradução de Jose Barata-Moura e revisão de Isabete Polidoro Lima.

³⁸ Edição da Universidade Autónoma de Madrid, 2010. Tradução de Antonio Gómez Ramos.

³⁹ Edição *El Colégio de Mexico*, 1966. *Colección de textos Classicos*, colaboração de Ricardo Guerra.

⁴⁰ No original em espanhol: “Señalaré por último, para poner de relieve la terminología, a juicio nuestro, más discutible, que el difícilísimo y tan debatido *Meinung*, *meinen* hegeliano aparece traducido aquí por “suposición” y “suponer”.

⁴¹ O termo francês *Viseé* também pode ser traduzido para português por “Visada”. Mas adiantamos que não deve se confundir com o termo “visada” utilizado pelo filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Já que trabalhamos com textos anteriores a obra de Husserl, anteriores inclusive, ao seu nascimento.

Uma edição francesa mais recente⁴², feita por Jean-Pierre Lefebvre (Aubier, 2012), apresenta o título do primeiro capítulo da PhG de forma diferente: *La certitude sensible, le ceci et le point de vue intime*, que em português pode ser traduzido como: *A certeza sensível, o isto ou meu íntimo ponto de vista* (tradução nossa). Na edição, o título também é acompanhado por uma nota explicativa a respeito do termo original *meinen*:

Das Meinen. De acordo com os usos e significados desse verbo, que é muito comum na linguagem popular forma pré-discursiva de consciência do mundo externo, que enfatiza a dimensão subjetiva, individual e ainda subjetiva, individual e ainda interior da experiência, antes da identificação por meio da percepção. Ou, se preferir uma apreensão pobre e defeituosa. Tão pobre que não pode nem mesmo ser uma ilusão (Lefebvre, 2012, p. 73, tradução nossa).

Retornando ao nosso país, o termo “Visar” é mantido em todas as edições da Editora Vozes, desde da primeira publicação da FE feita, ainda em duas partes⁴³, até a sua 9ª edição, a atual publicada em 2021a.

No entanto, curiosamente, na edição publicada em 1989⁴⁴, feita por Henrique Vaz, o termo *Meinen* é traduzido por *Opinar*. O fato chama atenção, pois além de Vaz escrever também a apresentação da Editora Vozes, na obra, consta uma *nota do tradutor*, escrita por Menezes, através da qual em tom elogioso, o tradutor informa que fora levado e empreender no trabalho de tradução⁴⁵ e influenciado pelo próprio Vaz. Deixando registrado seu agradecimento “a quem consultamos [Henrique Vaz] todo o tempo nas inúmeras dúvidas e dificuldades que surgiram na sua execução” (Vaz, 2021, p. 09).

Constituiu-se aqui, outro importante momento a ser superado⁴⁶ em nossa pesquisa. Ora, se temos como público alvo de nossa pesquisa pessoas deficientes visuais, a palavra *visar*, em quaisquer um de seus significados possíveis, já se torna bastante significativa. Muito mais se mostrar um possível problema de tradução. Ocorre que, se estamos falando de ciência, de acordo com o referencial hegeliano, ela deve ser demonstrada. Para ser demonstrada, a ciência

⁴² Publicada inicialmente em 1991, e posteriormente em Flammarion, Paris, 2012.

⁴³ Publicada em 1992, a obra *Fenomenologia do Espírito* foi dividida em duas partes pela Editora Vozes e fez parte da coleção intitulada *Pensamento Humano*.

⁴⁴ Edição integrante da coleção *Os Pensadores da Abril Cultural*.

⁴⁵ Para ser fiel as palavras do tradutor, diz ele: “Queremos protestar nossa gratidão a Henrique Vaz que nos levou a empreender esta tradução, e a quem consultamos todo tempo nas inúmeras dúvidas e dificuldades que surgiam na sua execução” (Menezes, 2021, p. 09)

⁴⁶ O primeiro implica no fato de crianças solicitarem acesso aos conteúdos filosóficos.

se utiliza de uma linguagem rigorosa. Dessa forma, fomos levados a rever as bases lógico-epistemológicas dos termos da linguagem aqui utilizada.

Nesse sentido, quando buscamos os significados dos termos em nosso idioma, por exemplo, no *Dicionário da língua Portuguesa*⁴⁷, para o vocábulo *Visar*, encontramos as seguintes definições: 1) *Ter como alvo ou objetivo, ou;* 2) *Direcionar o olhar para; mirar.* Relacionando-o ao termo *visão*, entendido como o *sentido*⁴⁸ que capta as imagens por meio dos olhos. Já quando vamos em busca do termo *opinar* encontramos: 1) *Expressar opinião sobre algo ou alguém;* 2) *Considerar, refletir, entender.* Agora, de acordo com o Dicionário Alemão⁴⁹, *meinen* significa: 1) *Opinar, ou;* 2) *Pensar, achar, julgar, considerar, querer dizer.* Por sua vez, quando buscamos a definição do vocábulo *Opinar*, encontramos: 1) *Expressar opinião, sobre algo ou alguém, ou* 2) *Considerar, refletir, entender.* Tornando claro, por exemplo, que as edições espanhola e portuguesa (traduzida por de Henrique Vaz) apresentam traduções mais adequadas para o termo: *querer dizer, opinar.*

Ora, é justamente o que a Certeza Sensível faz, ao *querer dizer* ou buscar *expressar* a sua verdade. A certeza sensível é a primeira figura da consciência natural que aparece na *Fenomenologia do Espírito* buscando afirmar, a partir de sua própria experiência, seu critério de verdade, advindo da imediatez do conhecimento. Inicialmente, ela concebe o mundo como algo distinto, separado e, portanto, independente de si. Esse saber imediato da certeza sensível confia obter a verdade do objeto e do mundo através dos sentidos, pensando que eles são exteriores à consciência, não se dando conta que eles – os sentidos – também operam dentro de seus próprios limites.

[*Derkonkreteinhalt*] O conteúdo concreto da certeza sensível faz aparecer imediatamente essa certeza como o mais rico conhecimento, e até como um conhecimento de riqueza infinda, [...] a certeza sensível aparece com a mais verdadeira, [...]. Mas, de fato, essa *certeza* se faz passar a si mesma pela *verdade* mais abstrata e mais pobre (Hegel, 2021a, p. 85).

É possível dizer que o primeiro capítulo da FE pode ser entendido como uma crítica a ideia de conhecimento imediato. Mas sobretudo, através dele, Hegel nos mostra a primeira

⁴⁷ Foram consultados vários dicionários de Língua Portuguesa, de forma que aqui apresentamos as definições mais presentes dentre as obras pesquisadas.

⁴⁸ Um dos cinco *sentidos* do corpo humano que lhe possibilita interagir com o mundo exterior, através dos quais são enviadas ao cérebro as sensações.

⁴⁹ Extraído do Dicionário semibílingue para brasileiros -Alemão, organizado por Renate Wahrig-Burfeind, publicado pela Editora Martins Fontes, 2011.

forma da consciência, ou o início do movimento dialético de seu desenvolvimento. A busca da consciência por *opinar* a sua verdade. Abordaremos detalhadamente as etapas desse movimento na parte seguinte do texto, intitulada *O “Visar” da Certeza Sensível*.

Concluimos que, a tradução de *meinen* por *visar*, não se mostra adequada ao sentido original pretendido pelo autor da PhG. Não se trata de *visar*, trata-se de *opinar*. O movimento através do qual a consciência busca expressar a sua primeira certeza, que recebeu o nome, por Hegel de *Meinen*. Salientamos que não é nossa pretensão levantar suspeita - sobre - ou questionar o ardo e minucioso trabalho de tradução realizado por Menezes na obra PhG, antes acatamo-la integralmente. Lembramos ainda, que além de nossa pesquisa estar circunscrita a partes muito específicas da obra, temos também objetivos bastante delimitados. Indicamos aqui apenas um problema de tradução com relação ao termo *meinen*. Que ficou cada vez mais evidente pelo fato de trabalharmos com Deficientes Visuais.

Alguns outros comentadores⁵⁰, já chamaram atenção para possíveis erros de tradução da obra hegeliana para a língua portuguesa, especialmente para o Português de Portugal e o Português do Brasil. Diante disso, fez-se necessário uma rigorosa busca pelo significado filosófico do termo. Que naturalmente, pode ser decisivo para o desenvolvimento dos estudos da obra hegeliana em países falantes do idioma português, como o caso do Brasil.

⁵⁰ Silva, publica na *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos* (2008), um artigo intitulado *Uma consideração especulativa sobre a bibliografia hegeliana em Língua portuguesa: Algumas notas críticas aos lançamentos mais recentes (2007/2008)*. O estudo analisa a produção em língua portuguesa a respeito da obra de Hegel de um período de 15 meses, entre janeiro de 2007 e maio de 2008. Contudo não trata o termo *meinen*. Já Amaral (2021), em artigo intitulado *A percepção na Fenomenologia do Espírito*, publicado na *Revista Filogênese de Pesquisa na Graduação em Filosofia da UNESP*, indica, através de uma nota de rodapé um possível problema na tradução justamente do termo *meinen*.

I.IV Fenomenologia e Linguagem

Expostas as bases do nosso trabalho, podemos agora tratar do fio condutor que orientou nossa pesquisa, a obra *Fenomenologia do Espírito*, precisamente no primeiro capítulo, intitulado: “*A certeza sensível ou: o Isto ou o Opinar*”⁵¹. Além disso, em nossa exposição buscaremos articular alguns elementos do sistema hegeliano asseverados em obras como os *Discursos sobre Educação* e a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, que se mostraram importantes para o estabelecimento do método aqui proposto. A investigação aqui realizada, buscou compreender como a consciência consegue superar seu primeiro desafio, abrindo caminho para experienciar as próximas etapas, expostas por Hegel na FE nos dois capítulos seguintes da obra: “*A percepção ou: a coisa e a ilusão*”⁵²; e “*Força e entendimento, fenômeno e mundo suprassensível*”⁵³. Bem como, para que a mesma, possa percorrer todo o seu itinerário de desenvolvimento em busca do saber.

Caminho esse, que procuraremos apresentar uma síntese de sua estrutura neste trabalho. Os três capítulos iniciais da FE, mostram as três primeiras figuras da *Consciência*. Buscamos através deles – mas sobretudo a partir do estudo da passagem da primeira para a segunda figura – compreender como se dá o início do processo dialético fenomenológico de desenvolvimento, e se, de acordo com o referencial hegeliano, haveria algum prejuízo para a consciência de uma pessoa deficiente visual no acesso aos conhecimentos filosóficos, em função de sua deficiência.

Destacamos a importância da *linguagem* na constituição da consciência e da *intersubjetividade*. Já que em todas as etapas percorridas, da certeza sensível até o alcance do saber absoluto manifesta-se a linguagem, em uma relação intrínseca com o pensar, expressando o movimento do desenvolvimento do Espírito.

Na FE, vemos que a consciência vai se apropriando cada vez mais da linguagem e com esta ela evolui. “De modo que tornar-se cada vez mais complexa em cada etapa do sujeito em seu papel de mediadora e na função de apreensão da realidade” (Carneiro, 2007, p. 12). Desta forma, a necessidade da linguagem cresce na medida em que o *Eu* caminha para o saber absoluto, da mesma forma que através da ambiguidade da língua que o *Eu* encontra contradições que servem para o exercício dialético do pensamento ou da razão.

⁵¹ No idioma original: *Die sinnliche Gewißheit; oder das Diese und das Meinen*.

⁵² No idioma original: *Die Wahrnehmung; oder das Ding und die Tauschung*.

⁵³ No idioma original: *Kraft und Verstand, Erscheinung und übersinnliche Welt*.

Dito isto, torna-se claro que linguagem e dialética⁵⁴ estão intimamente ligadas. Já a subjetividade em Hegel é constituída pela objetividade, pela presença do *Si* da cultura e conseqüentemente, pela *linguagem*. Assim, a relação da *linguagem* e da *intersubjetividade* permite a elaboração de representações e ao pensamento produzir conceitos. Enfatizamos, portanto, a partir do referencial hegeliano, que a linguagem e o pensamento diferenciam o homem de todos os seres vivos, ao se reconhecer em um lugar privilegiado, como detentor do *logos*⁵⁵.

Ainda com relação as questões de ordem lógico-epistemológicas. A palavra “fenomenologia” (*phänomenologie*) tem sua origem no grego *phainomenon*. Ela está ligada a aparência, tendo sua raiz no *lógos*, que significa “razão”, “doutrina”. Introduzida no idioma alemão no século XVII como *phänomen* assume significados ambíguos de “aparente” e “aparecer” “em contraste a realidade dos fatos” (Inwood, 1997, p. 169), ou seja, aquilo que aparece ou se torna visível.

De acordo com Gomes Neto (2011):

Na filosofia hegeliana, fenomenologia significa aquilo que aparece e carrega em si a absolutez da verdade, sentido distinto de sua semântica original: teoria da aparência. Desde sua tese de doutoramento (1801), Hegel anuncia sua preocupação filosófica com a carência da filosofia de sua época em ter sido reduzida à lógica e ao problema do sistema. A Fenomenologia do espírito foi passo significativo à tarefa de desfenomenalização do saber fenomenal – ponto de partida dos filósofos modernos – e refenomenalização da consciência em outros patamares (Gomes, 2011, p. 58).

A fenomenologia⁵⁶ é adotada como *método do desenvolvimento*, ou seja, como “um procedimento da ciência em relação ao saber fenomenal e como investigação e exame da

⁵⁴ Tratamos aqui da dialética como um todo, um *movimento*. Contudo, para sermos mais precisos, recorreremos a obra *Epistemologia Hegeliana* (2021), nela Bavaresco e Orcini afirmam que Hegel usa a dialética em diferentes dimensões tais como: 1) *Dialética da contradição*: em que Hegel critica os princípios enunciados em seu sentido apenas dualista e excludente; 2) *Dialética conceitual*: através da qual explicita a forma e o conteúdo dos conceitos começando da qualidade mais imediata de uma categoria através de sucessivas mediações; 3) *Dialética relacional*: os conceitos são articulados como redes categorias relacionadas em estruturas reflexivas que diluem toda a realidade dada para que se torne efetiva; 4) *Dialética do em si e do para si*: a distinção entre em si e para si originou-se com a lógica e epistemologia kantianas, que separam a coisa em si e a coisa como aparece para nós; e, 5) *Dialética sócio-histórica*: donde o desenvolvimento dialético articula-se como um silogismo que permite conhecer na sociedade e na história o processo em que as particularidades de um contexto são incluídas na universalidade de uma estrutura singular quer seja, na Natureza ou no Espírito. A obra *Epistemologia Hegeliana* foi publicada no formato de capítulo de livro pela EDIPUCRS. A esse respeito também consultamos Zen (2018). *O Método dialético na História do Pensamento Filosófico Ocidental*. Vide referências.

⁵⁵ Do grego *λόγος*, em português *razão*.

⁵⁶ Segundo Hyppolite, o primeiro a utilizar a expressão fenomenologia teria sido J. H. Lambert, em sua obra *News Organon oder Gedanken uber dier Enforschung und Bezeichnung des Wahren und dessen Untersche von Irrtun und Shcein*, publicada em 2 Bande, Leipzig, 1764. Lambert fala de uma Fenomenologia ou doutrina da aparência

realidade do conhecer fundamentado na razão” (Hegel, 2021a, p. 75). Esse é o ponto de partida para o que Hegel chama de *experiência*, a saber, o “*movimento dialético (dialektische bewegung)* que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, enquanto dele surge o novo verdadeiro para a consciência” (Hegel, 2021a, p. 77).

A experiência no sistema hegeliano, assume uma inseparabilidade entre sujeito e objeto, expressa no próprio movimento de consciência:

De forma que uma primeira aproximação do conceito de fenomenologia para Hegel nos revela a inseparabilidade principal entre sujeito e objeto, contingência e realidade, externo e interno, e nos apresenta o processo da formação humana a partir do saber fenomenal, circunstancial e histórico. Ela é a tradução gnosiológica daquilo que se apresenta à consciência ou ao saber fenomenal (Gomes, 2011, p. 3).

A consciência então realiza suas primeiras experiências através do saber (*wissen*) fenomenal, para dessa forma, estabelecer o seu próprio padrão de medida do saber, em busca da verdade. Esse é o início de um longo e laborioso processo da consciência, através do qual se fará surgir estranhamentos e contradições a serem constantemente superadas, em busca do saber universal. A Fenomenologia se constitui como o caminho de um novo tempo⁵⁷ para a consciência, um tempo em que ela se encontra em todas as suas potencialidades.

Dessa forma, encontramos aqui o *ponto de partida* para o nosso método, evidenciado por Hegel no prefácio da FE, como o que podemos chamar de o momento inicial dessa consciência pronta para vivenciar novas experiências:

O começo do novo espírito é o produto de uma ampla transformação de múltiplas formas de cultura, o prêmio de itinerário muito complexo, e também de um esforço e de uma fadiga multiformes. Esse é o começo do todo (...), é o conceito que-veio-a-ser conceito simples do todo. Mas a efetividade desse todo simples consiste em que aquelas figuras, que se tornaram momentos, de novo se desenvolvem e se dão nova figuração, mas no seu novo elemento, e no sentido que resultou do processo (Hegel, 2021a, p. 29).

Observamos agora, que nos parágrafos iniciais da introdução da FE, o autor nos fala dos passos iniciais dessa consciência, através do encontro, por assim dizer, com “representações naturais”, ou seja, antes de abordar a coisa mesma, um conhecimento separado da verdade, que se entende como verdadeiro. “Representações sobre o conhecer como instrumento e meio e

(*Phenomenologie oder Lehre von dem Schein*) por ele denominada uma “óptica transcendente” (Hyppolite, 1999, p. 30).

⁵⁷ O autor refere-se a este momento como “o primeiro despontar é, de início, a imediatez do mundo novo”. (Hegel, 2021a, p. 12).

também uma diferença entre nós mesmos e esse conhecer, mas, sobretudo, enquanto fora do absoluto, está também fora da verdade” (Hegel, 2021a, p. 70). Ressaltando que também a ciência passa por este caminho, “pelo fato de entrar em cena, é ela mesma uma aparência [fenômeno]: seu entrar em cena não é ainda a ciência realizada e desenvolvida em sua verdade” (Hegel, 2021a, p. 71). De forma que não se pode parar nesta etapa do *aparecer da ciência*, sendo necessário que a consciência se liberte apenas da *aparência*, através do movimento de voltar-se para si. Mas também, essa etapa mostra-se como um momento que não pode ser deixado de lado. Temos aqui nosso primeiro passo, considerando, naturalmente que estamos ainda no início de um processo que tem como “meta final desse movimento é a intuição espiritual do que é o saber” (Hegel, 2021a, p.31).

Dito isto, ainda sobre o título da obra, abordamos agora o termo *Espírito*, traduzido do alemão *Geist*. De acordo com Ferreira da Silva, “muito corrente na cultura germânica da virada do século XVIII (...). Em seu uso corrente e comum, o termo espírito (*Geist*) é entendido como realidade sociocultural, ou a identidade de sua época” (Silva, 2013, p. 07), destacando ainda que, em Hegel, este termo toma um significado ainda mais complexo, constituído tanto da consciência, quanto das objetivações sociais. O Espírito então é o *ser-em-si-e-para-si*, que inicialmente é *em-si*, que busca sua efetividade através da ciência, construindo-se pelo seu próprio elemento (Hegel, 2021a).

Adentrando mais propriamente na questão da *Linguagem*, da mesma forma que podemos dizer que Hegel não publicou uma obra especificamente sobre Educação, também é verdadeira a afirmação de que não existe um capítulo dentro da obra *Fenomenologia do Espírito* destinado exclusivamente a temática da *Linguagem*. Contudo, a ausência de um trecho destinado à unicamente a *Linguagem* na FE não provém de um descuido do filósofo. Segundo Vieira, que fez um estudo sistemático da obra hegeliana, tem também como objeto as diversas etapas de desenvolvimento fenomênica ou ‘consciência natural’” (Vieira, 2008.)⁵⁸. O autor evidencia o uso da linguagem em cada um desses níveis de desenvolvimento descritos por Hegel. Destarte, esse itinerário é continuamente perpassado pela linguagem, desde a superação da certeza sensível ou do “o isto” ou o “opinar”, vamos a HEGEL:

O falar tem a natureza divina de inverter imediatamente o “visar”, de torná-lo algo diverso, não deixando assim aceder à palavra. (...) Mas se eu quiser vir-lhe em auxílio, indicando [por exemplo] este pedaço de papel, então faço a experiência do que é de fato, a verdade da certeza sensível: eu mesmo é um conjunto simples de muitos aqui,

⁵⁸As citações da *Fenomenologia do Espírito* feitas por Vieira na obra *A Desdita do Discurso*, tem com referência à edição crítica (PhG) e a tradução para o português (FE) feita por Paulo Meneses.

isto é um universal. Eu tomo como é em verdade, e em vez de um saber imediato, eu o aprendo verdadeiramente: [eu o percebo]⁵⁹ (Hegel, 2021a, p. 92).

Ora, a consciência toma como verdadeiro somente aquilo que ela pode identificar como certo, ou seja, “o isto” individual. Todavia, quando ela tenta exprimi-lo em linguagem, acaba por demonstrar o universal. Logo, a chamada consciência sensível nada mais é do que a certeza imediata da presença de um objeto exterior a mesma. Neste sentido, a consciência coloca-se em uma posição de recepção passiva deste objeto. Hegel, porém, vai além do momento da certeza sensível, demonstrando sua contradição, a certeza deixa de ser imediata para ser mediatizada.

A Consciência busca opinar sua certeza através da linguagem, ou seja, a linguagem torna-se também um instrumento de mediação. Ora, se a linguagem é utilizada para mediar o saber ela precisa ser constituída de alguma lógica. Neste sentido, Hegel destaca a importância do estudo da lógica presente na língua, já que, tanto letras, sílabas ou palavras, promovem abstrações:

Essas essencialidades, as mais espirituais, com as quais a gramática nos familiariza (...). São simultaneamente as letras singulares, sem dúvida as vogais do espiritual, com as quais começamos aprender a soletrá-lo e, depois, a lê-lo. Além disso, a Gramática expõe-nas de uma forma adequada (...), na medida em que ensina a distinguir as mesmas, através de sinais exteriores a própria língua (Hegel, 1994, p. 35).

E acrescenta Hegel a respeito da aquisição de uma terminologia que nos permite *mover-nos em abstrações*, fundamental para a própria prática filosófica:

As determinações do entendimento, uma vez que nós somos seres dotados de entendimento, estão em nós e nós compreendemo-las de forma imediata, de modo que a primeira cultura consiste em possuí-las, isto é, em tê-las feito objeto da consciência e em poder distingui-las através de sinais (Hegel, 1994, p. 36).

Podemos dizer que, o conhecimento espiritual, iniciado através da superação do Certeza Sensível é o primeiro passo para a formação da consciência humana. Embora a FE não possa ser considerada didática ou de fácil entendimento para aqueles não familiarizados com o sistema hegeliano, a obra possui um forte caráter educacional e formativo. Nela, Hegel explica que toda consciência é consciência-de-si e se descobre como razão, nos mostrando as etapas do

⁵⁹ Trocadilho em alemão: *nehmewarh/wahrnehmen*.

desenvolvimento da consciência que formam um itinerário, desde a superação da consciência sensível até o alcance do saber absoluto. Alguns comentadores observam que embora a obra hegeliana, publicada em 1807, ainda que inicialmente, possa parecer uma Paidéia, logo ela se mostra como dialética:

A Fenomenologia do espírito, inicialmente, parece ser uma Paidéia, posição comum a diversos comentadores, presente em especial na leitura de Hyppolite. Nessa interpretação, a Fenomenologia do espírito se apresenta como uma forma introdutória da consciência natural à ciência. Nessa démarche, a consciência passa por figurações – estruturas de múltiplas determinações, tanto históricas, quanto conceituais –, em que se expõe histórico-conceitualmente sua formação (Barbosa, 2010, p. 20).

Dessa forma, não se trata de buscar extrair da FE uma psicologia do desenvolvimento, mas de destacar a proposta da obra, como colocado por Henrique Cláudio de Lima Vaz na apresentação da edição da Editora Vozes (2021): “é sobretudo a descrição de um caminho que pode ser levado a cabo por quem chegou ao seu termo e é capaz de rememorar os passos percorridos” (Vaz, 2021, p. 11), e mais “é uma caminho de experiencias e o fio que as une é o próprio discurso dialético que mostra a necessidade de se passar de uma estação para outra, (...) na articulação de um saber que o funda e o justifica (Vaz, 2021, p. 11). O que buscamos extrair da obra hegeliana, é o entendimento do movimento da consciência, para que, a partir da linguagem, possa ser criada uma metodologia a fim de contribuir com o ensino filosófico inclusivo. Se nossa hipótese estiver certa, será possível a partir de Hegel promover a saída do indivíduo da clausura da simples consciência até o alcance da consciência-de-si e conduzi-lo à busca pelo saber absoluto, através do contato com o conhecimento filosófico.

Já no prefácio de sua obra *Fenomenologia do Espírito*, Hegel nos diz que “o saber só é efetivo – e só pode ser exposto – como ciência ou como sistema” (Hegel, 2021a, p.36). Deste modo, a Fenomenologia demonstra que a verdade é necessariamente uma mediação, constituindo-se como resultado de todo o trabalho da história universal. Desta forma, não apenas o ensino é necessariamente mediado, mas também a consciência-de-si no mundo.

Podemos concluir, que Hegel nos apresenta na FE as diversas experiências que a consciência faz de si mesma, até o encontro do espírito consigo mesma, possibilitando a obra pode ser entendida como uma descrição fenomenológica da experiência humana. Que busca tanto descrever o trajeto da consciência natural, quanto promover o movimento desta em direção à consciência-de-si. Mas entendemos que é necessário realizar um intenso trabalho pedagógico “para que o indivíduo se insira no movimento do espírito do tempo, (...) localizando-se no devir da história, de forma a escapar da alienação, entendida como um estado

de inércia em relação à sua natureza” (Gelamo, 2008, p.13). Ora, é neste estado de inércia que muitas pessoas deficientes visuais estão condenadas a permanecer pela ausência de uma formação filosófica inclusiva e acessível. A presente pesquisa busca evitar essa alienação proporcionando-lhes acesso aos conteúdos filosóficos.

I.V O “Visar” da Certeza Sensível

A certeza sensível é a figura da consciência que inaugura seu processo de desenvolvimento, em busca pelo saber. A consciência aqui é ainda entendida como *consciência natural*, em um momento do itinerário de seu desenvolvimento em que ela não tomou consciência de si. O objeto que se pretende conhecer é algo exterior a mesma, tido como completamente independente, uma *coisa*.

Neste início do processo de conhecimento, podemos afirmar que a consciência se constituiu como tal a partir da distinção entre sujeito e objeto. E nesta relação imediata ela constitui sua *verdade*. Neste primeiro e crucial momento, ela *opina*, acreditando ser o objeto essencial, por isso, *opina* em uma perspectiva temporal. Nos diz Hegel: “Para tirar a prova da verdade dessa certeza sensível basta uma experiência simples. Anotamos por escrito essa verdade; uma verdade nada perde por ser anotada, nem tampouco porque a guardamos” (Hegel, 2021a, p. 85), no clássico exemplo do “agora é noite”, que se desvanece-se ao “meio-dia”.

Eventualmente, podemos ser levados a passar muito rapidamente por este e por outros exemplos, não extraíndo deles, tudo o que podem nos ensinar. Se fizermos dessa forma, iremos contrariar o próprio sistema hegeliano, que nos orienta a experienciar *momento a momento* para que a consciência possa extrair tudo aquilo que experiência proporciona. “É importante, por conseguinte, analisar pormenorizadamente este primeiro capítulo⁶⁰ da dialética hegeliana” (Hyppolite, 1999, p. 98). Já que é um movimento ligado a própria origem da atividade do filosofar. Sobretudo, com relação a esta etapa do processo de desenvolvimento, no prefácio a segunda edição da *Ciência da Lógica*, Hegel nos diz: “A uma categoria tão seca, como a imediatez (...), devem ser ajustadas as mais elevadas necessidades do espírito; e por ela devem ser decididas” (Hegel, 1995, p16).

Dessa forma, é preciso considerar este momento como fundante e fundamental para a preparação do espírito, já que “Hegel mostrará, no final da *Fenomenologia*, como o saber absoluto retorna a consciência, ao se apresentar em sua imediatez” (Hyppolite, 1999, p. 100), no tempo certo, como conceito.

⁶⁰ Segundo Hyppolite, ao mesmo tempo que o primeiro capítulo da FE é uma crítica a todo saber imediato, abrindo caminho para a percepção, “a crítica que Hegel apresenta dessa certeza sensível é amplamente inspirada na filosofia grega”. Para o filósofo francês, essas referências ficaram ainda mais explícitas, a partir de um artigo publicado por Hegel em 1807, no *Jornal de Schelling*, sobre as relações entre o *ceticismo e a filosofia*. O artigo trata do conteúdo de um curso ministrado por Hegel em Iena, sobre história da filosofia. Ainda de acordo com o pensador francês: “a precisão de todas as alusões desse capítulo à filosofia grega, não deixam de surpreender as semelhanças entre a primeira dialética da *Fenomenologia* e aquela dos antigos filósofos gregos – Parmênides ou Zenon; porém, Hegel pensa sobretudo em Platão (Hyppolite, 1999, p. 99).

A certeza sensível acredita ser a única verdade, mesmo não podendo ainda considerar a si mesma como a primeira forma pela qual a consciência alcança a verdade, ou seja, não tendo consciência de si. Ao operar dentro dos limites estabelecidos pelos sentidos, ela também não tem como saber que aquilo que considera ser verdade é apenas uma aparência, que perderá seu valor a medida do avançar do processo de desenvolvimento. Ou seja, ainda que a verdade da certeza sensível seja muito brevemente superada, podemos afirmar que ela é a primeira figura da consciência, e o *opinar*, o primeiro passo do movimento dialético.

Voltemos então as palavras do autor na FE, que nos orienta a “anotar a verdade”, sobre a noite e voltar a mesma quando dia. Ora, para “anotar”, ou manifestar a sua *verdade*, é preciso *opinar*. Ou seja, torna-se clara a necessidade do *opinar* da consciência natural, uma vez que só será possível confrontar a verdade da certeza sensível se ela for manifesta, opinada.

A consciência natural busca se manifestar através da *linguagem*, nas palavras de Hegel, ela busca *enunciar* a verdade. “Enunciamos também o sensível como um universal. O que dizemos é: isto, quer dizer, o isto universal” (Hegel, 2021a, p.85). Ora, se a consciência, através da certeza sensível, busca *opinar* a respeito de objetos individuais e singulares, mas ao tentar dizer o isto individual, não consegue, pois lhe é inatingível à linguagem, ela torna tudo o que diz em universal. Ora, o falar “tem a natureza divina de inverter imediatamente a opinião”⁶¹. Essa opinião é sensível, singular, individual e imediata. Para Hegel, “os que colocam tal afirmação dizem imediatamente o contrário do que ‘visam’ – fenômeno esse que é talvez o mais capaz de levar à reflexão sobre a natureza da certeza sensível” (Hegel, 2021a, p. 91). Esse *fenômeno*, permite a consciência a constatação de um erro, levando-a a necessidade de uma atualização do saber.

De acordo com Hegel:

‘Opinam’ este pedaço de papel no qual escrevo isto, ou melhor, escrevi; mas o que ‘opinam’ não dizem. Se quisessem dizer efetivamente este pedaço de papel que ‘opinam’ – e se quisessem dizer [mesmo] – isso seria impossível, porque o isto sensível, que é ‘opinado’ é inatingível pela linguagem, que pertence à consciência, ao universal em si (Hegel, 1989, p. 91).

Em seguida nos diz Hegel a respeito do sujeito em uma tentativa de descrever a verdade que foi opinada e anotada:

⁶¹ No original em alemão: “...*die gottliche Natur hat, die Meinung unmittelbar zu verkehren*” (Hegel, 1832, p. 78).

Ele seria decomposto numa tentativa efetiva para dizê-lo, os que tivessem começado sua descrição não a poderiam completar, mas deveriam deixá-la para outros, que no fim admitiriam que falavam de uma coisa que não é. ‘Opinam’, pois, de certo, este pedaço de papel, que aqui é totalmente diverso do que se falou acima; (...). Quer dizer: é só o universal que falam dessas coisas. Por isso, o que se chama indizível não é outro o não verdadeiro, não racional, puramente ‘opinado’ (Hegel, 1989, p. 91).

Logo, a aparente veracidade conquistada pelos sentidos, entra em contradição. Já que não pode ser manifesta, é indizível. Dessa forma, o *opinar* não expressa nada além do universal, se distanciando de todo particular e singular.

Ainda assim, precisávamos demonstrar a importância desse movimento do *visar* - *opinar* - para pessoas desprovidas do sentido da visão, tendo em mente, que segundo Hegel o saber só é efetivo, e só pode ser exposto como ciência ou como sistema, conforme supracitado. De maneira que a tradução de *meinen* como *visar* se mostrava carente da reflexão apresentada. Em um mundo amplamente orientado pelo sentido da visão, é importante buscar as raízes desses termos para esclarece-los, já que, o vocabulário utilizado pode acabar também por remeter e valorizar as questões de ordem visuais. Lembramos ainda, que a pessoa que nasce com deficiência visual, dispõem, por assim dizer, do mesmo aparelho cognitivo que a pessoa que nasce vidente. Bem como, a pessoa que se torna cega ou baixa visão ao longo da vida, não tem nenhum prejuízo cognitivo em função da perda deste sentido. Dessa forma, não se mostra suficiente, a perda ou diminuição da visão, para impedir o desenvolvimento de sua consciência, conforme procuraremos explicitar a seguir, a ponto de priva-las dos saberes filosóficos.

Precisamos então, mediatizar nossa primeira certeza, para também nos colocamos em movimento de desenvolvimento de nossas consciências e de nossa pesquisa. Por este motivo voltamos nossa atenção ao movimento da certeza sensível, buscando compreender o início de todo processo dialético fenomenológico.

A mediação dessa certeza, permite colocar a consciência em movimento. De forma que, quando esta (in)certeza⁶² é superada e o essencial torna-se a relação, a verdade deixa de ser buscada através dos sentidos, acendendo a consciência ao estágio do verdadeiro entendimento.

⁶² A cada dia de trabalho com o público cego e com baixa visão, percebemos que a certeza sensível tinha mais a ver com “incerteza”, do que com *verdade*, contudo, ela era o nosso ponto de partida. O *opinar* da consciência, como uma verdade com curto prazo de validade era manifesto sempre de forma equivocada, tal como nos fez Hegel. De todo modo, era o momento fundante do movimento que buscávamos, abrindo caminho para o desenvolvimento da consciência. Traremos informações detalhadas a respeito desse processo no capítulo dedicado a aplicação do nosso método em sala de aula.

Naturalmente essa constatação só pode ser feita por aqueles que alcançaram um ponto de vista mais elevado. Quem ainda está na etapa da certeza sensível, não poderá compreender que essa é apenas uma fase. Em última análise, podemos concluir que, no âmago da questão, o início da Fenomenologia só pode ser determinado por aqueles que superaram muitas etapas. Neste sentido, torna-se clara a importância do papel do professor neste complexo processo de desenvolvimento.

Não à toa, Hegel, considera o professor como o guardador “da cultura, do conhecimento e das verdades (...), para o conservar e o transferir à posteridade” (Hegel, 1994, p. 22). Conforme já abordamos, na obra *Fenomenologia do Espírito*, o pensador alemão nos apresenta o itinerário de desenvolvimento da consciência, mas não só isso. Ele nos indica qual é o primeiro passo que inicia o processo fenomenológico de desenvolvimento. Ao fazer o movimento de *opinar*, através da linguagem, a consciência inicia o caminho para a superação da primeira “verdade” advinda da Certeza Sensível.

Tratamos aqui da “verdade da certeza sensível” *opinada* e, como a consciência se contradiz ao manifesta-la. Nos diz Novelli (2001), a chamada certeza sensível afirma que o objeto é X. Mas o que é X? Ao se utilizar da linguagem para falar o que é o objeto, a certeza se perde, se confunde. Por exemplo, ao dizer: “agora é dia”, basta apenas o cair da noite para que a verdade dessa certeza que outrora existia não exista mais. A certeza sensível busca capturar a verdade do objeto conhecido e tomar consciência deste seu saber que não passa de um mero indicar do objeto que aparece no aqui e no agora. O modo mais simples de indicar algum singular é colocá-lo em coordenadas espaço-temporais, posto dessa forma, buscamos determinar a individualidade do objeto. Contudo, a Fenomenologia nos ensina, que não existe uma cisão entre a interioridade da consciência e a exterioridade do mundo.

Ora, se a experiência da “primeira verdade” é sobre um particular, localizado dentro de coordenadas espaço-temporais, de que forma a consciência alcança o universal? Na figura da certeza sensível se estabelece assim o desafio inicial da consciência, de buscar manifestar uma compreensão a respeito da experiência, que possa ser ao mesmo tempo singular e universal, mas ela não consegue. “O que é inefável, o álogon, é somente visado, mas não atingido. O que experimento sem poder exprimi-lo de algum modo não tem verdade. A linguagem é o mais verdadeiro”. (Hyppolite, 1999, p. 100). A esse respeito, assevera Hegel no volume III da *Enciclopédia da Ciências Filosóficas*, “o conteúdo da consciência sensível é, em si mesmo, dialético” (Hegel, 1995, p. 190). O pensador alemão nos diz que esse conteúdo ao ser, ao mesmo

tempo singular e universal, promove a relação dialética necessária à consciência para o início da busca pelo saber e seu posterior desenvolvimento para a filosofia.

No prefácio da FE, Hegel nos apresenta a questão da seguinte forma:

Por residir a filosofia essencialmente no elemento da universalidade – de que si inclui o particular -, isso suscita nela, mas que em outras ciências, a aparência de que é no fim e nos resultados últimos que se expressa a Coisa mesma, e inclusive sua essência consumada; (Hegel, 2021a, p. 23).

Contudo, a experiência da consciência, sendo parcial, não pode conter, por assim dizer, a verdade em sua totalidade. Dessa forma, os momentos de saber voltados para o objeto ou para o sujeito, precisam ser superados. O instrumento de mediação dessa relação sujeito-objeto, objeto-sujeito é a linguagem, no caso da certeza sensível *opinada*. A manifestação do espírito na Certeza Sensível é a condição para, por assim dizer, a organização da experiência para que se possa expressar, oportunamente, um significado filosófico. Ela ocorre dentro de uma lógica de mediação que pressupõe e tem, desde o começo, “seu próprio fim como sua meta e que é efetivamente real somente mediante sua atualização desenvolvida” (Hyppolite, 1999, p. 96).

Concluindo, o “visar” da certeza sensível é o início de um longo processo de preparação do espírito para a ciência, que irá nos conduzir ao conhecimento da verdade e ao saber absoluto. Esse caminho consiste na superação de uma série de contradições em que a consciência irá continuamente se deparar, após manifestar sua “primeira certeza”. O desenvolver-se por esse caminho permitirá ao espírito o conhecimento do conceito.

Vamos a Hegel:

Quando, pois, o espírito ganhou o conceito, desenvolve o ser-aí e o movimento nesse éter de sua vida, e é ciência. Os momentos de seu movimento já não se apresentam na ciência como figuras determinadas da consciência, mas, por ter retornado ao Si a diferença da consciência, [apresentam-se] como conceitos (...). Se na “fenomenologia do espírito” cada momento é a diferença entre o saber e a verdade, e [é] o movimento em que essa diferença se suprassume – ao contrário, a ciência não contém essa diferença (...). O momento não surge [mais] como esse movimento de ir e vir da consciência ou da representação para a consciência de si e vice-versa; mas sua figura pura, liberta de sua manifestação da consciência – o conceito puro e seu movimento para diante - (Hegel, 2021a, p. 529).

E logo em seguida: “Pois o espírito que se sabe a si mesmo, precisamente porque apreende o seu conceito, é a igualdade imediata consigo mesmo, a qual em sua diferença é a

certeza do imediato, ou a consciência sensível – o começo donde nós partimos” (Hegel, 2021a, p. 530).

Ora, o pensador alemão mostra o caminho da consciência em sua preparação para a apreensão do conceito. A partir do conhecimento daquilo que é verdadeiro, advindo de uma atualização entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto. “O verdadeiro é o vir-a-ser de si mesmo, o círculo que pressupõe seu fim como sua meta, que o tem como princípio, e que só é efetivo mediante sua atualização e seu fim” (Hegel, 2021a, p. 32-33). Em seguida, “o verdadeiro é o todo. (...) Sobre o absoluto, deve-se dizer que é essencialmente resultado” (Hegel, 2021a, p. 33). Resultado também do enunciar de uma apreensão *singular* como algo *universal*, despertando para o fato de que o *opinar* não alcança a verdade do absoluto. Esse despertar, leva a consciência a *perceber*⁶³ que o saber só pode ser expresso como ciência ou como sistema, conduzindo-nos a filosofia:

(...) o fundamento e o solo da ciência, ou do saber em sua universalidade. O começo da filosofia faz a pressuposição ou exigência de que a consciência se encontre nesse *elemento*. Mas esse elemento só alcança sua perfeição e transparência pelo movimento de seu vir-a-ser. É pura espiritualidade como o *universal*, que tem o modo da imediatez simples (Hegel, 2021a, p. 37).

Dessa forma, é preciso compreender o movimento da certeza sensível como intrínseco ao desenvolvimento do espírito. Tal movimento se manifesta a partir de uma lógica imanente à totalidade da experiência. Trata-se do ponto de partida imediato que, através dos processos de mediação, deverá evoluir até alcançar o saber absoluto.

⁶³ Hegel nos apresenta a *Percepção* no segundo capítulo da FE.

I.VI O início do itinerário da Consciência

O termo *Das Bewusstsein (Consciência)* é utilizado por Hegel para denominar não apenas a consciência de um sujeito “mas o próprio sujeito consciente, em contraste com o objeto do qual ele está consciente” (Inwood, 1997, p. 90). De acordo com a obra do pensador alemão, a consciência nasce de um processo, que para explicá-lo “pode ser útil mencionar algo sobre o – seu – *método de desenvolvimento*” (Hegel, 2021a, p. 75). A respeito do método, Hegel recorre aos seguintes termos: *um procedimento da ciência* em relação ao saber *fenomenal* como *investigação e exame da realidade do conhecer* (Hegel, 2021a, p. 75).

Nos subcapítulos anteriores, abordamos questões como a *fenomenologia* sendo procedimento e caminho para desenvolvimento da Consciência. *Linguagem* como seu veículo, *consciência natural* e *saber fenomenal* como as primeiras formas de saber e *ciência* como o desenvolvimento sistemático do saber de si mesmo. Falta-nos compreender o que é um exame.

Nas palavras de Hegel: “o exame consiste em aplicar ao que é examinado um padrão aceito, para decidir, conforme a igualdade ou desigualdade resultante, se a coisa está correta ou incorreta” (Hegel, 2021a, p. 75). Ou seja, segundo o pensador alemão a consciência é aquela que “distingue algo de si e ao mesmo tempo se relaciona com ele. (...) O aspecto determinado desse relacionar-se – ou do ser de algo para uma consciência – é o saber” (Hegel, 2021a, p. 75). E continua: “A consciência fornece, em si mesma, sua própria medida; motivo pelo qual a investigação se torna uma comparação de si consigo mesma” (Hegel, 2021a, p. 76).

Em outras palavras, Hegel nos diz que a consciência é uma relação determinada de um sujeito com um objeto, que pode examiná-lo e relacionar-se com ele. Compreendendo-o não apenas como objeto, mas também como sujeito, fruto de uma relação em constante movimento e atualização.

Por conseguinte, a consciência é sempre consciência de alguma coisa. E necessariamente uma consciência em constante experiência. “Esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, enquanto dele *surge o novo objeto verdadeiro* para a consciência, é justamente o que se chama de experiência (Hegel, 2021a, p. 77). O propósito último da constituição do saber nesse itinerário é o alcance do saber absoluto, que Hegel define da seguinte forma:

O saber absoluto é a verdade de todos os modos da consciência, porque, como aquele caminho da consciência fez surgir este saber, apenas no saber absoluto dissolveu-se completamente a separação que havia entre o objeto e a certeza [Gewissheit] que se tinha dele mesmo e a verdade tornou-se igual a esta certeza como esta certeza tornou-se igual à verdade (Hegel, 2016, p. 52).

O conteúdo do absoluto é próprio o caminho e o método através do qual passa toda verdade, enquanto ele é o percurso necessário do processo. De fato, é ele que se manifesta desde o início da certeza sensível e que torna possível o caminho. Em Hegel, o que surge no fim como resultado é aquilo que está no começo. Por isso, o método é a passagem original que torna possível a transição de uma figura à outra. Assim, o método torna possível o aparecer da ciência, repercutindo a própria estrutura do absoluto. Dessa forma é possível dizer, que cada momento do real é um momento indispensável do absoluto, porque este se faz e se realiza em cada um e em todos estes momentos.

Ora, para alcançar o saber é necessário percorrer o percurso, renunciando constantemente a antigas concepções de verdade⁶⁴ e substituindo-as, ou atualizando-as gradativamente pela exposição da coisa mesma. De forma que o processo de exposição da coisa mesma, leva a uma progressiva identificação entre o sujeito e o objeto, nascida desse *momento dialético*. De acordo com Bavaresco e Orcini:

No momento dialético, o pensar estabelece mediações entre as coisas, isto é, introduz reflexões que colocam em movimento a realidade e os conceitos fixados em sua rigidez e isolamento. A dialética realiza um movimento imanente na realidade e nos conceitos, ou seja, ela nega o que já está dado como pronto, fazendo emergir a conexão entre as partes e o todo (Bavaresco e Orcini, 2021, p. 39).

A ciência, nasce dessa união. Sendo que o começo da ciência é o resultado do próprio desenvolvimento do espírito. Ocorre que este é um longo processo, que o autor compara com a gestação e o nascimento de uma criança. Vamos a Hegel:

Certamente, o espírito nunca está em repouso, mas sempre tomado por um movimento para a frente. Na criança, depois de longo período de nutrição tranquila, a primeira respiração – um salto qualitativo – interrompe o lento processo do puro crescimento quantitativo; e a criança está nascida. Do mesmo modo, o espírito que se forma lentamente, tranquilamente, em direção à sua nova figura, vai desmanchando tijolo por tijolo o edifício de seu mundo anterior. Seu abalo se revela apenas por sintomas isolados; a frivolidade e o tédio que invadem o que ainda subsiste (...). Esse desmoronar-se gradual, que não altera a fisionomia do todo, é interrompido pelo sol nascente, que revela a imagem do mundo novo (Hegel, 2021a, p. 29).

⁶⁴ Nesse sentido, nos dizem Bavaresco e Orcini (2021, p.46), “a Fenomenologia do Espírito, que oferece uma introdução ao ponto de vista da ciência a partir da dissolução progressiva da oposição entre certeza e verdade inerente a uma série concatenada de figuras da consciência finita”. Para melhor entendimento do elaboração do conceito de *verdade* também consultamos Mattos (2020), a obra: *Experiência e verdade em Hegel: introdução a Fenomenologia do Espírito*.

O autor alemão procura evidenciar que a consciência não encontra imediatamente uma verdade pronta, antes precisa se desenvolver para através de sua autoformação preparar-se para o saber. De forma que o caminho de sua autoformação expressa todas as formas de relação com o(s) objeto(s), resultando também no próprio conceito de ciência.

Consideramos importante destacar este ponto, já o caminho percorrido pela consciência em busca do saber, trata-se também do percurso que constitui a filosofia como ciência⁶⁵, concebido pela relação entre o saber verdadeiro que eclode através de um saber falso. O que significa dizer que a consciência experimentar-se a si mesma através de sucessivas formas de saber que são assumidas e posteriormente analisadas, atividades constituintes da própria filosofia. A ciência surge quando a consciência se libera de toda imediatidade externa e torna-se saber puro, isto é, a ciência quando esta desenvolvida ela é, tanto o objeto do saber como o próprio saber. Como nos diz Hyppolite, “Hegel, quer nos conduzir do saber empírico para o saber filosófico, da certeza sensível ao saber absoluto, da certeza sensível ao saber absoluto (...). Assim a *Fenomenologia* é verdadeiramente como uma história da alma.” (Hyppolite, 1999, p. 26).

Para além disso, é possível dizer que a verdade buscada não é apenas uma substância, mas também sujeito, alcançado pelo desvelamento progressivo da participação do mesmo com saber absoluto. Para Hyppolite, Hegel “modifica a própria concepção desse saber e desse Absoluto. Em sua Filosofia, o Absoluto já não será apenas substância, mas ainda, sujeito” (Hyppolite, 1999, p. 12), e mais, “o Absoluto, não mais estará, então, para além de todo o saber, será saber de si no saber da consciência” (*ibid.*). Para Hegel, “o espírito, que se sabe assim desenvolvido como espírito é a ciência. Ela é a sua realidade efetiva e o reino, que ele constrói em seu próprio elemento” (...) “O puro reconhecer-se-a-si mesmo no absoluto ser-outro, esse éter como tal, é o fundamento e o solo da ciência (...)” (Hegel, 2021a, p. 28).

Aqui retomamos então o percurso, apresentando o início do itinerário que a consciência deve percorrer. Uma vez manifesto o *opinar* da Certeza Sensível, a percepção não é uma nova experiência que surge externamente a essa figura da consciência. Mas “nasce, por assim dizer, das ‘entranhas’ da certeza sensível, do refugio que essa não conseguia coordenar com sua verdade visada sobre o ser sensível” (Vieira, 2008, p.84). Lembrando que Hegel faz uso de um jogo de palavras permitido pelo idioma alemão, ao afirmar que o “*ato de perceber (wahrnehmen) toma (nimmt) como verdadeiro (wahr)* a verdade resultante da [sic] três fases da

⁶⁵ Hyppolite nos diz: “A Fenomenologia é uma história concreta da Consciência, sua saída da caverna e sua ascensão à ciência.” (Hyppolite, 1999, p. 29).

experiência sensível” (Vieira, 2008, p.84). Considerando aqui 1) A verdade fundamentada no objeto; 2) A verdade apoiada no sujeito, e; 3) A verdade como relação imediata entre sujeito e objeto. Destacamos esse ponto com a finalidade de ressaltar que um momento do pensamento hegeliano - que habitualmente avança em tríades - não elimina o anterior, mas, por assim dizer atualiza-o. O terceiro momento é uma reintegração do primeiro em um nível mais elevado. Inclusive, a mesma palavra é frequentemente usada para o primeiro e o terceiro termos de uma tríade, sistematicamente relacionados, como demonstraremos abaixo.

O início do itinerário de desenvolvimento da consciência, detalhadamente apresentado por Hegel na FE, pode ser exposto sinteticamente, da seguinte forma: São as três primeiras figuras da consciência: a) Certeza Sensível, o conhecimento imediato de dados sensíveis, abordado em detalhes anteriormente; b) Percepção, o conhecimento mediado de dados sensíveis como coisas com propriedades. A partir de então, a consciência tenta reconciliar as diversas propriedades do objeto, mas percebe que essas propriedades são contraditórias e dependem de sua relação com a própria consciência, e; c) Força e Entendimento, donde se dá a aparição do mundo suprassensível. A consciência se depara com o conceito de força como uma explicação das percepções sensoriais e das leis que governam o mundo natural.

Segundo Vaz:

Os três primeiros capítulos da Fenomenologia, que constituem a sua primeira parte (a), desenvolvem portanto esse esquema dialético a partir da sua forma mais elementar ou da situação originária do sujeito que conhece alguma coisa e se experimenta na certeza de possuir a verdade do objeto conhecido ou, simplesmente, toma consciência do seu saber (Vaz, 2021, p.15).

Dessa forma, nas figuras da FE, *certeza sensível*, *percepção* e *entendimento*, a consciência é absorvida pelo objeto diante de si. A reflexão sobre o objeto revela mais o próprio objeto do que o saber que o investiga. Por isso, nessas três primeiras figuras, a consciência volta-se para uma realidade exterior. É possível dizer que nas primeiras seções da FE, Hegel descreve o itinerário de desenvolvimento num grau sempre crescente de complexidade a mesma coisa. O saber busca sua verdade no objeto e, enquanto faz isto experimenta a si mesmo como um puro movimento e devir de si mesmo.

Somente com a chegada na quarta figura, a consciência de si, o sujeito se afasta da realidade objetiva e se volta em direção a si mesmo. Neste momento, a consciência de si se dá conta de que, para se conhecer, necessita de um parâmetro de comparação, que só pode ser estabelecido a partir de outra consciência de si. Ou seja, a consciência, descobre-se como consciência de si, por meio de sua exposição seguindo as etapas do seu itinerário de

desenvolvimento, completando a primeira etapa de um longo e laborioso percurso até o saber absoluto.

Notem que a ciência do absoluto não surge toda de uma só vez, pelo contrário, ela deve ser justificada à medida que se desenvolve e pela exposição do processo do saber e do devir à medida em que o mesmo se manifesta. Da mesma forma, ainda que nosso objetivo fosse questionar a tradução do termo *meinín* como visar, ao invés de opinar, foi necessário realizar toda uma exposição, apresentando o contexto dentro do qual o termo está inserido. Sendo assim, não podemos aqui passar rapidamente pelas demais figuras que constituem o itinerário da consciência. Sobretudo pelo fato da necessidade de uma exposição rigorosa para tal. Neste sentido, Hyppolite nos alerta:

O três momentos – consciência, consciência se si, razão – não devem ser considerados sucessivos; não são no tempo, são três abstrações praticadas no Todo do espírito e estudadas separadamente em sua evolução. Somente as figuras singulares desses momentos – certeza sensível, percepção, entendimento – ao representarem uma totalidade concreta, podem ser consideradas, no interior do momento ao qual pertencem, sucessivas; todavia, a sucessão temporal aponta aqui para um desenvolvimento original do momento considerado. Pode-se representar a passagem da certeza sensível à percepção como uma passagem temporal (Hyppolite, 1999, p. 53).

Já a partir da segunda parte da Fenomenologia, nos diz Hyppolite: “Naquilo que queremos denominar a segunda parte da Fenomenologia, e que compreende os capítulos sobre o Espírito, a Religião e o Saber Absoluto, o problema é muito mais complexo” (*ibid.*). De todo modo, não é nossa pretensão fazer uma exposição detalhada de cada figura da consciência, mas demonstrar como se dá o início⁶⁶ desse caminho de busca pela saber.

Nossa pretensão é a mesma que a da ciência, de acordo com Bavaresco e Orcini:

A ambição da ciência enquanto sistema é a apresentação do processo através do qual o conceito se torna Ideia, a saber, processo de unificação de subjetividade e objetividade, de atividade e ser aí, e a Ideia se efetiva em âmbitos reais, que são a Ideia enquanto natureza e a Ideia enquanto espírito. Em outras palavras, a ciência não é somente a exposição de como e por que o pensar, ao causar-se a si mesmo, é causa simultânea e imanente de todas as coisas, mas também de como o pensar (*denken*), (...) tanto do saber quanto do ser, através da derivação do ponto de vista real do espírito

⁶⁶ Curiosamente, já que tratamos do início do movimento da consciência, nos deparamos com uma questão amplamente debatida: será a Fenomenologia uma introdução ou parte de sistema hegeliano. Neste sentido nos diz Hyppolite: “no início devia ser uma introdução, no próprio trancursço de sua elaboração, torno-se parte do sistema. Mas por questões pedagógicas percebera não poder começar bruscamente com saber absoluto.” (Hyppolite, 1999, p. 71).

finito (o campo da atuação multifária do ser humano) e da suprassunção de sua finitude. (Bavaresco e Orcini, 2021, p. 44)

Naturalmente, todo esse caminho do *pensar*⁶⁷ e do desenvolvimento da consciência só é passível de ser percorrido, se for iniciado. Esse é o cerne de nossa pesquisa e o ponto central de nosso método. No terceiro capítulo desta dissertação apresentamos um método que pode ser utilizado com pessoas deficientes visuais. Nossa pesquisa se propôs a averiguar se este itinerário de desenvolvimento pode ser iniciado por uma pessoa DV, bem como, se o mesmo está alicerçado em uma prática docente, tema que abordaremos no capítulo seguinte.

⁶⁷ Cabe destacar que a expressão pensar (*denken*) não significa de imediato a mesma coisa que saber (*wissen*). “No sistema de Hegel, o campo do pensar é mais amplo, porque abrange todas as determinações lógicas e as estruturas inteligíveis, mas inconscientes, da natureza, enquanto o saber denota o processo de conscientização do pensar, a qual se afirma somente com a modalidade do espírito. A rigor, existe também uma diferença entre saber (*wissen*) e conhecer (*erkennen*). No conhecimento finito, o saber indica o aspecto da certeza subjetiva, enquanto o conhecer remete ao aspecto da verdade objetiva do saber. Não se trata de uma diferença real entre duas atividades, mas de uma diferença conceitual entre dois aspectos potencialmente presentes dentro de uma e da mesma atividade. No âmbito da ciência, o termo “saber” destaca a determinação formal da ciência (*Wissenschaft*) como atitude do espírito a respeito de si mesmo e de seu outro. O verbo ‘conhecer’ refere-se mais à organização rigorosamente conceitual, autogerativa, dos conteúdos do saber científico. Sem o conhecer, o saber permanece uma determinação da consciência contraposta ao objeto, uma certeza simplesmente assertória. Sem o saber, porém, o conhecer não alcança a refletividade exigida para ser autoconhecimento, e permanece uma doutrina incapaz de dar conta do fato de que os indivíduos (espíritos finitos singulares) são os que filosofam” (Bavaresco e Orcini, 2021, p. 11).

CAPÍTULO II: EDUCAÇÃO E ENSINO DE FILOSOFIA EM HEGEL

II.I Introdução

Faremos aqui uma breve apresentação do pensamento hegeliano sobre Educação e sobre o Ensino de Filosofia. Ela será dividida em três partes: primeiramente procuraremos mostrar a intrínseca relação do filósofo com a Educação, em seguida destacaremos a busca e a importância de/por uma formação integral do homem, entendido como ser humano. Por fim, mostraremos como as premissas do pensamento de Hegel vem a encontro das necessidades de Educação Especial para deficientes visuais no ensino de filosofia.

II.II O Professor-Filósofo

Há quem faça a questão de lembrar, que Georg Wilhelm Friedrich Hegel, não publicou nenhuma obra exclusivamente sobre Educação. Ocorre que quando analisamos seus textos, encontramos em cada um de seus escritos, um altíssimo nível de comprometimento com o processo de formação do homem. O filósofo alemão foi preceptor, professor de ensino básico, diretor de ginásio, professor universitário e consultor do governo para assuntos educacionais. Ou seja, Hegel foi um profissional da Educação. Não se trata aqui de buscar colocar uma atmosfera pedagógica na obra hegeliana, mas de explicitar que a temática educacional esteve presente na vida e obra do filósofo.

Também devemos destacar que Hegel escreveu e apresentou - ainda que não tenha publicado em vida - vários textos sobre o tema, como por exemplo: Discurso ao Reitor Schenckem 1809; Discursos de encerramento dos anos letivos de 1809, 1810, 1811, 1813 e 1815 no Ginásio de Nuremberga. Período em que se tornou responsável por todas as atividades educacionais da cidade quando assumiu o cargo de conselheiro escolar. No mesmo ano deixou estas funções para se dedicar ao ensino universitário, assumindo uma cátedra na universidade de Heidelberg e mais tarde, em 1818, substituiu Fichte na universidade de Berlim, onde permaneceu professor de filosofia até à sua morte em 1831. Antes disso, deixou também evidente seu interesse pela questão educacional em uma carta a Immanuel Niehammer, Conselheiro Escolar Sênior do Reino da Baviera, escrita em 1821, na qual declarava que

pretendia escrever um livro dedicado especificamente aos problemas da educação e da pedagogia política.

Trazemos aqui estas informações para destacar que os temas abordados por Hegel durante toda vida permeiam exatamente ambas as questões, a formação integral aliada ao ensino de Filosofia. Destaca-se também em sua obra a especial atenção para a formação (*Bildung*), tanto teórica quanto prática, como um processo de libertação racional e de identificação do sujeito com a história, acompanhada sempre por um momento negativo, que venha a requerer uma posterior superação. De acordo com Inwood (1997), *Bildung*⁶⁸ pode ser entendida como formação ou cultura, no qual, Hegel toma de empréstimo dos *Bildungsroman*⁶⁹ da sua época. Tal conceito é fundamental para a compreensão do processo de formação da consciência na obra *Fenomenologia do Espírito*. Segundo ela, o espírito precisa passar por todas as etapas em sua formação, de forma que, durante o próprio percurso vai assimilando as aquisições da História, etapas que se mostram como que fundamentais, cada uma delas, para o desenvolvimento do mesmo. Neste ponto, destacamos a importância atribuída ao momento negativo de cada etapa do processo, um momento de auto alienação, necessário durante todo processo de formação.

Dessa forma, o processo implica necessariamente uma alienação, para a partir dessa divisão buscar uma nova síntese. Neste sentido “a formação é sempre um processo difícil e laborioso” (Hegel, 1994, p. 14). Da mesma forma que não podemos deixar de dizer, que este processo educacional está intrinsecamente ligado a formação ética do sujeito. “Assim como não se pode separar a cabeça do coração, assim também a formação ética está intimamente ligada a formação intelectual” (Hegel, 1994, p.15).

Destarte, a educação, aqui também entendida como o processo de formação do espírito, se estabelece mediante uma prática. “Para Hegel não há teoria que se estabeleça senão por meio

⁶⁸ O idioma alemão tem duas palavras comuns para *educar* e *educação*: *bilden* e *erziehen*, *Bildung* e *Erziehung*. De maneira que *Bilden* também significa *formar, moldar, modelar, cultivar*. Mas *bilden* e *Bildung* enfatizam o resultado da educação, *erziehen* e *Erziehung* o processo” (Inwood, 1997). A respeito dessa *formação geral*, o autor da FE nos diz nos *Discursos Pedagógicos* “mas a formação geral está, (...) ligada, do modo mais íntimo, à formação moral, (...) a uma honradez geral, a uma boa intenção e disposição honesta, mas antes de acreditar que só um homem com uma boa formação geral pode ser também um homem com formação moral” (Hegel, 1994, p. 49), no Discurso de Encerramento do ano de 1810.

⁶⁹ Um gênero romance de cultura ou educação, no qual o protagonista adquire educação através de uma série de experiências e encontros. A obra-prima do gênero é de Wilhelm Meisters Lehrjahre (*Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, 1759-60) de Goethe. O *Bildungsroman* influenciou, e foi influenciado por obras filosóficas, que frequentemente tinham forma e propósito semelhantes.

de uma prática”. (Novelli, 2001, p. 77). Ou seja, só faz sentido a educação, se o processo educacional estiver alicerçado na ética e tiver como finalidade uma vivência prática.

O professor-filósofo Hegel, ainda mostra preocupação com tendências da pedagogia moderna, na mesma linha de nosso problema de pesquisa. Segundo ele, eram priorizados métodos de ensino em detrimento dos conteúdos a serem ensinados. Vamos a Hegel: “De acordo com a obsessão moderna, especialmente da pedagogia, não existe a necessidade de ensinar o conteúdo da filosofia”. (Hegel, 1991⁷⁰, p. 66). E compara isto ao fato de: “viajar e viajar sempre, sem chegar a conhecer as cidades, os rios, os países, os homens, etc” (*ibid.*). E para deixar ainda mais claro que o ensino de filosofia deve necessariamente ser realizado com conteúdos filosóficos, continua: “assim, quando alguém aprende o conteúdo da filosofia, não apenas aprende a aprender a filosofar, mas aprende de fato a filosofar” (*ibid.*).

Dito isto, o papel do professor no sistema hegeliano torna-se de suma importância. Já que ele é o agente responsável por fazer com que os alunos tenham contato com as riquezas do saber e da cultura. “O tesouro da cultura, do conhecimento e das verdades, no qual trabalharam as épocas passadas, foi confiado ao professorado, para o conservar e o transferir à posteridade”. (Hegel, 1994, p. 22). Também é possível dizer que, em Hegel, a cultura é o elemento fundante da formação, bem como aquilo que caracteriza o homem. Neste sentido é preciso fazer com que os alunos acessem a cultura para se inserirem na história. Este percurso de preparação, deve passar necessariamente pelos clássicos.

O espírito é o fim do nosso estabelecimento é a preparação para o estudo erudito, e com efeito, uma preparação que está edificada na base dos gregos e dos romanos. Desde alguns milênios é este o solo no qual se assentou a cultura, do qual toda ela brotou e com o qual toda ela brotou e com o qual esteve em permanente conexão. (...)Assim como Anteu⁷¹ renovava suas forças pelo contato com a mãe terra, assim cada novo desenvolvimento e fortalecimento da ciência e da cultura veio à luz a partir do retorno à Antiguidade (Hegel, 1994, p. 29).

Com relação a este tema, Hegel quer evitar que o ensino da filosofia se restrinja a um mero exercício de reflexão sobre algo. Como nos diz Gelamo:

⁷⁰ Utilizamos a obra *Escritos Pedagógicos* em espanhol, da Editora Fondo de Cultura de 1991 (tradução nossa).

⁷¹ Anteu (em grego clássico: Ανταίος), segundo a mitologia grega era um gigante filho de Poseidon e Gaia. Era muito forte quando estava em contato com o chão (ou a Terra, sua mãe), por outro lado, ficava extremamente fraco se fosse levantado ao ar. O gigante venciu todos os adversários que enfrentava, até que apareceu Hércules, que fora educado nas artes, na filosofia e na ciência e conhecia o segredo de Anteu, levantou seu oponente do chão e o matou.

postula que modos mais elevados de pensamento sejam oferecidos aos alunos, para que, assim, tenham a oportunidade de se desprender do mundo sensível e experimentar novas maneiras de pensar: a dialética e a especulativa. Com isso, a intenção de Hegel é criar um campo próprio para o ensino da filosofia como um saber que tenha um conteúdo específico, evitando, justamente, que ele seja feito de modo voluntarioso (Gelamo, 2008, p. 4).

Isso posto, antes de ensinar temas filosóficos para deficientes visuais é necessário refletir sobre quais métodos, abordagens e conteúdos são mais adequados a serem adotados, como fizemos em nossa pesquisa. Já que no processo de formação, Hegel propõe uma abordagem que valoriza as relações intersubjetivas, do reconhecimento e respeito mútuo e de um desenvolvimento moral necessariamente em comunidade. O estabelecimento dessas premissas, nos proporcionam a base para o desenvolvimento de um ensino inclusivo e acessível, centrado em uma formação ética, que considera as dimensões sociais e intersubjetivas dos estudantes. Aqui temos os fundamentos conceituais para o desenvolvimento de um método de ensino de filosofia para pessoas deficientes visuais.

II.II O Ensino de Filosofia para deficientes visuais

Abordamos aqui as características do ensino para pessoas cegas e com baixa visão⁷². Antes disso, trazemos algumas considerações importantes quanto as características do nosso público. Começamos pelas diferenças entre cegueira e baixa visão. A baixa visão é uma deficiência que requer a utilização de estratégias e recursos específicos⁷³, especialmente para garantir uma melhor qualidade de ensino. Conforme Domingues (2010):

A baixa visão pode ser causada por enfermidades, traumatismos ou disfunções do sistema visual que acarretam diminuição da acuidade visual, dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, campo visual reduzido, alterações na identificação de contraste, na percepção de cores, entre outras alterações visuais. Trata-se de um comprometimento do funcionamento visual, em ambos os olhos, que não pode ser sanado, por exemplo, com o uso de óculos convencionais, lentes de contato ou cirurgias oftalmológicas (Domingues *et e tal*, 2010, p. 8).

A propósito, de acordo com a estimativa da Organização Mundial de Saúde - OMS, cerca de 70% da população considerada cega possui alguma visão residual aproveitável, ou seja, possui os chamados resquícios visuais. Nesse ponto, há necessidade de uma avaliação quantitativa e qualitativa que vise a possibilitar o uso eficiente e a funcionalidade de qualquer percentual de visão.

Já com relação a cegueira, segundo Domingues (2010):

⁷² Conforme o Artigo 5º, alínea C, do Decreto Federal Nº. 5.296, de 02 de dezembro de 2004, o qual regulamenta as Leis Nº. 10.048, de 8 de novembro de 2000, e dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, a baixa visão corresponde à acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no olho de melhor visão e com a melhor correção óptica. Considera-se também baixa visão quando a medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60 graus ou ainda quando ocorrer simultaneamente quaisquer das condições anteriores.

⁷³ De acordo com estudo publicado pela Secretaria de Educação Especial do MEC (2010), são recursos possíveis: 1) Auxílios Ópticos: lentes, lupas de mão e de apoio, óculos bifocais ou monolares e telescópios. Recursos que possibilitam a ampliação de imagem e a visualização de objetos, favorecendo o uso da visão residual para longe e para perto - não devem ser confundidos com óculos comuns -. Sendo que a prescrição desses recursos é da competência do oftalmologista que define quais são os mais adequados à condição visual do aluno. 2) Auxílios não-ópticos, referem-se às mudanças relacionadas ao ambiente, ao mobiliário, à iluminação e aos recursos para leitura e para escrita, como contrastes e ampliações, usados de modo complementar ou não aos auxílios ópticos, com a finalidade de melhorar o funcionamento visual. Incluem, também, auxílios de ampliação eletrônica e de informática. 3) Recursos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), tais como aplicativos e recursos nativos dos computadores que permitem, por exemplo, à ampliação, ao contraste, à edição de texto e à leitura via áudio, além de softwares de leitura de tela, etc. (Domingues, *et e tal*, 2010, p. 8).

A imagem socialmente construída acerca da falta da visão é a de que pessoas com cegueira vivem nas trevas, imersas em uma espécie de noite eterna. Geralmente, a cegueira é associada à ideia de escuro e da mais absoluta falta de luz. Há pessoas que utilizam eufemismos com a intenção de evitar ou suavizar as palavras cego e cegueira. As crenças e os mitos que povoam o imaginário social sobre a falta da visão transparecem em falas, gestos e posturas das pessoas, o que reflete o desconhecimento das peculiaridades da cegueira e de suas reais consequências. Além disso, estas ideias errôneas e concepções fictícias tornam-se barreiras que dificultam ou impedem a aproximação e o relacionamento (Domingues *et e tal*, 2010, p. 26).

Neste sentido, alguns desses mitos são e concepções errôneas acabam por serem reproduzidas também dentro do contexto educacional. De acordo com estudo publicado pela Secretaria de Educação Especial do MEC (2010)⁷⁴, “não raro, quando uma pessoa com cegueira está com alguém que enxerga, as perguntas sobre seu nome, sua idade, suas preferências, interesses e outras indagações são dirigidas ao guia ou acompanhante como interlocutor”, invalidando os saberes e até mesmo a existência de pessoas DV, e continua: “como se os cegos não fossem capazes de se expressar ou tomar decisões. Quando alguém fala diretamente para a pessoa com cegueira, costuma elevar o tom da voz como se ela não ouvisse bem” (Domingues *et e tal*, 2010, p.26).

No ano de 2008, foi realizado um Curso de Formação de Professores para o Atendimento Educacional Especializado – AEE. O curso foi desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará por meio do Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial do Ministério da Educação. Participaram desta formação aproximadamente 1.800 professores, de 161 municípios brasileiros. Através desse programa, foram coletados mais de 400 registros individuais sobre as ideias preconcebidas dos educadores a respeito da cegueira, dos quais trazemos alguns representativos das concepções expressas nas seguintes respostas:

- 1) Os cegos não podiam ser independentes das pessoas normais, teriam muitas dificuldades para aprender a ler e escrever mesmo em Braille e não podiam associar o concreto com o lúdico por não conhecer o mundo visual;
- 2) Considerava-os limitados e incapazes de aprender até mesmo o básico;
- 3) Supunha que apresentavam dificuldades de aprendizagem, déficit intelectual e incapacidade de executar qualquer tipo de trabalho;
- 4) Para mim, a falta da visão afetava o cérebro, comprometia a inteligência e os cegos deveriam ser tratados como coitadinhos;

⁷⁴ A esse respeito também foram consultados *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais* (1994); *Política Nacional de Educação Especial* (1994); *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica* (2001) e; *Inclusão: Revista da Educação Especial* (2005). Vide referências.

- 5) Acreditava que os cegos não conseguiam aprender pelo fato de não associarem o nome ao objeto;
- 6) Imaginava que o suporte para a educação do aluno cego se limitava ao Braille e a atividades que estimulem o tato e a audição. (Domingues *et al*, 2010, p. 29)

É possível depreender das respostas dadas pelos educadores entrevistados neste estudo, um conjunto de mitos fortemente enraizados na sociedade e cultivados também, lamentavelmente, no contexto educacional. Esses mitos, acabam por enquadrar a pessoa com cegueira ou baixa visão em uma condição de inferioridade, incapacidade, infantilização e passividade. Neste contexto, torna-se necessário desmistificar a DV, rever concepções, desenvolver métodos mais eficazes no sentido de desvincular o ver do conhecer. Somente assim será possível ensinar e aprender com ou sem visão.

Elencadas no primeiro capítulo as premissas para nosso trabalho, a saber: a consideração de que podemos extrair da obra hegeliana um método de ensino; que este método deve buscar promover uma educação integral do ser humano, e; que o método deve necessariamente estar associado a conteúdos filosóficos. Nosso trabalho, conforme supracitado, parte para o enfrentamento do seguinte problema: como ensinar adequadamente Filosofia para pessoas cegas e com baixa visão? Um público que na maioria das vezes é desassistido do acesso a conhecimentos filosóficos, já que lhe é dado pouco espaço no sistema regular de ensino. Permanecendo em termos hegelianos, em um mundo alienado de si, ainda que a alienação em Hegel seja, por assim dizer, também uma etapa necessária.

Mas antes de irmos ao método, façamos algumas considerações importantes concernentes a *Educação Especial e Inclusiva*: nela, o professor precisa oferecer os recursos necessários para que o aluno alcance seu maior potencial, de forma a assumir um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Estamos falando de um público que foi historicamente negligenciado do ponto de vista educacional, já que os diferentes tipos de atendimentos necessários às pessoas deficientes, ainda estão em construção e não são compartilhados por diferentes grupos sociais. De acordo com Rosa (2007), as concepções iniciais sobre pessoas deficientes, geralmente vinculadas a crenças na Antiguidade e na Idade Média, tal como o fato de a pessoa ser ou ficar deficiente ser considerada uma “punição divina”⁷⁵ foram se dissipando e dando lugar outros preconceitos. Com o advento de revoluções,

⁷⁵ Uma série de trabalhos versam sobre esta temática, encontramos em (Pereira, 2017), um estudo sobre a *Trajatória histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social*. Já Rosa (2007) nos apresenta um estudo tendo como base de discussão dentro da cultura religiosa judaico-cristã (bastante influente no

como o caso da revolução burguesa no século XV, que implicaram em mudanças no sistema econômico e social. Pessoas deficientes foram consideradas pela sociedade como economicamente improdutivas, fator que reforçou estereótipos e distanciou muitas dessas pessoas do processo educacional.

Façamos aqui uma outra importante consideração, a educação em Hegel é em si inclusiva, em comunidade e relacional: “ao ser ensinado em comunidade com muitos, aprende a atender aos outros, a ter confiança em si mesmo na sua relação com eles, e, do mesmo modo, a iniciar-se na formação e na prática das virtudes sociais (Hegel, 1994, p. 62).

Também é importante destacar que, ainda hoje, existe uma indefinição quanto à estratégia pedagógica a ser adotada no ensino de filosofia para o público com deficiência visual, que acaba por promover uma reflexão filosófica sobre o próprio ensino. Muitos professores que trabalham com inclusão e acessibilidade acreditam que o domínio do conteúdo a ser ensinado garante a qualidade do ensino. Por outro lado, especialmente pedagogos, defendem técnicas de ensino a serem utilizadas independente do conteúdo, servindo, portanto, para qualquer disciplina.

Dessa forma, os primeiros ignoram questões pedagógicas, fixando-se somente no conteúdo. Já os demais, conforme afirma Smith (2016) acabam por falar sobre o que não entendem, uma vez que muitos se aventuram tratando de temas como Ética, Política e Teoria do Conhecimento, sem o devido rigor filosófico ou preparo para ensiná-los. Promovendo justamente o que era uma preocupação de Hegel:

os métodos deficientes, muitas vezes reduzidos a um mecanismo generalizado, a aquisição negligenciada de muitos conhecimentos importantes e de aptidões espirituais, destituíram a pouco a pouco o conhecimento⁷⁶ (...) da sua pretensão de valer como ciência principal e da sua dignidade, afirmada a muito tempo (Hegel, 1994, p. 30).

pensamento ocidental) que trata a deficiência física como um mal, segundo algumas interpretações. Considerando ainda um castigo divino em consequência de pecado cometido, e vinculam sua cura ao perdão, baseando-se em trechos bíblicos. A pesquisadora também faz uma análise do mito greco-romano, que apresenta Hefesto ou Vulcano, como o único deus deficiente do Olimpo, descrito como feio e disforme e que compensou sua deformidade física com habilidade no trabalho. A pesquisa se propõe a auxiliar na compreensão da construção do imaginário sobre a deficiência física.

⁷⁶ Hegel refere-se ao ensino do latim, contudo, tal afirmação pode ser aplicada para os conhecimentos, como diz o autor, importantes para o desenvolvimento do espírito

Para superar esta indefinição, procuramos extrair da obra hegeliana elementos a fim de contribuir com o ensino filosófico inclusivo, sobretudo através da linguagem. Um método que nos permita promover a saída do indivíduo da clausura da simples consciência até o alcance de uma plena consciência-de-si através do contato com o conhecimento filosófico. Essa discussão é realizada a partir das etapas de desenvolvimento da consciência previstas na obra *Fenomenologia do Espírito*, especialmente no início de seu caminho em busca pelo saber.

Nossa hipótese, é que encontramos em Hegel uma metodologia que pode contribuir com o ensino inclusivo, naturalmente não apenas na FE, ainda que seja nossa bibliografia primária. Daí a necessidade de fazer um resgate, ainda que bastante incipiente do pensamento hegeliano. Segundo o pensador alemão o aprendizado é necessariamente uma atividade mediada. De acordo com Gelamo: “Aprender é aprender com alguém, por intermédio de alguém, isto é, por um processo necessariamente mediado. Sem intervenção não se pode esperar que a educação se realize” (Novelli, 2005, p. 134, apud Gelamo, 2008, p. 13). Deste modo, o papel do professor no pensamento hegeliano assume um lugar fundamental no desenvolvimento e na formação do sujeito. Essa proposta vem ao encontro das necessidades de pessoas cegas e com baixa visão no que diz respeito a inclusão educacional.

Neste sentido, as práticas hegelianas serviram de elemento norteador para a elaboração de nossas próprias aulas. Tal como exposto na *Introdução*⁷⁷ da obra hegeliana *Discurso sobre Educação*:

Assim, o método de estudo proposto não se afastava da forma com que o próprio Hegel orientava as suas aulas, segundo o testemunho de seus antigos alunos. Em relação a cada tema, Hegel ditava um parágrafo, em seguida prosseguia a explicação oral, recorrendo também ao questionar de vários alunos. O ditado teria de ser passado a limpo e a explicação oral devia ser resumida por escrito. No início de cada aula o aluno apresentava uma síntese oral da aula anterior. Os alunos podiam sempre interromper para colocarem suas dúvidas (Fernandes, 1994, p.13).

Um leitor precipitado ou desatento de Hegel, poderia dizer que o mesmo dá ao professor uma posição clássica demais, porém:

uma leitura mais atenta chegará certamente a outra avaliação. Hegel afasta-se das soluções fáceis e unilaterais, a fidelidade ao seu tempo nunca se confunde o seguidismo de modas pedagógicas. Os textos, (...), parecem-nos sobretudo um convite ao rigor na reflexão sobre as questões pedagógicas. A fecundidade da lógica hegeliana encontra aqui no campo da aplicação [este ponto foi fundamental para nós, em cada

⁷⁷ Tradução e Apresentação feita por Maria Ermelinda Trindade Fernandes. Edição Portuguesa, publicada pela Faculdade de Letras de Lisboa, *Coleção PAIDEIA*, 1994.

áudio descrição, etc.]. A filosofia mostra-se como um solo seguro para apoiar uma orientação neste campo tão disputado – a educação (Fernandes, 1994, p.13).

Tomamos, dessa forma, a filosofia como base de nosso método de ensino, bem como, o rigor filosófico na reflexão a respeito das práticas pedagógicas. Procurando promover encontro de saberes e experiências dos próprios estudantes, buscando fazer com que os estudantes manifestassem, para que, a partir da linguagem pudessem constatar que a Certeza Sensível nos dá respostas provisórias e baseadas nos limites próprios dos sentidos. Nesta fase inicial do processo, todos os conhecimentos são considerados importantes. Naturalmente tanto os advindos da Certeza Sensível, quanto aqueles proporcionados pelo senso comum. Cada fala dos alunos, cada manifestação, inclusive silenciosa – entendida aqui também como linguagem, bem como, um momento necessário para reflexão – é importante para que o professor possa fazer uma avaliação diagnóstica a respeito da turma, com vistas a identificar o perfil de cada estudante – falantes, silenciosos, reflexivos, etc. Procurando a melhor forma para atendê-los.

Em nossas aulas, estabelecemos então uma dinâmica. Todos os participantes, inclusive o professor, diziam seus nomes e breves considerações a respeito do dia, por exemplo: “- Meu nome é ‘Fulano’ e eu vou falar⁷⁸! Hoje eu caminhei até o instituto com minha bengala, ou vim de ônibus, etc.” Um momento de fala livre, com a finalidade dos alunos identificarem todos os que estavam presentes na sala ou auditório. Em seguida, era feito um aquecimento vocal⁷⁹, já que a voz, após o pensamento, era nosso principal instrumento de trabalho. As experiências

⁷⁸ A adoção a frase “Meu nome é ‘fulano’ e eu vou falar” - para além da identificação dos participantes - se mostrou importante e significativa para o andamento dos trabalhos. O uso do nome da pessoa é utilizado tanto para *significação* quanto para *intuição*. Em relação a isso recorremos a obra *Filosofia alemã de Kant a Hegel* (2013) publicada pela ANPOF. Contém um artigo intitulado *A Linguagem do Pensamento e o Pensamento da Linguagem*. Nele, nos diz Lima: “qual é a relação, pretendida por Hegel, entre a linguagem, em seus múltiplos aspectos, e a significação dos nomes? Signo é uma intuição (*Anschauung*) ou imagem (*Bild*) que recebeu em si mesma... uma representação independente (*selbständige*). (...) “Ativa nesta determinação, ela é [enquanto] se exteriorizando (*sich äußernd*), produzindo *intuição*” (Lima, 2013, p. 182).

⁷⁹ Os aquecimentos vocais foram retirados de artigos científicos tais como *Técnicas de Aquecimento Vocal utilizadas por Professores de Teatro* (2004), e *Dando Corpo À Voz: Práticas Interdisciplinares Na Preparação Vocal de Atores e Atrizes* (2013). Vide referências.

plurais do ministrante⁸⁰ permitiram a construção de um processo interdisciplinar, focado em uma produção vocal integrada: corpo, mente⁸¹ e espaço.

Os exercícios de aquecimento e jogos vocais exploravam os fundamentos da produção vocal: postura e relaxamento, respiração e articulação. Aspectos da fonação: ataque vocal, intensidade, altura, tessitura, qualidade e intencionalidade. Conscientização da relação corpo-mente-voz.

Destacamos, que os alunos, sendo frequentadores do instituto, já recebiam algum tipo de atendimento, por exemplo, para o desenvolvimento das habilidades de orientação e mobilidade, parte essencial do processo educacional de qualquer pessoa DV. Contudo, em sua maioria, não se sentiam totalmente seguros para discorrer sobre temas tais como o que é a *Vida* ou o *Mundo*, especialmente diante do grupo. A dinâmica adotada no início das aulas visou justamente promover o engajamento dos alunos e deixá-los à vontade para se manifestarem, sem a necessidade de obedecerem a uma lógica em sua apresentação ou discurso. Também eram bem vindas contribuições do tipo: “- Meu nome é ‘Ciclano’ e hoje eu não quero falar”, ou seja, literalmente de fala livre. A única fala “obrigatória”, por assim dizer, era o nome, já que é importante para a identificação dos alunos presentes.

Gradativamente foram inseridos os conteúdos filosóficos, a partir das falas dos próprios alunos, por exemplo, quando um participante se manifestava da seguinte forma: “- Meu nome é ‘Fulano’ e eu vou falar, hoje eu estou alegre”. Em seguida o professor questionava toda a turma a respeito de 1) O que lhe deixa alegre? 2) O que é alegria? Considerando que cada participante pudesse dar uma definição diferente de alegria, partíamos para um próximo momento, 3) Dentre as definições dadas, quais as características poderiam ser consideradas

⁸⁰ Thiago Moura também é poeta - com livros premiados - e ator profissional (DRT: 0000223/MS). Seu trabalho artístico ganhou notoriedade a partir de intervenções poéticas realizadas em ruas e espaços públicos de Campo Grande/MS. Sua trajetória virou filme: *O Vendedor de Livros* (vide referências), o curta-metragem foi uma realização do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul por meio de sua Fundação de Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal de Emergência Cultural n. 14.017/2020 - Lei Aldir Blanc. Em abril de 2024, Thiago Moura recebeu o Prêmio “*Seu Agripino*” *MESTRE DOS SABERES* do governo do estado de MS, através de sua Fundação de Cultura. O Prêmio é um reconhecimento pelas atividades artísticas e culturais, desenvolvidas com notório reconhecimento público e longa permanência no estado de MS. A premiação é concedida aos formadores culturais que se tornam referências na prática cultural exercida. O nome do prêmio “Seu Agripino” é uma homenagem ao mestre popular Agripino Magalhães, que preservou o modo de fazer *viola de cocho* em Mato Grosso do Sul.

⁸¹ De acordo com Bavaresco e Orcini (2021, p. 26), “a aplicação do termo ‘mente’ à Filosofia do Espírito de Hegel é um tanto arriscada, porque esse termo evoca todo um espectro de dualismos (os dualismos de mente e corpo, consciente e inconsciente, interno e externo) que o conceito de espírito busca dissolver. Porém, com os devidos cuidados, é legítimo usar o termo ‘mente’ para possibilitar uma interlocução crítica com a filosofia moderna e contemporânea, a fim de ressaltar a originalidade das soluções hegelianas aos problemas que ainda assolam a filosofia da mente. Para uma reconstrução sistemática da teoria hegeliana da mente”.

comum a toda a turma. Essa dinâmica não tinha a pretensão de esgotar o tema em questão, por exemplo, o que é alegria. Mas colocá-los os participantes em busca por “um outro conhecimento”, um saber que não aquele opinado - manifesto - imediatamente. A propósito, os temas foram retomados recorrentemente pelos próprios alunos, que traziam novas definições a respeito de temáticas já investigadas, promovendo assim, uma busca pelo refinamento das definições dadas, visando o encontro com os conceitos.

Neste estágio, os resultados iniciais da pesquisa foram apresentados⁸² no XIX Encontro Nacional da ANPOF - Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia. Após o retorno, passamos a adotar uma nova metodologia em nossas aulas, ou ao menos em parte delas, o professor esteve com os olhos vendados. A proposta visou despertar os outros sentidos que não a visão, bem como, buscar se colocar o mais próximo possível no lugar do aluno e da aluna que recebe a aula.

Pontuamos que grande parte dos alunos, manifestaram um certo aprimoramento de um ou mais sentidos após se tornarem deficientes visuais, como uma forma de compensação. Em consonância com Ochaíta (2004), eles:

não ouvem melhor nem têm maior sensibilidade tátil ou olfativa; contudo, aprendem a utilizá-los melhor ou para outras finalidades distintas do que fazem os videntes. Portanto, a compensação refere-se à plasticidade do sistema psicológico humano para utilizar em seu desenvolvimento e sua aprendizagem vias alternativas que as usadas pelos videntes (Ochaíta, 2004, p. 152).

Dessa forma, é importante buscar utilizar suas potencialidades da melhor forma possível. Por isso, a abordagem interdisciplinar aqui se mostra adequada, já que possibilita o uso de ferramentas como música ou poesia, por exemplo, durante as aulas. Tais ações pedagógicas tornaram as aulas mais interessantes e envolventes até que foi possível nos dedicarmos quase que *exclusivamente*, por assim dizer, as abstrações e busca por conceitos.

⁸² Realizado de 10 a 14 de outubro de 2022, o evento teve como sede a cidade de Goiânia/GO. Nosso trabalho foi apresentado em forma de Comunicação Científica no *GT Hegel*, com o título *Linguagem e Intersubjetividade: O Ensino de Filosofia para Deficiente Visuais a partir da perspectiva de Hegel*. O encontro também foi importante, pois através das discussões científicas presenciadas no GT Hegel, tivemos acesso a uma obra que contribuiu imensamente para uma melhor compreensão da filosofia alemã. Trata-se da obra *Filosofia alemã de Kant a Hegel* (2013), com organização de Marcelo Carvalho e Vinicius Figueiredo. A mesma foi resultado de um trabalho conjunto das gestões 2011/12 e 2012/3 da ANPOF e contou com a colaboração dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação filiados à ANPOF e dos Coordenadores de GTs da ANPOF, responsáveis pela seleção dos trabalhos que versam sobre a temática.

II.III Nosso roteiro

Traremos aqui, um detalhamento das ações pedagógicas. A proposta do título “roteiro”, tem em vista a orientação hegeliana sobre a importância de vivenciar as experiências, comparando-as a uma viagem (Hegel, 1991). Para além disso, o *termo* visa chamar atenção para a escolha das palavras, em alusão a obra *Roteiro para ler a Fenomenologia do Espírito*⁸³(1985), escrita por Menezes, tradutor da PhG. Uma leitura importante para o desenvolvimento desse trabalho, bem como, para grande parte das pesquisas que versam sobre a FE no Brasil. Já que foi escrita pelo tradutor da edição de mais utilizada em nosso país.

Inicialmente, “visando” conhecer melhor nosso público, realizamos uma pesquisa-ação, visando além de compreender todo o processo, propor “ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas” (Severino, 2013, p. 94). Porém, antes de abordar diretamente a metodologia aplicada mais detalhadamente, façamos aqui outra consideração: a instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada, é uma referência no ensino de pessoas cegas e com baixa visão na Região Centro-Oeste. Fundado em 1957, o Instituto Sul-Mato-Grossense para cegos Florivaldo Vargas - ISMAC, dispõe de vasta biblioteca de livros em *Braile* e áudio books, laboratórios, estúdio de gravação e gráfica própria. O centro educacional também oferece apoio pedagógico, ensino do sistema *Braile* e soroban, além de aulas de informática, música e esporte, entre outras atividades. Deste modo, passou a contar também com aulas de filosofia, oferecidas gratuitamente para todas as pessoas por ele atendidas no Estado do Mato Grosso do Sul.

Retornando a questão metodológica, procuramos observar e acompanhar outras atividades realizadas pelo instituto, com o objetivo de investigar e desenvolver melhores estratégias educacionais para o ensino de filosofia para pessoas deficientes visuais. Para isso, objetivamente, seguimos as seguintes etapas: 1) Identificamos e analisamos as estratégias educacionais utilizadas para o ensino de pessoas com deficiência visual atendidas pelo Instituto Sul-Mato-Grossense para cegos – ISMAC, nas mais variadas disciplinas. 2) Desenvolvemos atividades didático-pedagógicas visando favorecer o trabalho do professor-filósofo no papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem de filosofia a partir do referencial hegeliano. 3)

⁸³ A obra apresenta a seguinte sinopse: Este roteiro foi elaborado com finalidade didática. O único caminho para entender um filósofo como Hegel é a leitura meditada de sua obra. No entanto, o primeiro contato com a Fenomenologia é árduo e esta obra quer ajudar o leitor a superar essas dificuldades iniciais, para que assim possam ser capazes de encontrar clareza insuspeitadas no texto hegeliano. Utilizamos a edição impressa de 1985.

Iniciamos a elaboração de um áudio book sobre temas filosóficos, tratados em sala de aula. Tal como: O que é a Vida? Quem somos nós? O que é o Mundo? Para que este material seja utilizado como ferramenta pedagógica a fim de introduzir deficientes visuais em conteúdos filosóficos. Inicialmente fizemos o uso de poesias, já que o conteúdo do audiobook ainda estava em desenvolvimento. Trazemos a seguir dois exemplos, retirados da obra *SONSNÊTOS EM LUA CHEIA*⁸⁴:

ME CONTE UMA HISTÓRIA

Diga pra eu ir logo te ver
 Ou venha você e leia pra mim
 Se encoste, sinta o prazer
 De uma prosa, daquelas sem fim

Chegue bem perto
 Me conte uma história
 Vamos inventar um dialeto
 Pra ele ficar em minha memória
 Fale da natureza, de uma folha
 Do passarinho que voa no vento
 Da cachoeira, da água, da bolha

Aí, então, eu ouço atento!
 Pode ser real ou fictícia,
 Ouvir história é uma delícia!

(Moura, 2021, p. 10)

⁸⁴ A obra foi desenvolvida dentro do contexto da Educação Especial e pensada para atender vários públicos. Dessa forma, foi publicada em formato acessível (04 formatos): impressa, e-book, audiobook e em *Braille*. O projeto da obra foi contemplado pela Lei Aldir Blanc (2020), através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Campo Grande/MS – SECTUR. A edição foi encaminhada para as bibliotecas da rede municipal de ensino de Campo Grande que atendem estudantes DV. Bem como, o audiobook disponibilizado gratuitamente para contribuir da alfabetização de crianças deficientes visuais atendidas pelo Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos Florivaldo Vargas – ISMAC. Posteriormente, visando promover maior inclusão e acessibilidade, parte da obra também foi interpretada na Língua Brasileira de Sinais e no ano de 2022 foi disponibilizada pelo canal *Filopoesia* do YouTube, através do projeto independente *POESIA EM LIVRAS*.

Em seguida, solicitávamos aos estudantes, que manifestassem uma palavra que consideraram mais importante, ou que lhes chamou atenção. Pelo que opinaram aleatoriamente: História! Conversa! Memória! Entre outros. Em seguida, foi declamada outra poesia:

FUTURO BEM-VINDO!

Não vejo a luz clara por onde ir
 Mas vejo o que está por vir
 E sei que posso seguir
 Pois mais do que ver, é preciso sentir
 Existem muitas formas de enxergar
 Pelo toque, os sentidos, o coração
 Não se resume apenas ao olhar
 Ouça o som dessa canção
 Aquela que fala à alma
 Comunica, se faz ouvir
 Sempre está a transmitir
 E é assim que eu sinto,
 Meu futuro será tão lindo
 E já chegou: seja bem-vindo!
 (Moura, 2021, p. 36)

Neste momento, passamos a coletar depoimentos dos participantes, para que opinassem livremente a respeito dos significados dos temas abordados na aula. Trazemos aqui dois relatos colhidos:

1) Estudante ASS⁸⁵, de 68 anos. Perdeu a visão em decorrência de glaucoma sendo aluno assíduo nas aulas de filosofia, fez o seguinte depoimento ao final de uma das atividades:

⁸⁵ A pesquisa foi conduzida em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas por comitês de ética em pesquisa e outras regulamentações nacionais e internacionais. Estas diretrizes exigem a proteção da identidade dos participantes e a obtenção de consentimento informado. Dessa forma, os nomes de todos os participantes foram substituídos por siglas. Essa prática metodológica reflete um compromisso ético com a proteção da privacidade, a conformidade com normas regulamentares, a criação de um ambiente de confiança, além da minimização de riscos e o respeito à dignidade humana. Os áudios e outros registros das entrevistas foram submetidos ao professor

- *Meu cérebro trabalhou muito neste momento, não sei você chegou a perceber?* Perguntou, dirigindo-se ao professor. E continuou: - *Eu me emocionei mesmo. Porque eu estou tendo um “ganho de visão”. Eu consegui te ver... Quando eu abro os olhos (...) parece que você brilha*⁸⁶.

2) Estudante JPC, de 34 anos. Perdeu a visão em função de descolamento de retina. O estudante recitou *Versos Íntimos* de Augusto dos Anjos. Em seguida fez o seguinte depoimento: - *Muito bom! Adoro as aulas de filosofia, tem ajudado a me reencontrar nesse novo mundo... Nessa nova fase da minha vida*⁸⁷.

Em nossas aulas, fizemos também uso dos clássicos e abordamos a História da Filosofia. É importante lembrar, que segundo Gelamo (2008), Hegel demonstra grande admiração pelos clássicos e considera o estudo dos mesmos, fundamental para a formação de jovens e adultos. E indo diretamente ao autor, tal afirmação de torna ainda mais enfática. “Para o estudo mais elevado a base tem que ser e permanecer, em primeiro lugar, a literatura dos Gregos (...). A perfeição e a magnificência dessas obras primas deve ser o banho espiritual” e continua “penso que não afirmo demais quando digo que quem não conheceu as obras dos Antigos viveu sem conhecer a beleza.” (Hegel, 1994, p. 32).

Neste sentido, abordamos *O Mito da Caverna*. A passagem relatada por Platão no livro VII da *República*, contou com pequenas adaptações, conforme apresentada a seguir:

Imaginem pessoas vivendo dentro de uma caverna desde o nascimento. Em algum momento são acorrentados, mas isso ocorre tão precocemente que não se dão conta de que o foram. Eles não podem locomover-se, nem sentir em sua pele a luz do Sol. São prisioneiros da caverna, ainda que não sabem. Eles ouvem vozes, escutam conversas, de modo a acreditarem

orientador do trabalho e ao programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROFFILO, núcleo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Essas medidas garantem que a pesquisa foi conduzida de maneira responsável e ética, promovendo a integridade científica e a credibilidade dos resultados obtidos.

⁸⁶ Informação concedida por estudante ASS, em forma de depoimento gravado em vídeo, em 14/09/2022. Perdeu a visão em decorrência de inflamação do nervo óptico originada por glaucoma em 2010. Aluno do Instituto ISMAC desde 2016, iniciou as aulas de filosofia em 2022.

⁸⁷ Informação concedida pelo estudante JPC. Dada por escrito, via mensagem ao professor em 23/11/2022. Diagnosticado com retinopatia falciforme, perdeu a visão em 2020 devido ao descolamento das retinas. Frequenta o Instituto ISMAC desde 2020, iniciou as aulas de filosofia em 2022. Trazemos informações a respeito do diagnóstico e do processo de perda de visão dos dois primeiros estudantes, buscando familiarizar o leitor/ouvinte com as características do público DV. Doravante, tais informações serão suprimidas.

que o único ambiente que existe é aquele onde vivem. Certo dia, um dos prisioneiros, consegue se soltar das correntes... Tomado pela curiosidade, decide andar tateando pela caverna. Ele sente uma leve brisa e a segue, de modo a perceber que existe uma saída na caverna.

Entretanto, o caminho não é fácil, não existe uma escada, nem corrimão, dessa forma, ele cai e se machuca várias vezes ao procurar encontrar o caminho. Ainda assim, o prisioneiro não desiste e consegue sair da caverna. No primeiro instante ele sente o calor do Sol tocar a sua pele e gradativamente ouve uma enormidade de sons, como o barulho do vento que balança as folhas das árvores, o som de água corrente de um riacho que não fica distante da saída da caverna. Ao mesmo tempo, sente uma série de novos aromas, de flores e frutas. Ele caminha, tal como nunca fez em sua vida! Encanta-se, deslumbra-se, tem a felicidade de finalmente, conhecer verdadeiramente o mundo, descobrindo que, anteriormente em sua prisão, não tinha contato com coisas reais. Contudo, ao invés de ficar fora da caverna ele lembra-se de seus companheiros e anseia por contar-lhes sobre o mundo exterior e libertar os demais. Assim como o caminho para a saída foi penoso, também o retorno será penoso, pois será preciso habituar-se novamente com o ambiente da caverna.

De volta ao seu lugar de origem, o prisioneiro é desajeitado, não sabendo mais se portar nem falar de modo compreensível para os demais. As experiências vivenciadas no exterior da caverna mudaram sua forma de pensar e sentir o mundo completamente. Dessa forma, não será acreditado por seus antigos companheiros e ao lhes falar que existe um mundo com inúmeras belezas “lá fora”, correrá o risco de ser morto pelos que jamais abandonaram a caverna.

Essa adaptação foi apresentada aos estudantes DV participantes da *Aula de Pensamento*, em seguida, lhes foi perguntado quais os possíveis significados da Caverna de Platão.

O estudante VDS, 72 anos, deu a seguinte resposta:

- Eu acho que aqui foi minha libertação da caverna! Assim que eu cheguei aqui no ISMAC, eu cheguei no paraíso que o homem achou... Pois olhar com os olhos da carne é uma coisa, mas quando você olha com os olhos da consciência é muito mais bonito. Porque você vê a realidade! E você não vê nada mais errado, você vê a realidade, você vê tudo o que há de mais profundo do ser humano. E aí quando nós quando nós começamos a enxergar. Com este olhar então é o momento que nós saímos da caverna!

*Enquanto que as “pessoas normais” não consegue ver... Eles olham, mas nunca enxergam a realidade*⁸⁸.

Já o estudante JSA, 60 anos, opinou:

*- A minha saída caverna é que eu gosto muito de conversar com as pessoas... Depois que eu fiquei deficiente visual as pessoas acham que a gente “não tem boca”, que a gente “não fala”, que a gente “não tem ideia”. Eu acho que os “outros” pensam que eu não sei nada, ainda aprendi nada... Mas eu sei muita coisa, mais que muita gente que enxerga*⁸⁹.

Contudo, do ponto de vista educacional e de acordo com o referencial hegeliano, o ensino da filosofia não deve se restringir à História da Filosofia, tampouco à mera reflexão sobre algum tema proposto pelo professor. Dessa forma, procuramos proporcionar aos alunos novas formas de pensar, inserindo-os em uma espécie de *Oficina Filosófica*⁹⁰, dentro da qual eles deviam manifestar através da *linguagem* os conteúdos abordados, além das experiências vivenciados durante as aulas. Muitas vezes, partimos também para uma individualização no atendimento ao aluno, ainda que mantidos todos na mesma sala de aula. E pela adoção de uma metodologia flexível, capaz de operar com o rigor filosófico necessário e respeitar as etapas do desenvolvimento da consciência do aluno. Isso não significa o abandono de um método ou de uma ementa de conteúdos, pelo contrário, representa a busca por um método que permita o diálogo com outras áreas do conhecimento, caracterizado por uma forte diversificação de conteúdo.

Aqui trazemos um conto da tradição Hindu, utilizado em nossas aulas. A história fala sobre seis homens deficientes visuais que buscam conhecer um elefante, e após cada um tocar em uma parte diferente do corpo do animal passam a opinar sobre como seria o mamífero.

⁸⁸ Depoimento concedido pelo estudante VDS através de vídeo no auditório do Instituto ISMAC em 24/10/2023. Iniciou sua participação nas aulas de filosofia em fevereiro de 2023.

⁸⁹ Depoimento concedido pelo estudante JSA através de áudio coletado no auditório do Instituto ISMAC em 24/10/2023. Iniciou sua participação nas aulas de filosofia em fevereiro de 2023.

⁹⁰ Com o título de *Oficinas de Pensamento* e formato similar, a estratégia pedagógica também foi adotada dentro do contexto de estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD). A metodologia interdisciplinar a partir da qual os estudantes devem manifestar através da linguagem os conteúdos de interesse - ainda que o ponto de partida seja o senso comum - para posteriormente serem conduzidos a uma reflexão filosófica. A esse respeito foi publicado o artigo *Oficinas de Pensamento: Filosofia na Prática* (2024) pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – SED/MS, através de Coordenadoria de Educação Especial – COESP (vide referências). Nele são apresentadas reflexões realizadas a partir do Atendimento Educacional Especializado (AEE) de Filosofia realizado no Centro Estadual de Atendimento Multidisciplinar para Altas Habilidades/Superdotação (CEAM/AHS) de Mato Grosso do Sul.

Os seis homens cegos e o elefante.

Seis homens cegos viviam em uma vila, há muito, muito tempo. Eram considerados sábios, pois podiam conversar com todos e dar conselho. Informados de que um elefante chegaria à vila, dirigiram-se à praça, para conhecer o famoso animal. Estavam muito curiosos. Diziam entre eles:

- Vamos conhecer o elefante pelo toque.

O animal, sendo domesticado e acompanhado do seu proprietário, permitiu ser tocado e manteve-se quieto enquanto um por um dos sábios dava a sua opinião. O primeiro, sendo um homem alto pegou em uma orelha do elefante:

- Que bicho que nada, isso é um abano grande! Um leque para ventilar seu proprietário!

O segundo, sendo um homem baixo, agarrou uma das pernas do elefante:
- Puxa! Um bicho que se parece com uma árvore, o tronco de uma palmeira! Pode ser uma planta e não bicho.

Mais um sábio se aproximou do animal e alcançou o tronco do bicho.

- Acho que estamos diante do trono onde se senta um rei! O proprietário é um rei?

O próximo sábio, o quarto, encostou o corpo no animal, junto aos quadris.

- Cadê o elefante? Estou percebendo um muro. Alguém me leva ao elefante por favor!
O quinto homem tocou em uma das presas do elefante se afastou rapidamente:

- Isto é uma lança perigosa! Creio que estou em perigo!

O derradeiro pegou no rabo do animal e deu uma gargalhada:

- Nem muro, nem trono, nem palmeiras e muito menos uma lança ou abano. Estamos diante de uma corda.

Seguiram discutindo muito tempo, sem chegar a uma conclusão. Enquanto isso, o elefante ia longe... Abanando suas orelhas e balançando o rabo (Condeixa, 2020, p.12).

Exemplos como este, foram utilizados para que os participantes pudessem inferir que nossa visão de mundo, ou dos objetos, advinda dos sentidos, é sempre parcial. Disto isso, a relação da concepção de história e sociedade presente na obra hegeliana, foi muito importante para o desenvolvimento de nossa noção de mundo. Já que, ainda que, alguns alunos não nasceram cegos, tendo, portanto, alguma memória visual, esta memória já não lhes servia para a relação atual deles com o meio. Era preciso então, desenvolver um novo entendimento de mundo, que não fosse baseado na certeza sensível.

Ora, na busca de um método efetivo e processual para o ensino de filosofia para deficientes visuais, realizamos uma abordagem interdisciplinar. Na prática, o aluno tem a possibilidade de executar a partir da linguagem: a narração de ações, manifestar e reafirmar sua identidade, trazer à tona elementos de sua memória e de sua história.

Na proposta de abordar temas como: O que é a Vida? Quem somos nós? E o Mundo? Buscamos promover uma reflexão e colocar as consciências dos alunos, por assim dizer, em movimento. Em consonância com Hegel:

Enquanto nos instalamos num tal elemento, não só acontece que todas as faculdades da alma são estimuladas, desenvolvidas e exercitadas, mas ao tempo que este elemento constitui uma *matéria peculiar* pela qual nos enriquecemos e preparamos a nossa melhor substância (Hegel, 1994, p.32).

Nossa proposta, está inserida dentro de um movimento de estudos hegelianos já observado por Bavaresco e Costa (2014):

A filosofia hegeliana vem recebendo nas últimas décadas um renovado impulso de exegese acerca de seus problemas fundamentais, como a política, a ética, seu conceito de metafísica, suas reflexões acerca do fenômeno religioso, etc. Referido impulso, deve-se, em grande medida a renovada recepção que os estudos hegelianos recebem por parte dos autores da assim chamada filosofia não-continental (Bavaresco e Costa, 2014, p. 243)⁹¹.

Ou seja, a presente metodologia é fruto também desse impulso, a respeito do qual continuam Bavaresco e Costa: “O que une estas tão diversas filosofias ou escolas filosóficas, ou o que elas possuem em comum é o fato de relerem o hegelianismo à luz de um princípio hermenêutico singular” (Bavaresco e Costa, 2014, p. 244), e continuam: “Tal princípio se reduz a assumir na exegese hegeliana blocos de significação, sem necessariamente precisar assumir o todo da reflexão ou todas as deduções a que dita reflexão se propõe” (*ibid.*). Em nosso caso a dialética.

Destacamos, dessa forma, a importância do movimento dialético que orientou nossas aulas, já que nos conduziu a possibilidade de um pensamento concreto, no sentido hegeliano, constituído pela forma e pelo conteúdo. Evitando assim, a unilateralidade de propostas pedagógicas atuais, que, por exemplo, privilegiam o indivíduo ou a sociedade, a formação

⁹¹ Em artigo *Transição da lógica à filosofia real em Hegel*, publicado na Revista Cognitio, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 243-256, jul./dez. 2014.

intelectual ou a formação ética, a disciplina ou a liberdade, para citar apenas algumas das oposições próprias do domínio pedagógico.

Durante as aulas, após discorrermos sobre temas filosóficos, buscamos promover um diálogo entre os estudantes, para que confrontassem suas verdades opinadas, baseadas até então na certeza sensível, conseguimos assim nos colocar neste movimento dialético. A partir desse momento, o professor se tornou apenas um mediador e todos os participantes falavam de suas certezas, dispostos e conscientes de que, em breve, deveriam abrir mão delas e seguir para um novo ponto de entendimento e desenvolvimento da consciência.

A partir de então, passamos a questionar os participantes com as provocações filosóficas como aquelas presentes no audiobook e no livro em braile, dentre as coletadas, selecionamos o seguinte relato:

Participante EGG⁹², 62 anos, atendido pelo ISMAC a 15 anos:

- É um conhecimento diferente! Nós não tínhamos aqui (no Instituto). A gente tinha a Psicologia, tinha Assistente Social, mas Filosofia é uma aula bastante interessante, que melhora o modo da gente pensar, melhora o pensamento e se aprende a imaginar as coisas de forma mais precisa, pode-se dizer assim.

Em seguida pergunta o professor:

- Durante as aulas, os participantes são incentivados a falar e manifestar através da linguagem o que estão pensando. Como que é isso para o senhor? Desde a da hora do aquecimento... Pois é feito, por exemplo (a fala das vogais): A! É! Í! Ó! U! Para ir se soltando, se aquecendo, para depois manifestar o pensamento. Como que o senhor é percebe esse tipo de ação?

Participante EGG:

- Isso é uma experiência que a gente faz também na aula de música. A gente faz esse treinamento de aquecimento vocal. Na aula de filosofia é interessante é porque relaxa também e se começa a pensar de forma mais solta... Penso assim.

Pergunta do professor:

⁹² Depoimento coletado em áudio no dia 23/11/2023 no auditório do Ismac.

- O senhor disse que “quando a gente relaxa consegue pensar de forma mais solta”. Explique o que o senhor quer dizer com a afirmação “pensar de forma mais solta”?

Participante EGG:

- Significa que a gente consegue pensar em várias coisas, discute vários temas... Como é que fala? São várias experiências! É com calma a gente vai mudando as conversas de um lado para outro. Penso que melhora a velocidade do nosso raciocínio. E a gente conversar durante as aulas. Porque no caso eu sou eu era vidente, não eu não sou cego da nascença... Então quando a gente enxerga você tem vários meios de comunicação visual. Depois de cego, você pode até dominar o braile, que não é fácil, mesmo assim faltam livros em braile. Antes de eu perder a visão, eu lia bastante, assistia a documentários... Agora fiquei limitado e nessa aula de filosofia melhora esse lado. Vimos vários assuntos, então é isso que eu penso que melhora a imaginação, melhora o pensamento.

Nesta etapa do processo, percebemos que para além do ensino de Filosofia, era necessário, de alguma forma inserir os participantes na cultura. De modo a proporcionar proporcionar as suas consciências, experiências para além daquelas vividas, por assim dizer, na sala de aula. Para sermos mais precisos, sentimos a necessidade de inseri-los na história e na cultura na qualidade de protagonistas. Não mais como agentes passivos, como ouvintes ou expectadores, mas como sujeitos conscientes da expansão de sua própria consciência através das próprias experiências vividas. Neste sentido, passamos a prepara-los com uma variedade de informações, com dados atuais sobre o local⁹³ e a sociedade dentro da qual estávamos inseridos.

Dessa forma, o entendimento de mundo de nossos alunos foi aumentando e fazendo-os buscar novas experiências, como por exemplo visitar outras salas, ainda que no prédio do instituto. Todas essas ações foram realizadas com vistas a promover experiências para as suas consciências. É importante destacar que não tínhamos pressa para vive-las, desde tomar um café em frente ao instituto, até, por exemplo, trabalharmos “apenas” uma frase durante cerca de 02 (duas) horas de aula.

Ou seja, o método até aqui aplicado, também representa um laboratório experimental de estilos e abordagens, que garante total liberdade de manifestação do aluno, através da *linguagem*. Permitindo-lhe fazendo uso da filosofia reflexiva, hermenêutica, empirismo e

⁹³ Por exemplo: estamos na cidade de Campo Grande/MS, que possui cerca de 900 mil habitantes e um área territorial 8.082,978 km². As informações eram retiradas dos órgãos oficiais, como o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br>).

fenomenologia. Além de permitir ao aluno trazer elementos das mais variadas áreas de conhecimento, tais como a retórica, poesia, mitologia, teologia, historiografia, entre outras que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem.

Façamos ainda outra consideração importante, o envolvimento com as atividades deveria ser voluntário, por parte dos estudantes. Os alunos recém chegados, portando, buscavam informações com os que já frequentavam a aula a mais tempo, com a finalidade de obter, por assim dizer, ainda mais segurança em todo o processo. Além da própria dinâmica das aulas permitir e incentivar que os mesmos falassem como se sentiam, por exemplo, em relação à segurança, antes e depois de quaisquer atividades. Esse engajamento dos alunos se mostrou fundamental, bem como, o pensador alemão também refuta a possibilidade de uma aprendizagem passiva. Vamos a Hegel, “mas para que o ensino dado na escola dê fruto para os estudantes, para que estes, através desse ensino, façam progressos efetivos, para tal é necessária à sua própria aplicação pessoal (Hegel, 1994, p. 43), e continua: “a aprendizagem como mera recepção e assunto da memória é um aspecto altamente incompleto do ensino”. (*ibid.*). E ainda “a recepção deve conduzir necessariamente ao esforço próprio, não como produção de uma invenção, mas como aplicação do que foi aprendido”. (Hegel, 1994, p. 46).

Neste sentido, passamos a promover atividades fora do ambiente da sala de aula, garantido, contudo, o lugar de fala dos alunos, e não apenas do professor. As falas e apresentações versaram sobre os temas *Ensino de Filosofia Inclusivo*. Foram vivenciadas experiências pelos estudantes que nos trouxeram um importante retorno do ponto de vista educacional⁹⁴. Procuramos dar um nome para cada atividade, embora que todas versassem sobre o mesmo tema. Já que foram realizadas em diferentes momentos e, naturalmente, diferentes fases de desenvolvimentos de nossas consciências. Essa dinâmica facilitou a compreensão e fixação dos elementos que compunham as atividades, por exemplo, através do uso de áudio descrição dos cenários, quantidade de pessoas, se o ambiente era aberto ou fechado, etc.

O aprofundamento de nossa pesquisa tem revelado, cada vez mais, a necessidade de um trabalho interdisciplinar. Que se mostrou cada vez mais necessário e proveitoso. Além disso, a

⁹⁴ 1) Visita a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, para uma exposição sobre Ensino de Filosofia para Deficientes Visuais; 2) Ida ao Jornal O ESTADO MS para entrevista e gravação de podcast, sobre como é para uma pessoa cega aprender Filosofia, e; 3) Apresentação no palco do evento cultural intitulado PRAÇA BOLÍVIA, sobre como é “*Ver com a Consciência*”.

promoção de uma livre associação de ideias e pensamentos, manifestos pelos alunos através da *linguagem*, coloca-os como verdadeiros protagonistas do seu processo de aprendizagem.

A esse respeito, questionamos aos participantes a respeito da experiência com as Aulas de Pensamento:

Estudante JPC:

- (Em relação) A essa questão do visar da consciência professor, eu acabo encontrando muitas pessoas que perderam a visão recentemente ou até alguns que já nasceram cegos, e eles acabam tendo um preconceito com a própria deficiência... E ficam assim: “ Ah, mas eu não consigo, não sei o que é, porque eu não enxergo...” E eu percebi que não, se você conseguir ter esses conceitos das coisas, você não precisa enxergar pra ver o mundo com os olhos físicos, você vê com a mente, você não precisa ter esse preconceito, porque eu não enxergo, não cara, você pode ver o mundo com a mente. Como eu fiz o exercício com o (participante) LCA que ele falou que não sabia que era uma maçã, porque ele não enxergava. Aí eu fiz ele explicar que que ele entendia de uma maçã, e eu então afirmo, você sabe o que é uma maçã! Mesmo que não seja com olhos físicos, mas com a mente, com a consciência! Entendeu?

O depoimento está em conformidade com a obra hegeliana, que nos diz que o homem se autoforma, por assim dizer, enquanto subjetividade por meio da experiência, da história e do progresso do espírito, que se constitui como a própria ideia de mundo. A consciência passa a partir de suas vivências a desenvolver a capacidade de saber sobre si mesmo, iniciando assim um processo histórico-dialético, que a permite alcançar uma razão mais elevada. Essa subjetividade é caracterizada pela pluralidade de espíritos, que vivem em comunidade, que se provocam e se contrapõem enquanto consciências livres, que possuem lugar de fala e são autônomas. Nesse movimento, a consciência educa-se e autodesenvolve-se a caminho de uma consciência universal.

Em tempo, não há de nos preocupar - necessariamente - o conteúdo daquilo que é dito, por exemplo: a respeito de quem somos nós, ou o que é o mundo. Alguns comentadores já sinalizaram para o “problema epistemológico hegeliano⁹⁵”, ou seja, da teoria do conhecimento. Nesse sentido, nos dizem Bavaresco e Orcini:

⁹⁵ Bavaresco e Orcini (2021), indicam na obra a interpretação de Nuzzo, segundo a qual o problema do conhecimento no sistema de Hegel é o seguinte: como o pensar pode produzir seu próprio objeto e, no mesmo processo, produzir a si mesmo enquanto conhecimento de seu objeto? Para Nuzzo, o caráter problemático da teoria hegeliana do conhecimento decorre do fato de que Hegel estaria tentando combinar dois modelos distintos de conhecimento: um modelo de conhecimento guiado pela produtividade do pensar e um modelo de conhecimento

Na perspectiva do caminho da Fenomenologia do Espírito, como a consciência particular e limitada alcança o conhecimento universal verdadeiro? Como validar as afirmações de verdades parciais, de opiniões imediatas particulares para atingir o critério referencial do universal? Ou seja, como suprasumir a contradição de opiniões e categorias particulares para que explicitem a verdade universal? A resposta a esse problema mostra que não se trata de usar uma metodologia ou um conjunto de procedimentos a-históricos ou de solipsismos autorreferenciais, *mas do movimento dialético do conhecimento da consciência*, isto é, da conexão entre *sujeito e objeto, particular e universal*, aparência e essência. A essência das coisas aparece em seu fenômeno e o universal manifesta-se em seu particular. (Bavaresco e Orcini, 2021, p. 32)

Bavaresco e Orcini, destacam que “o problema epistêmico para Hegel não é como se faz para conhecer alguma coisa, mas como mover-se da perspectiva parcial e limitada do conhecimento imediato e particular para o saber mediado e universal” (*ibid.*). Ressaltando a necessidade de utilizar o movimento dialético, mais do que qualquer procedimento, “fazendo emergir o desenvolvimento dos momentos da consciência até alcançar a verdade inclusiva de todo o percurso da experiência da contradição entre sujeito e objeto” (*ibid.*).

Podemos dizer com segurança, que este itinerário tem nos desvelado um método de ensino de filosofia para pessoas cegas e com baixa visão, capaz de promover a saída do indivíduo da alienação da simples consciência até o alcance da consciência-de-si e da busca pelo saber absoluto, a partir do referencial hegeliano.

como atividade que pressupõe e busca superar a separação entre sujeito cognoscente e objeto conhecido, bem como a separação entre teoria e práxis. A autora italiana reconduz a distinção entre Lógica e Filosofia Real à articulação da solução do problema da combinação dos modelos referidos de conhecimento: o conhecimento como atividade causal imanente e o conhecimento como apropriação ou assimilação do dado. Também consultamos Cossetin, V. *O Problema da Linguagem no sistema hegeliano: O Paradoxo do absoluto incondicionado e exprimível* (2007). Vide referências.

II.IV O Ensino de Filosofia para crianças deficientes visuais

O ensino de filosofia para crianças cegas e com baixa visão, foi motivado por uma demanda que nos deparamos durante as aulas voltadas para adultos, conforme exposto nas considerações iniciais. Dessa forma, fomos surpreendidos com a seguinte demanda: a necessidade de atender também as crianças deficientes visuais. Fazemos aqui uma breve descrição dos fatos:

Em um determinado dia, após terminar a aula com os adultos, notamos que uma pequena menina de cerca de dez anos, aguardava sentada próxima à porta da sala com o seu pai. Ao ouvir a voz do professor ela se aproximou, mostrando-se bastante falante e animada, e perguntou:

- Professor o senhor que dá aula de pensamento?

O termo utilizado pela criança chamou atenção, de modo que questionamos o porquê do “nome” *aulas de pensamento*. Então as pessoas que lhe acompanhavam explicaram que a menina, ouvia no sistema de caixas de som do instituto, o anúncio das aulas de filosofia. Uma vez que todas as salas possuem caixas de som, que informam o início das aulas, o horário, dentre outras coisas. Certa vez, ao ser anunciada a aula de filosofia, ela ficou curiosa e perguntou as pessoas próximas, o que se aprendia nas aulas de filosofia. Não sabendo exatamente como lhe responder, alguém haveria lhe digo: Filosofia tem a ver com o pensamento! Desde então, a pequena menina, aqui identificada pela sigla KLM, solicitou que fosse encaminhada até a sala de filosofia porque “ela também queria ter *aulas de pensamento*”. A solicitude e disposição da pequena KLM nos chamou bastante atenção, de forma, que imediatamente fomos, juntamente ao seu pai, para uma sala adaptada para o atendimento de crianças, com piso tátil e alguns brinquedos. Lá estando, nos sentamos o chão e perguntamos a KLM o que ela queria aprender sobre o pensamento. Sem pestanejar ela respondeu:

- Professor, eu quero saber o que é uma girafa! Eu ouvi no desenho animado a palavra girafa, então eu quero saber o que é uma girafa!

Perguntamos a ela quais “bichos” ela conhecia, de forma que respondeu que conhecia formigas. Percebemos então que para ela, a palavra “bicho” remetia apenas a insetos. Perguntamos então em casa ela teria algum pet, como um gatinho ou cachorrinho. De forma que respondeu positivamente:

- Eu tenho o Thor, é um cachorro!

Perguntamos se ela já havia colocado as mãos no Thor, pelo que respondeu:

- Sim, ele é peludo!

Perguntamos novamente se ela já havia colocado as mãos nas patas do Thor. Ela disse que só tinha colocado as mãos nas da frente, pois, ele não deixava colocar as mãos nas patas “de traz, pois ele podia morder”. Pedimos então para ela demonstrar com as mãos qual era o tamanho das patas do seu cachorrinho chamado Thor. KLM demonstrou o tamanho tateando o braço do professor, colocando uma mão após a outra.

Dessa forma, o professor lhe falou:

- *Ótimo, você sabe o tamanho das patas do Thor, agora, iremos conhecer o tamanho das patas de uma girafa!*

Pegamos um cabo de vassoura e pedimos para que ela colocasse suas mãos e fosse tateando, tal como vez para mostrar o tamanho das patas de se animalzinho de estimação. Ela colocou passou duas ou três vezes parou e perguntou:

- *Continua?*

Dizemos que sim. Tateou um pouco mais e perguntou:

- *Tudo isso?*

Informamos novamente que sim. Após percorrermos todo o cabo de vassoura quatro vezes para demonstrar as patas dianteiras e traseiras da girafa. Perguntamos se ela sabia qual parte do corpo era o pescoço. Pelo que informou saber colocando a mão em seu próprio pescoço. Então falou o professor:

- *Já conhecemos o tamanho das patas da girafa, agora iremos conhecer o tamanho do pescoço.*

Percorrermos novamente a extensão do cabo de vassoura, porém, antes um pouco de terminar, a estudante parou e exclamou:

- *Puxa, ela é tão grande que não passa nem na porta.*

Neste momento, percebemos que a consciência daquela menina estava elaborando o conceito de girafa. Bem como, a abordagem e linguagem utilizada com os adultos não seria adequada para o atendimento de crianças.

A partir de então KLM passou a ter as chamadas *aulas de pensamento*, dentro das quais era investigados uma série de conceitos. Essa experiência com a criança KLM, fez com que passássemos a chamar as aulas de filosofia dos adultos, também de *Aulas de Pensamento*. Bem como, é o título do audiobook e do livro em braile sobre temas filosóficos que faz parte da deste trabalho.

Ao levar a cabo uma pesquisa visando elaborar um método de ensino de filosofia para pessoas deficientes visuais, nos vimos envolvidos em um grande desafio. Além da falta de uma literatura estabelecida neste sentido, e o fato de estarmos em um momento de transformações

na educação institucionalizada. Procuramos então desenvolver uma metodologia que possa dialogar com diferentes culturas e momentos históricos. Um método que se mostre aberto a diversidade de subjetividades, em outras palavras, que nos coloque em um movimento dialético de ensino-aprendizagem, considerando diferentes momentos de desenvolvimento das consciências, seguindo a lógica da própria consciência presente na obra FE.

Na Fenomenologia do Espírito, Hegel não começa com um princípio fundacionista, mas começa descrevendo a experiência da contradição da consciência em oposição ao objeto, isto é, a discordância entre o que a consciência pretende saber e o que efetivamente alcança, entre a verdade buscada e a certeza enganosa à qual chega. Então, a experiência consiste em descobrir que, a consciência ao observar suas próprias regras de funcionamento e de leitura do objeto, entra em contradição consigo mesma. A consciência conhece o fenômeno, suprassumindo a contradição que separa o sujeito e o objeto, ou seja, a visão dualista que afirma que a verdade ou se encontra no sujeito ou então, no objeto (Bavaresco e Orcini, 2021, p.33).

Ora, é justamente a partir deste momento que levamos as crianças a se colocar em movimento dialético⁹⁶ de elaboração de conceitos. Na obra *A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar - Os Alunos com Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira* (2010), temos um interessante subcapítulo destinado a investigação da formação de conceitos em DV, pelo que os autores afirmam:

Os conceitos formados por pessoas com cegueira congênita diferem qualitativamente dos conceitos construídos com base em experiências visuais. Se isso não for considerado e bem compreendido, corre-se o risco de a criança com cegueira repetir de forma automática o que ela ouve, sem atribuir sentido e significado (...). As crianças com cegueira têm o mesmo potencial de desenvolvimento e de aprendizagem que as outras crianças, embora alguns obstáculos ou barreiras dificultem esse processo. Entre elas, existem diferenças individuais significativas, assim como acontece com as crianças que enxergam. Essas crianças podem apresentar ou não dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem, o que não é consequência da cegueira. Os obstáculos e as barreiras de acessibilidade física ou de comunicação e as limitações na experiência de vida das pessoas cegas são muito mais comprometedoras do processo de desenvolvimento e de aprendizagem do que a falta da visão. Em outras palavras, a cegueira por si só não gera dificuldades cognitivas ou de formação de conceitos, sendo necessário considerar a história de vida, o contexto sociocultural e as relações do indivíduo com o meio. (Domingues *et e tal*, 2010, p. 33)

⁹⁶ Bavaresco e Orcini (2021, p. 33-35) atestam que Hegel usa a dialética em diferentes dimensões tais como: 1) dialética da contradição – Hegel critica os princípios enunciados em seu sentido apenas dualista e excludente; 2) dialética conceitual – explicita a forma e o conteúdo dos conceitos começando da qualidade mais imediata de uma categoria através de sucessivas mediações; 3) dialética relacional – Os conceitos são articulados como redes categorias relacionadas em estruturas reflexivas que diluem toda a realidade dada para que se torne efetiva; 4) Dialética do em si e do para si: A distinção entre em si e para si originou-se com a lógica e epistemologia kantianas, que separam a coisa em si e a coisa como aparece para nós; e, 5) dialética sócio-histórica – O desenvolvimento dialético articula-se como um silogismo que permite conhecer na sociedade e na história o processo em que as particularidades de um contexto são incluídas na universalidade de uma estrutura singular quer seja, na Natureza ou no Espírito.

Em seguida, os autores são categóricos: “as dificuldades de elaboração e de desenvolvimento de conceitos decorrem da falta de experiências enriquecedoras que possibilitem a construção e o acesso ao significado dos conceitos” (*ibid.*). Neste sentido, procuramos proporcionar tais experiências as crianças DV.

No que diz respeito ao ensino de filosofia para crianças, estamos cientes da obra de Matteew Lipman, que de acordo Lorieri:

É um programa que se propõe a oferecer a crianças e jovens um espaço investigativo-dialógico no qual busquem compreensão de temáticas filosóficas e, ao fazê-lo, possam desenvolver sua capacidade de “pensar melhor” através da metodologia da “comunidade de investigação”. Isto significa defender que as salas de aula devem ser espaços investigativo dialógicos ao invés de continuarem a ser espaços, apenas, de preleções e demonstrações (Lorieri, 2019, p. 254).

Neste sentido, ainda que sua teoria tenha questões convergentes com nossa pesquisa, que destacaremos abaixo: 1) Possui o foco central no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo através do diálogo; 2) É uma abordagem flexível, passível de ser adaptada a diferentes contextos educacionais; 3) É uma teoria que distingue bem o ensino-aprendizagem da história da filosofia da prática da reflexão filosófica, priorizando a segunda.

Contudo, ela não versa sobre o ensino de filosofia para crianças deficientes, não estando apta para ser utilizada com alguns públicos da chamada Educação Especial, como é o caso de crianças DV. Especialmente por se utilizar de um conjunto de procedimentos intitulados por Lipman como *Comunidade de Investigação*.

A esse respeito, nos diz Lipman:

O fazer Filosofia exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com o que se requer na sala de aula tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros de uma mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção do que é descobrir, inventar, interpretar e criticar (Lipman, 1990, p.61).

Dessa forma, partindo da premissa da figura do professor necessariamente como um mediador, em nosso entendimento, falta nela uma metodologia que seja fundamentalmente inclusiva, nos termos necessários e suficientes para transpor os obstáculos das crianças DV.

A adoção do programa de Lipman nos conduziria novamente ao cerne de nosso problema de pesquisa, a ausência de um método adequado. Já o método aqui apresentado, fora desenvolvido após a observação do(s) movimento(s) da(s) consciência(s), dessa forma, é passível de ser aplicado inclusive a pessoas com outras deficiências que não visuais, por exemplo, pessoas com deficiência física, sensorial ou intelectual, ou ainda, pessoas com dislexia, idosos e neurodivergentes, como autistas⁹⁷.

A aplicação do método aqui exposto tem como pré-requisitos: 1) A existência de uma consciência que possa ser colocada em movimento dialético de desenvolvimento; 2) A possibilidade de comunicação entre um professor e do aluno⁹⁸ com essa consciência, e; 3) Que esse professor esteja disposto a levar os conhecimentos filosóficos para essa consciência, oportunizando que ela manifeste sua opinião (o seu *visar*), para juntos iniciarem seu próprio itinerário de experiências. Destacamos ainda a possibilidade de uso com estrangeiros que não estejam totalmente familiarizados com o idioma, no nosso caso, português.

Precisamente no que diz respeito ao ensino para crianças encontramos resposta também em Hegel:

Um dos preconceitos que se espalhou dos novos tempos⁹⁹ (...)foi o que os conceitos e as sentenças morais, assim como religiosas, não devem ser dadas precocemente à juventude porque esta não as compreenderia e receberia apenas palavras da memória. Mas considerando a coisa mais de perto, é fácil reparar que os conceitos éticos são bem compreendidos pela criança, pelo rapaz e pelo adolescente, à medida da sua idade. (Hegel, 1994, p. 60).

O autor deixa claro que não se trata apenas de fazer as crianças compreenderem. Mas promover, por assim dizer, faze-los criar as representações para que possam ser submetidas ao processo dialético. Neste sentido, defendemos que as crianças não devem ser privadas dos conhecimentos filosóficos. Segundo Hegel, os conhecimentos adquiridos na juventude são precisos. “Constituem um tesouro que tem vida em si mesmo, que se enriquece com a experiência, e se confirma cada vez mais para a inteligência e convicção.” (Hegel, 1994, p.60). Não obstante, Hegel defende que não se deve aguardar para promover o acesso aos conteúdos filosóficos, com a seguinte afirmação:

⁹⁷ O autor do presente trabalho, Thiago Moura, é autista nível I de suporte.

⁹⁸ Enfatizamos que o nosso método de Ensino de Filosofia foi desenvolvido para ser passível de utilização com pessoas com múltiplas deficiências, inclusive uma pessoa surdo-cega, por exemplo, desde que atenda aos três (03) pré-requisitos aqui elencados.

⁹⁹ Hegel faz um aparte ao seu próprio texto, separado por hifens do argumento original.

Se se quiser esperar, para familiarizar o homem com estes princípios, que ele seja plenamente capaz de captar os conceitos éticos em toda a sua verdade, poucos, e estes apenas no fim de sua vida, possuíram essa capacidade. Seria essa mesma falta de reflexão ética que retardaria a formação dessa faculdade de compreensão, assim como do sentimento ético.” Passa-se aqui o mesmo caso que com outras representações e conceitos”. Destacando que a compreensão inicia-se justamente por aquilo que é desconhecido. Dando o seguinte exemplo: “uma exigência análoga a de que apenas um general conheceria a palavra batalha porque apenas ele saberia verdadeiramente o que é uma batalha (Hegel, 1994, p.60).

Neste sentido, enfatizamos que mais do que um itinerário único de desenvolvimento, buscamos criar um método de desenvolvimento passível de ser aplicado em diferentes tipos de indivíduos e consciências. Pudemos constatar que os alunos cegos e com baixa visão se utilizam de objetos de referência para compreender as formas geométricas. Por conseguinte, os móveis de uma casa, uma porta ou uma mesa, por exemplo, eram possíveis de serem – mais facilmente - identificadas. Agora como faríamos com as coisas que não possuem um objeto de referência, por exemplo, o céu ou a beleza, dentre tantas outras coisas. Nesse sentido nos demos conta que uma só descrição não seria suficiente para retratar aquilo que precisava ser dito. Seria preciso que a própria consciência de quem deseja saber se colocasse em movimento dialético em busca do conhecimento, passando a *opinar* a respeito daquilo que desejava conhecer.

Em tempo, constatamos que além do trabalho intelectual, pode ser considerada tanto uma espera de trabalho corporal, como afetiva. Considerado sempre, como ponto de partida, o estágio da consciência que busca o conhecimento. Este estágio é manifesto pelo próprio estudante através da linguagem. Entendemos também que é preciso considerar a comunidade dentro da qual os estudantes estão inseridos, quais as palavras¹⁰⁰ que lhe são familiares e - necessariamente - quais os objetos de referência utilizam. Para, a partir deles, promover circunstâncias voltadas para a produção do conhecimento. Dessa forma, nos deparamos com um método de ensino que se propõem a renovar constantemente a sua prática docente e filosófica, sempre em busca por novas conexões e diálogos.

¹⁰⁰ De acordo com Lima: “Não se trata, portanto, de transformar o interior em palavras, mas de reconfigurar espiritualmente o exterior, conferindo-lhe a interioridade espiritual de uma forma de vida (...). As palavras não são a exteriorização do interior no sentido em que fornecem as coisas do mundo suas etiquetas: as palavras se tornam um *ser-aí* vivificado pelo pensamento” (Lima, 2013, p. 183).

II.V Audiobook como ferramenta de ensino-aprendizagem

A adoção de audiolivros no processo de ensino-aprendizagem é de grande valia para o público deficiente visual. Além do formato facilitar o acesso as obras, permite que pessoas cegas e/ou com baixa visão entrem em contato com mesmas ainda que não estejam familiarizadas com o *Braille*. Também conhecido como audiolivro a ferramenta é precisamente um *livro em áudio*¹⁰¹, que permite aos seus usuários autonomia e versatilidade, promovendo assim acessibilidade e inclusão educacional.

Essa ferramenta é utilizada a décadas em algumas partes do mundo. De acordo com Eggensperger, (2009) os audiolivros já são bastante populares em países como Grã-Bretanha e Alemanha que, inclusive, recebeu um importante prêmio instituído logo após a Segunda Guerra Mundial e que faz referência à melhor peça radiofônica do ano, a qual pode ser considerada como um gênero literário composto por dois elementos básicos: 1) Um texto de cunho literário apresentado pela voz humana; 2) O som de ruídos e de música, e a pausa. Ou seja, por meio de uma peça radiofônica era possível mostrar um mundo narrável, em uma sucessão de fatos relacionados que despertam o interesse e a curiosidade dos indivíduos (*ibid.*).

Segundo Farias (2012), a partir da década de 90 surgiram editoras especializadas nesse formato e o interesse do público pelo mesmo fez com que, em tais países, as obras sejam disponibilizadas, em sua maioria, em versão impressa e em áudio, simultaneamente.

Já no Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, promulgada em 2015, enfatizou o direito de acesso, destacando que este deve ser assegurado e que, para tal, devem-se promover condições de igualdade para que as pessoas com deficiência alcancem a inclusão social e a cidadania plena (Brasil, 2015). Contudo, ainda estamos distantes, por assim dizer, da promoção de uma inclusão plena.

A produção desse audiobook busca contribuir para preencher essa lacuna na produção científica brasileira, especialmente no que diz respeito ao ensino de filosofia. O audiobook se mostra uma ferramenta importante dentro do contexto da Educação Especial que atende pessoas DV. Ainda assim, alertamos que Selau *et e tal* (2016) apontaram a necessidade e a importância

¹⁰¹ Em geral, os audiobooks são gravados em formato MP3. O arquivo MP3 é um formato de áudio digital amplamente utilizado para armazenar e reproduzir músicas e outros tipos de áudio. A sigla "MP3" deriva de *MPEG-1 Audio Layer 3*, que é uma parte do padrão de compressão de áudio definido pelo *Moving Picture Experts Group* (MPEG). A principal característica desse formato é sua alta compatibilidade, já que arquivos MP3 são amplamente suportados e compatíveis com a maioria dos dispositivos de reprodução de áudio, incluindo computadores, smartphones, tablets, entre outros dispositivos.

de consultar o estudante DV com deficiência visual sobre o formato através do qual prefere receber o material para seus estudos: em *braille*, audiolivro ou formato digital.

Advertimos também que em relação aos conteúdos da ferramenta audiobook, não há de se falar de *temas introdutórios*, seja para as crianças ou para os adultos. Há de se falar em *Aulas de Pensamento*, termo que pode ser traduzido como a busca por um movimento dialético constante. Dessa forma, o audiobook desenvolvido não se constitui como uma introdução à filosofia, mas como parte integrante do próprio movimento do filosofar. Tal como entendemos a obra *Fenomenologia do Espírito* como parte de todo um sistema filosófico, não apenas como uma introdução, ou algo, por assim dizer, com um caráter provisório, ou ainda preliminar.

Ou seja, procuramos seguir as etapas próprias do sistema hegeliano: entendendo que o filósofo processualiza a formulação dos conceitos de sua filosofia, Hegel sugere que é decorrente do processo de maturação do espírito – seu educar-se a si mesmo –.” (Silva, 2013, p. 33).

Buscamos reproduzir no conteúdo dos audiobooks o caminho apresentado pela fenomenologia que se constitui como próprio o caminho do espírito, e um caminho se faz caminhando. Tal como entendemos que a primeira figura da *Consciência*, a *Certeza Sensível*, já é caminho, não introdução ao mesmo. Também defendemos que as figuras da consciência serão necessariamente revisitadas inúmeras vezes, sempre em busca de uma atualização. Entendemos que ao caminhar, o próprio espírito abre e constrói caminhos para o seu desenvolvimento, em um contínuo movimento de atualização e superação. Resgatamos tais informações a fim de ratificar que - da mesma forma - nos audiobook e nos livros em *braille*, não temos a pretensão de esgotar os temas apresentados.

Em tempo, lembramos que o próprio autor da PhG se utiliza, por diversas vezes e não apenas na obra de 1807, de uma série de metáforas¹⁰², curiosamente, quando deseja expressar as teses mais fundamentais de seu sistema.

Trazemos aqui um exemplo:

O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem todos são igualmente necessários. É essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo (Hegel, 2021a, p. 24).

¹⁰² A esse respeito consultamos também os *Cursos de Estética* de Hegel. Com tradução de Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle, publicados pela Editora Edusp.

Ora, se por um lado Hegel constantemente nos lembra de que, para fazer filosofia, devemos estar familiarizados com a linguagem do conceito, por outro, faz uso de palavras simples, tais como “flor”, “sal” e “céu”, entre outras. Naturalmente, o autor não substituiu a linguagem conceitual de sua filosofia por uma linguagem, por assim dizer, poética, porém, possui uma forma particular, por assim dizer, de apresentar o seu sistema, atribuindo significados as palavras.

Neste sentido, também buscamos uma forma de atualizar o conhecimento baseado no mero senso comum dos nossos ouvintes e leitores, pelo resultado de um longo processo de formação cultural, através do qual o espírito finalmente alcança o saber.

Os temas ou as *provocações filosóficas* abordados no audiobook são: 1) O que é a Filosofia? 2) Quem somos nós? 3) O que é o Mundo? E finalmente: 4) O que é a vida? As definições apresentadas são sempre acompanhadas de questionamentos, as chamadas provocações. O nosso compromisso é buscar colocar a(s) consciência(s) em um movimento dialético para que ela(s) possa(m) percorrer o caminho do desenvolvimento, em busca do saber. O questionamento faz parte, por assim dizer, do modo de funcionamento da Certeza Sensível, conforme nos diz Hegel: “Portanto a própria certeza sensível deve ser indagada: *Que é o isto!* E em seguida: que é o agora? (Hegel, 2021a, p.85).

Ou seja, na perspectiva hegeliana, o indivíduo deve desvelar o sentido do caminho por si mesmo, deve deter-se na formação da consciência e apreender a estrutura do saber, pois esse caminho é tarefa de cada um, cabe ao filósofo apenas o convite e as mediações necessárias para o início e desenvolvimento do processo.

Nosso enfoque está em promover, a partir dos conceitos hegelianos, uma experiência filosófica aos alunos. Nascida da relação de suas próprias reflexões com os conteúdos filosóficos. Constituindo precisamente um movimento dialético, em que a consciência efetua em si mesma, ao seu tempo, em sua relação com o saber e com o objeto. Fazendo surgir diante dela, cada vez mais, novos conceitos, mais verdadeiros. Desta forma, o objeto da consciência dos alunos deficientes visuais, deixa de ser aquele constituído inicialmente a partir da consciência sensível, passando a ser o seu próprio *saber*, ou seja, a experiência que a consciência faz do objeto e do mundo.

Apresentamos no capítulo a seguir o texto dos livros em braile e dos audiobooks¹⁰³ *Aulas de Pensamento*, para adultos e para crianças. Os mesmos foram desenvolvidos com a intenção de colaborar com professores do Ensino Regular e de Atendimento Educacional Especializado - AEE em Filosofia, bem como, outros interessados em conhecer, descobrir e promover o pleno desenvolvimento das potencialidades filosóficas de pessoas com deficiência visual no contexto educacional.

¹⁰³ Por fim, alertamos para o seguinte fato: a partir dessa parte do trabalho, não serão mais utilizadas notas explicativas, por dois motivos: 1) Em um audiobook, todo e qualquer elemento textual - e visual se houver - presente na obra deve ser traduzido em palavras, ou seja, o texto precisa ser lido em sua íntegra, e isso incluiria notas de rodapé, poluindo, por assim dizer, a narração; e; 2) O método doravante apresentado não requer o recurso de notas explicativas complementares.

CAPÍTULO III – AUDIOBOOK – AULAS DE PENSAMENTO

III.I Aulas de Pensamento para adultos

III.I.I Introdução / O que é Filosofia?

Sejam vindos ao audiobook AULAS DE PENSAMENTO! Esta obra irá nos introduzir aos conteúdos filosóficos, através da Linguagem, de forma agradável e acessível. Para isto, vamos recorrer a um método muito antigo e eficaz, vamos juntos?

Antes de existirem escolas, os povos antigos transmitiam seu conhecimento contando histórias. Isso foi feito durante séculos, de geração em geração. Era dessa forma que as pessoas mais sábias ensinavam as mais jovens suas crenças, seus ideais e sua cultura, preservavam assim também suas memórias.

Esse audiobook busca resgatar essa gostosa forma de ensino-aprendizagem. Através de pequenas histórias, vamos falar de grandes coisas! Como surgiram as ciências? Quem foram os primeiros cientistas? Como estudavam os primeiros pensadores, entre outras coisas super interessantes! Vamos nessa?

A filosofia é considerada a mãe de todas as ciências, tal como a matemática, a química, a física, entre outras. Desse modo, é muito importante conhecer como surgiu a filosofia, bem como de que forma os primeiros filósofos começaram a desenvolver as ciências.

Eles ainda não tinham internet, computadores ou equipamentos de laboratório, então faziam tudo com base na observação. E por isso precisavam de tempo, dessa forma, podemos desde já perceber que a nossa mente se desenvolve com o tempo, bem como, precisa e se relaciona com o tempo para se desenvolver.

Mas vamos por partes: Você já observou o dia hoje?

Além de frio ou calor, o dia está agradável ou por algum motivo desagradável?

Diga ou pense uma palavra a respeito do seu dia hoje!

- Pausa para reflexão –

Muito bem! Vamos continuar?

Para falamos sobre o que é Filosofia, precisamos falar de suas origens. Como dizia o poeta Manoel de Barros: “Quem se aproxima das origens se renova”. Depois podemos falar também sobre quem somos nós e o que é a vida, que tal? Quais outros temas você gostaria que fossem abordados em nossas Aulas de Pensamento? Vamos pensando juntos...

Mas enquanto isso, vamos falar sobre: As origens da Filosofia!

Os primeiros filósofos eram gregos, porém, alguns dizem que a filosofia não nasceu na Grécia. Então vamos pensar a Filosofia como se fosse uma criança. Uma pequena e simpática menina... Neste momento ela chamava-se apenas Sofia.

Sofia era muito esperta, gostava de aprender palavras novas, gostava de ouvir histórias, e o tempo passava de forma diferente pra ela... Dessa forma, Sofia viveu junto aos antigos Egípcios, viajou pela antiga Índia, China, pela Pérsia e ainda pequena brincava na rota da seda.

Sofia era muito comunicativa, procurava conversar com todos, por isso, aprendeu muitos idiomas, ela gostava de observar a natureza, como se formavam os rios, de onde vinha toda a água dos oceanos, como podíamos acender o fogo e perguntava sobre tudo aquilo que observava e conhecia.

Mesmo com o passar dos anos, Sofia continuava criança... Certo dia, Sofia ouviu dizer, que na Grécia, algumas pessoas amavam observar a Natureza, dessa forma, logo pensou: irei morar na Grécia, pois lá, eles amam a Natureza, e eu amo também! Após ter passado por muitos lugares, épocas e cidades, Sofia, vez da antiga Grécia a sua casa.

Façamos uma pausa:

E você gosta da natureza? A propósito, pense ou diga algo da natureza que você considera interessante, pode ser um elemento, como água ou terra, ou mesmo uma fruta, uma planta ou um animal. Muito bem! Pense agora em todas suas características...

E vamos continuar falando sobre a Sofia.

Já na região da Antiga Grécia, Sofia conheceu um homem chamado Talles que morava em Mileto, ele amava observar a água, gostava dos rios, do mar... E acreditava que a água era a origem de tudo... Em seguida conheceu Heráclito, que morava em Éfeso, ele era fascinado pelo fogo. Ele defendia que o fogo teria dado origem a todas as coisas.

Sofia ficou também ficou encantada quando conheceu Pitágoras, que amava fazer contas, Pitágoras dizia que os números estavam em todas as coisas. Qual deles você acha que tinha razão? Bem, vamos continuar! Certo dia, Sofia ainda conheceu Parmênides, com ele aprendeu a diferença entre verdade e mentira.

Agora faça uma pausa no audiobook e converse com o seu professor e os colegas se estiverem em mais pessoas a respeito desses temas que encantaram Sofia: 1) Pense em uma experiência vivida com água, pode ser na piscina, na chuva, ou até mesmo tomando banho; 2) Pense em uma experiência em relação ao fogo, pode ser no fogão fazendo comida, pode ser em um churrasqueira, uma fogueira de festa junina e assim por diante; 3) Pense em uma experiência com números, pode ser fazendo conta no supermercado, se pesando na balança, entre outras, e por último; 4) Pense em uma experiência a respeito de verdade e mentira, você já acreditou em algo que fosse mentira e depois descobriu a verdade?

- Pausa para reflexão -

Muito bem, vamos continuar! Mesmo com tantas experiências novas na Grécia, Sofia ainda sentia falta de alguma coisa, pois quanto mais ela conhecia, mas percebia que existia um universo a ser conhecido. Quando ficou jovem, Sofia passou a morar em Atenas e lá conheceu Sócrates, que também amava dialogar com as pessoas, então viraram grandes amigos! Não atoa a palavra Filosofia pode ser traduzida como: amigo ou amizade pela sabedoria.

Desde então, a Sofia que também significa sabedoria, agora com o alcance de sua maioridade passou a ser chamada de Filosofia. A partir daí, a Filosofia passou a ser interessar pelo estudo racional do conhecimento, da realidade e da existência.

E diferente dos tempos antigos, que reconheciam o sábio como alguém que tinha recebido a sabedoria como um dom, ou uma dádiva dos céus. A Filosofia percebeu que não somos donos do conhecimento, mas amigos dele. E quem ama, ou é amigo, quer estar junto, busca, se esforça para viver com ele por perto. Então a Filosofia, ama e é amiga do conhecimento.

Agora pense ou diga o nome de uma pessoa que você é muito amigo ou que você ama! Pense também, como você faz para demonstrar o afeto que tem por essa pessoa.

- Pausa para reflexão -

Muito bem, também podemos dizer que a Filosofia é uma espécie de atitude, assim como a atitude de demonstrar afeto pela pessoa que gostamos. Na Filosofia, nossa atitude é de buscar conhecimento.

É preciso buscar conhecer cada vez mais a si mesmo e saber nossos próprios limites. Por exemplo, Sócrates, o amigo da Sofia, ou da Filosofia, tinha como lema, a frase: “Conhece-te a ti mesmo”. Agora me diga: o que você acha que Sócrates queria dizer com essa afirmação? E qual a importância de conhecer-se a si mesmo? Conhecer a si mesmo talvez seja um exercício e tanto, não é mesmo? E quem somos nós? Bom, vamos falar disso mais frente!

Voltando a Sócrates, ele acreditava que quanto mais que se aprende, mais a pessoa percebe que existe uma infinidade a ser conhecida... Você concorda ou discorda com essa afirmação? Indique os motivos de sua concordância ou discordância.

- Pausa para reflexão -

Bem, neste momento, sabemos que a Filosofia pode ser tida também como uma prática, a prática de buscar o saber! Ou seja, neste momento que estamos buscando o saber, já estamos fazendo filosofia, ou se preferir, estamos filosofando. Seja bem-vindo à Filosofia!

Mas é preciso lembrar que filosofar é fazer uso do pensamento racional e organizado. Ou seja, jogar palavras ao vento, ou jogar conversa fora, não é fazer Filosofia. Vamos por partes que iremos compreender.

Há quem diga também, que o objeto central de estudo da Filosofia, é o pensamento humano. A Filosofia busca compreender a evolução do pensamento humano ao longo da história. Esse é um dos motivos, que este audiobook chama-se Aulas de Pensamento! Bem, reflita sobre tudo isto, converse com seu professor e colegas sem houeverem a respeito dos temas até aqui abordados e em breve voltamos com mais aulas de pensamento. Até mais!

III.I.II Quem somos nós?

Bem-vindos à Aula de Pensamento, faixa número dois!

Vamos conversar agora sobre um tema muito interessante: quem somos nós, seres humanos? Isso mesmo! Quem somos nós?

Antes disso, o ato de conversar e dialogar, é bem característico dos seres humanos! Aliás, você sabe qual a origem da palavra *dialogo*? O termo *diálogo* vem do idioma grego, formado por *dia* e *logos*. *Dia* significa *dois* e *logos* significa *razão*. Então, diálogo significa duas pessoas expondo suas razões, uma escutando a outra, não apenas uma falando.

Quando uma pessoa só fala é um monólogo. *Mono*, significa um, então monólogo seria apenas uma pessoa falando. Mas aqui, nós gostamos de diálogos! Por isso, podemos dizer que já encontramos uma característica bem humana. Então me diga, além do ato de dialogar, qual outra característica humana que você apontaria?

- Pausa para reflexão -

Bom, isso me lembra uma professora bem velhinha que eu tive, ela dizia que somos seres *bio-psico-sociais-históricos*. Huau, que palavra grande: *bio-psico-sociais-históricos*! O que será que isso significa? Calma, vamos por partes!

Minha professora explicou e eu vou te explicar também: “*Bio*” é a abreviação para biológico, ou seja, somos seres biológicos, formados por células, moléculas, órgãos, etc.

“*Psico*” é a abreviação para psicológico, ou seja, nós temos um aparelho psíquico, ou um chamado aparelho cognitivo. Ele que nos permite aprender, pensar, lembrar e se comunicar. Esse sistema não é formado apenas pelo cérebro. O cérebro é um órgão do corpo humano, tal como coração, pulmão... E cada órgão possui uma função, o coração, por exemplo, bombeia o sangue, os pulmões bombeiam o ar, e o cérebro processa todas as informações do corpo.

Mas de onde vem essas informações que o cérebro processa a todo momento? Em todo o nosso corpo existem receptores do sistema nervoso, por exemplo, a pele é o maior órgão do corpo humano e é cheia de, por assim dizer, receptores. Mas isso não é uma aula de Biologia, então vamos voltar a falar sobre o pensamento. O que mais nos importa é que esse sistema cognitivo, nos permite ser racionais e ter pensamentos bastante elaborados. Sobretudo, nos permite ser capazes de compreender a nós mesmos.

Ter a consciência da própria existência e conseguir se mover pela razão, é a principal característica que nos difere de outras espécies, por isso somos chamados de animais racionais.

Quanta informação hoje! Que bom que está gravado, assim você pode voltar para ouvir quando quiser. Mas me diga aí, para você, qual a diferença entre o ser humano e os outros animais?

- Pausa para reflexão -

Bom voltando ao que minha professora bem velhinha me explicou, onde estávamos mesmo? Ha sim, que somos seres, “*bio*”, de biológicos, “*psico*”, de psicológicos, e sociais-históricos. Mas o que significa ser um ser social-histórico? Bem, nós somos seres inseridos em uma cultura e temos uma história. Por exemplo, se chegamos até aqui, outros seres humanos vieram antes de nós. Também a nossa língua, nossos costumes, desde como nos cumprimentamos. Tudo isso faz parte da cultura, de nossa sociedade e de nossa história.

Então somos seres sociais e históricos, na medida em que interagimos com outros seres humanos, e quanto mais interagimos, mais aprendemos e mais humanos nos tornamos. Assim, vamos entendendo a nossa história e percebemos que estamos inseridos na história de toda a humanidade.

Bem, nos encontraremos em breve, para continuar com nossas aulas de pensamento!

III.I.III O que é o Mundo?

Bem-vindos de volta a nossa Aula de Pensamento! Estamos na terceira etapa de nossa jornada!

Bom, para abordarmos o que é o mundo, irei propor uma viagem, você já fez uma viagem? Para qual lugar ou lugares você já foi? É possível viajar de muitas formas: de carro, ônibus, barco, avião... Mas hoje iremos viajar de trem. Isso mesmo! O trem do pensamento!

É hora da partida, vem comigo! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

Começamos a nossa jornada no trem do pensamento e nossa primeira parada será na estação dos sentidos e sensações. Imagine que em nosso trem existem algumas crianças explorando o vagão pela primeira vez.

Cada toque do apito, cada som, cada cheiro é uma nova descoberta. Aqui, estamos na estação dos sentidos. Nossa viagem no mundo começa com essas muitas sensações... Nós somos exploradores novatos, tais como as crianças. De forma que nunca percorremos esse caminho, assim, cada sensação é uma nova descoberta.

Inicialmente, o mundo é experienciado apenas através dos nossos sentidos, por exemplo, sentimos o calor ou o frio, sentimos o vento tocando nossa pele, ouvimos os pássaros e tateamos os objetos ao nosso redor. É assim, que no início, nós seres humanos investigamos o mundo.

Também vamos entrando em contato com os objetos, conhecemos, por exemplo, uma fruta ao tocar nela, sentir sua textura e sentir o seu cheiro.

Agora pense comigo, qual fruta você mais gosta?

- Pausa para reflexão -

E vamos seguir agora para a segunda etapa da nossa viagem: a estação da percepção! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

À medida em que vamos crescendo, começamos a perceber que há muito mais no mundo do que apenas sensações dos sentidos. Entramos na fase da percepção. Nesta estação, já não apenas sentimos, mas percebemos e buscamos entender a essência das coisas. Por exemplo, ao observar as pessoas de nossa família, começamos a compreender que cada pessoa é única. Sendo importante pensar sobre o que torna cada coisa ou pessoa especial. Ou seja, nossa mente, nesta etapa, está em busca da essência das coisas.

E vamos seguir viagem! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

Nessa viagem vamos percebendo que o mundo não é apenas o conjunto de coisas materiais que nos cercam. É muito mais que isso! O mundo também é a totalidade e a dinâmica de uma série de relações. O mundo, também é algo em constante transformação.

Poderíamos seguir viagem por diversas estações, mas temos muito a tratar em nossa Aula de Pensamento! Até mais! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça).

III.IV O que é a Vida?

Agora, vamos refletir sobre a vida. Pra você, o que é a vida? Quando conversamos sobre quem somos nós, percebemos que não somos seres apenas biológicos, somos muito mais que isso. Dá mesma forma, nossa vida não envolve apenas nossa existência física, mas também muitas outras coisas, especialmente aquilo o que envolve nossa mente.

Vamos imaginar juntos: quando nasce uma planta, geralmente ela cresce em direção ao sol. Ela não apenas vai se adaptando ao ambiente, mas também busca realizar todo seu potencial de crescimento. Da mesma forma, a vida humana é uma grande jornada de crescimento e desenvolvimento. Nós, como seres humanos, estamos sempre em busca de compreender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. A propósito, qual foi o último objeto ou coisa que você teve contato antes de fazer essa aula?

- Pausa para reflexão -

Muito bem! A vida pode ser compreendida como um movimento contínuo de superação de um estágio anterior, já que cada etapa da vida nos leva a um novo nível mais elevado, por exemplo, de autoconsciência e busca por liberdade.

Imagine agora, a vida como um grande livro em *braile* ou um grande audiobook. Cada página ou faixa de som representa um dia nessa história. Todas as partes são conectadas, assim como todos os dias da nossa vida.

Da mesma forma que um livro não é formado apenas do papel do braile, mas da história escrita dentro dele, nossa vida também não é apenas nosso corpo que existe no mundo, mas todo o conteúdo que carregamos dentro de nós, que passa por uma série de eventos continuamente interligados que formam a totalidade da existência.

Pense no seu dia de hoje, ele de alguma forma é ligado ao seu passado e ao seu futuro, correto? Assim também é a vida, interconectada a tudo que existe e em constante transformação.

Bem, agora que você já sabe investigar temas filosóficos, pense nos próximos temas que você quer investigar junto com seu professor e diga a ele, bem como, aquilo que você já sabe ou imagina sobre esses temas. Por exemplo: O que é o Amor? E nunca pare de pensar “heim...” Será que é possível parar de pensar? Bom eu vou nessa, até mais!

III.II Aulas de Pensamento para Crianças

III.II.I Introdução/O que é Filosofia?

Olá, bem-vindos à AULA DE PENSAMENTO!

Aqui vamos descobrir juntos uma série de coisas super interessantes, vamos nessa?

O pensamento e a linguagem são formas poderosas de conseguir as coisas, então precisamos aprender a pensar e se comunicar bem. Por exemplo, quando pensamos: “Hum, tô com fome”, podemos dizer: - “Mãe, tô com fome!” Aqui estamos sendo claros, sobre o que sentimos e pensamos: Chamamos a mamãe, para ela nos dar comida...

Mas será que sempre falamos de forma clara?

E o que significam as palavras que usamos? Comida, por exemplo, é uma palavra que serve para muitas coisas... Então estamos falando uma palavra que traz a noção de alimento, de alimentação, estamos falando de uma palavra conceito... O conceito é uma ideia de algo, uma palavra, ou palavras, que buscam identificar a noção de uma coisa.

Será que existem outras palavras assim? Pense aí e diga alguma palavra que, assim como comida, pode significar muitas coisas...

- Pausa para pensar -

Bom, eu vou dar mais alguns exemplos: as palavras animal, humano e mundo... Podem significar muitas coisas. Por isso, vou lhe contar a história de uma amiga minha, que me ensinou muitas coisas legais... E ela, pode ser sua amiga também, o nome dela é: Filosofia.

Mas falando em amigos, pense em uma amiguinha ou amiguinho que você gosta muito. Pense no seu nome. O nome da minha amiga, é Filosofia. Mas quando pequena, era chamada apenas de Sofia, que significa sabedoria. Ela era uma menina muito esperta que gostava de ouvir histórias e brincar com as palavras.

Vamos imaginar a Sofia... Eu te pergunto: como ela seria? Qual seu tamanho? Quantos anos ela teria? Como seria sua voz? Enquanto você pensa, vou lhe dizer mais informações sobre Sofia. Sofia amava conhecer coisas novas, gostava de perguntar sobre tudo, por isso, sabia cada dia mais.

- Pausa para pensar -

Sofia viajou pelo mundo, viajou tanto, que ninguém mais sabia onde ela havia nascido... E você? Sabe me dizer em qual cidade e em qual país você nasceu? Sofia conheceu muitos países, como o Egito, viajou pela China e passou pela Pérsia, sempre brincando e aprendendo sobre as culturas dos povos.

Sofia era muito comunicativa, procurava conversar com todos, por isso, aprendeu muitos idiomas, ela gostava de observar a natureza... Sofia pensava: de onde vem toda a água da chuva, e os sons dos trovoes? Mas Sofia gostava mesmo de ouvir o canto dos pássaros... Como eram lindos! Assim, ela perguntava sobre tudo, observando e guardando na memória tudo o que podia.

Certo dia, Sofia ouviu dizer, que na antiga Grécia, alguns pensadores gostavam de observar e aprender com a Natureza. Pensador é a pessoa que pensa... Você também é um pensador? Bem, voltando a Sofia, logo pensou: irei morar na Grécia, pois lá, assim como eu, eles amam observar e aprender coisas novas.

Dessa forma, após aprender com muitos povos e culturas, Sofia, fez da antiga Grécia a sua casa. Lá passou a ser chamada pelo nome de Filosofia, por isso, muitos dizem que a Filosofia nasceu na Grécia.

Nossa amiga Sofia, digo, agora chamada de Filosofia, conheceu na Grécia, pessoas que estudavam a água, o fogo e outros elementos da natureza... Sofia aprendeu que a água, além de servir para tomar banho, serve para muitas coisas... E você saberia dizer algo para que a água serve? E o fogo? Não podemos colocar a mão nele, senão ele nos queima, mas para que o fogo serve? Esses pensadores, acreditavam que a água e o fogo, eram a origem de tudo. Por isso, eles eram chamados Filósofos da Natureza.

Certo dia, Sofia conheceu Sócrates, que assim como ela, amava conversar com as pessoas, assim viraram grandes amigos, não atoa a palavra Filosofia pode ser traduzida como: amor ou amizade pela sabedoria. Sofia ficou tão feliz, pois, depois de conhecer muitos pensadores que estudavam a água, o fogo e outros elementos na natureza, encontrou um filósofo que buscava entender o ser humano, Sócrates.

Daqui a pouco nós vamos conhecer ele melhor.

Agora me diga, qual é o nome do seu melhor amigo? Eu já volto, até logo!

- Pausa para pensar -

Vamos lá, depois de conhecermos nossa amiguinha Sofia, vamos falar de Sócrates!

Sócrates, era um filósofo, que significa dizer que era um amigo da sabedoria! Ele gostava de dizer: “Tudo o que sei é que nada sei...” Mas o que será que ele queria dizer com essa frase? Será que ele não sabia de nada?

Bem, vamos por partes, Sócrates eram muito inteligente... Você conhece alguém muito inteligente? E Sócrates amava aprender... Você conhece alguém que ama aprender coisas novas? Então, quanto mais Sócrates aprendia, ele percebia que existiam muitas coisas a serem conhecidas. Por exemplo: quando nós aprendemos a contar os números: 1, 2, 3, 4... Logo descobrimos que existem números infinitos... Mas vamos fazer uma pausa. Até que número você sabe contar? E com relação aos números, você já aprendeu tabuada? Quais as tabuadas você sabe dizer?

- Pausa para pensar -

Da mesma forma que os números, sempre que aprendemos algo novo, percebemos que existe muito mais a ser conhecido. Era sobre isso que Sócrates estava falando, quando ele dizia: “Tudo o que sei é que nada sei”, ou “Só sei que nada sei”. Então ele não queria dizer que nada tinha aprendido, pelo contrário, ele queria dizer que quanto mais aprendia, mais descobria que tinha muito a aprender. E você? Ouvindo este audiobook, o que pode dizer que aprendeu até agora?

- Pausa para pensar -

Muito bem, então a filosofia mais do que te dar respostas, te ensina a fazer melhores perguntas. Então sempre que você deseja conhecer algo, você deve perguntar, principalmente para seu professor ou professora, combinado?

Em geral, quando somos crianças, queremos conhecer muitas coisas, e não temos vergonha de querer saber, de perguntar, vivemos buscando aprender. Essa atitude das crianças, de buscar sempre aprender, pode ser considerada uma atitude filosófica, pois a filosofia vem sempre acompanhada do desejo de conhecer algo.

Você que está ouvindo este audiobook, neste momento, está procurando conhecer coisas novas, analisar, refletir, ou seja, neste momento estamos fazendo filosofia. Então, bem-vindo à Filosofia!

III.II.II Quem somos nós?

Bem-vindos à Aula de Pensamento, faixa número dois! Hoje, vamos conversar sobre um tema muito interessante: quem somos nós, seres humanos? Isso mesmo! Quem somos nós?

Antes de começar, sabia que conversar é algo muito importante para os seres humanos? Conversando que nós aprendemos as coisas, trocamos informações. Então me diga, com quem você gosta de brincar e conversar?

- Pausa para pensar -

Eu tive uma professora que me contava histórias. Ela me ensinou que nós, seres humanos somos seres vivos e precisamos de água, comida e ar para viver. Mas não é só isso!

Nós também precisamos aprender, pensar e lembrar das coisas. Então assim como nós precisamos de alimentos como água e comida que levam nutrientes ao nosso corpo para sermos saudáveis. Também precisamos conversar e aprender muitas coisas para ter uma mente saudável. O nosso cérebro, que fica dentro da cabeça, que organiza tudo e nos ajuda a compreender tudo o que está ao nosso redor.

Além disso, nós seres humanos vivemos em sociedade, temos uma cultura e uma história. Pense em como você aprendeu a falar, a brincar e até a comer certos alimentos. Tudo isso vem de viver com outras pessoas. Assim como a chuva que cai do céu e enche os rios, nós recebemos conhecimento e cultura das pessoas ao nosso redor, principalmente dos mais velhos e de nossos professores.

Por exemplo, se hoje sabemos plantar e colher alimentos, é porque outras pessoas nos ensinaram antes. Também a nossa língua, nossos costumes, como cumprimentar alguém com um abraço ou um sorriso. Tudo isso faz parte da nossa cultura e história.

Quando pensamos nisso, vamos compreendendo nossa história e percebendo que fazemos parte de uma grande história da humanidade, como pequenas gotas de água, que todas juntas formam uma chuva.

Bem, logo eu volto para continuar com nossas aulas de pensamento! Tchau!

III.II.III O que é o Mundo?

Olá! Bem-vindos de volta a nossa Aula de Pensamento!

Estamos na terceira etapa de nossa jornada!

Hoje vamos falar sobre o que é o mundo! Para isso, faremos uma viagem, você já fez uma viagem? Para qual lugar ou lugares você já foi? É possível viajar de muitas formas: de carro, ônibus, barco, avião... Mas hoje iremos viajar de trem. Isso mesmo! O trem do pensamento! É hora da partida, vem comigo! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

Começamos a nossa viagem no trem do pensamento e nossa primeira parada será na estação dos sentidos e sensações. Vamos imaginar que estamos em um lugar pela primeira vez, então cada toque, cada apito, cada som, cada cheiro é uma nova descoberta.

Nossa viagem é cheia de sensações... Também vamos entrando em contato com os objetos, por exemplo, com uma bola! Com uma fruta! Com um papel! Agora pense comigo, qual objeto você mais gosta?

- Pausa para pensar -

E vamos seguir agora para a segunda etapa da nossa viagem: a estação da percepção! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

Conforme vamos seguindo viagem, chegamos a uma nova estação. Nesta estação, já não apenas sentimos, mas percebemos muitas coisas novas. Por exemplo, percebemos que cada pessoa é diferente uma da outra... Além do jeito de falar, do tamanho da pessoa, cada uma também tem um jeito de pensar. Pense em uma pessoa que você gosta e diga porque você gosta dessa pessoa... Será que tem a ver com o jeito dela? Fale sobre o jeito dessa pessoa.

- Pausa para pensar -

E vamos seguir viagem! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça)

Nessa viagem vamos percebendo que o mundo não é apenas nossa cidade, nosso país, ou todo o planeta! O mundo também são as pessoas que ali vivem e muito mais. O que mais você acha que faz parte do mundo? Essas coisas que você pensou, estão paradas ou em constante movimento e transformação? Converse aí com seu professor e já voltamos com nossa Aula de Pensamento! Até mais! Piuí! Piuí! (som de Maria Fumaça).

III.II.IV O que é a Vida?

Oi, já voltei! Bem-vindos à Aula de Pensamento, faixa número quatro! Hoje, vamos refletir sobre um tema muito legal: a vida. Pra você, o que é a vida?

- Pausa para pensar -

Quando conversamos sobre quem somos nós, percebemos que além de se alimentar bem para viver, precisamos também alimentar nosso cérebro aprendendo coisas novas. Da mesma forma, nossa vida não é apenas nosso corpo, mas é também a nossa mente.

Vamos imaginar juntos: quando nasce uma árvore, ela geralmente cresce em direção ao sol, pode nascer de uma pequena semente. Ela se esforça para se adaptar na terra, para poder crescer saudável. Da mesma forma, a nossa vida é uma grande jornada, que precisamos nos esforçar para diariamente nos conhecer melhor e melhor conhecer o ambiente que nos cerca.

Falando em conhecer, qual foi a última coisa que você conheceu? Pode ser uma pessoa ou até um brinquedo, pense bem!

- Pausa para pensar -

Vamos continuar! A vida pode ser compreendida como livro de história, que possui várias páginas interligadas... Pense em um grande livro em braile, cada folha de papel possui uma série de informações, então o livro não é apenas uma capa e as folhas de papel... Mas também toda a história contida dentro do livro.

Assim também é nossa vida, cada dia é uma página dessa história... Ou seja, nossa vida é como um grande livro. Da mesma forma que um livro não é formado apenas pelas páginas em braile, mas pela história escrita dentro dele, nossa vida também não é apenas nosso corpo que existe no mundo. É toda a nossa história, ou seja, o conteúdo que carregamos dentro de nós.

Pense no seu dia de hoje. Ele está tanto ligado com o ontem, como também está ligado com o amanhã. Assim também é a vida, com muitos momentos, todos conectados. E foi muito bom passar esses momentos aqui com você!

Agora que você já sabe investigar temas filosóficos, proponho que investigue mais temas como: O que é o Amor?

Bem, ficamos por aqui com nossas Aulas de Pensamento! Tchau! Tchau! Até mais!

REFERÊNCIAS

Bibliografia primária

BAVARESCO, A. ORCINI, S. **Epistemologia Hegeliana**. Socratically. (p. 29-49) Porto Alegre: Edipucrs, 2021. Disponível em:
https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/21003/2/Epistemologia_Hegeliana.pdf.
 Acesso: 01 nov. 2022.

BAVARESCO, A. COSTA, D. **Transição da lógica à filosofia real em Hegel**, publicado na Revista Cognitio, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 243-256, jul./dez. 2014

COSSETIN, V. **O Problema da Linguagem no sistema hegeliano: O Paradoxo do absoluto incondicionado e exprimível**. Tese de Doutorado apresentada ao Pós-Graduação de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2007.

DOMINGUES, C; SÁ, E.; CARVALHO, S; ARRUDA, S; SIMÃO, V. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: os alunos com deficiência visual**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

HEGEL, G. **Ciência da lógica. A Doutrina do Ser**. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Coordenador: Agemir Bavaresco. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Discursos sobre Educação**. Tradução de Ermelinda Fernandes. Lisboa: Colibri, 1994.

_____. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio**. Tradução de Paulo Menezes, com a colaboração do Pe. José Machado. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Escritos pedagógicos**. Traducción e introducción Arsernio Ginzo. Madrid: Fondo de Cultura Econômica, 1991.

_____. **Phänomenologie des Geistes**. Bayerische Staats Digitale Bibliothek. 1832.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Paulo Menezes com a colaboração de Karl-Heinz Effen e José Nogueira Machado. 9ª ed. Petrópolis: Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2021a.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução de Jose Barata-Moura e revisão de

Isabete Polidoro Lima. Lisboa: Editora Avante, 2021b.

_____. **Fenomenología del espíritu**. Edición bilingüe de Antonio Gómez Ramos. Madrid: Abada Editores, 2010.

_____. **Fenomenología del espíritu**. Traducción de Wenceslau Rocas con la colaboración de Ricardo Guerra. Edição El Colégio de Mexico: 1966.

_____. **Fenomenología del espíritu**. Tradução de Antonio Gómez Ramos. Edição da Universidade Autônoma de Madrid, Madrid: 2010.

_____. **La Phénoménologie De L'Esprit de Hyppolite**. Traduction de Jean Hyppolite. Éditions Moutaigne, Tome I, Paris: Aubier, 1939.

_____. **Phénoménologie de l'esprit**. Traduction et présentatio par Jean-Pierre Lefebvre GF Flammarion, Paris: 2012

HYPOLITE, J. **Gênese e estrutura da Fenomenologia do espírito de Hegel**. Tradução de Sílvio Rosa Filho. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MATTOS, D. **Experiência e verdade em Hegel: introdução a Fenomenologia do Espírito**. Ananindeua: Editora Itacaiúnas, 2020.

MENESES, P. **Para ler a Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Loyola, 1985.

SILVA, A. **Hegel & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

VIEIRA, L.A. **A desdita do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

Bibliografia Secundária

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999/2000.

AMARAL, G. **A percepção na Fenomenologia do Espírito**. Revista Filogênese da UNESP. Vol. 15. P. 58-74. 2021. Disponível em:

<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/a-percepcao-na-fenomenologia-do-espirito.pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2022.

AYDOS, B. HANAYAMA, E. **Técnicas de Aquecimento Vocal utilizadas por Professores de Teatro**. Revista CEFAC, São Paulo, v.6, n.1, 83-8, jan-mar, 2004.

BARBOSA, A. **Ciência e experiência: um ensaio sobre a Fenomenologia do Espírito de Hegel**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

BAVARESCO, A. **Opinião pública, contradição e mediação: leituras hegelianas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

BEZERRA, F. **A importância do audio-livro para o Deficiente Visual no estudo da Literatura**. Anais do Festival Literário de Paulo Afonso, p. 74-82, 2015. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2015/a_importancia_do_audio-livro_para_o_deficiente_visual.pdf. Acesso em: 05 de set. 2022.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Inclusão : Revista da Educação Especial**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.v.1, n.1. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

BURFEIND, R. **Dicionário semibílingue para brasileiros – Alemão**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARNEIRO, A. G. **A linguagem e o outro na fenomenologia do espírito: A importância da linguagem na constituição do sujeito em Hegel**. 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6198>. Acesso em: 7 de jun. 2023.

CARVALHO, M. FIGUEIREDO, V. **Filosofia alemã de Kant a Hegel**. São Paulo: ANPOF, 2013.

EGGENSPERGER, K. **A peça radiofônica alemã dos últimos sessenta anos**. Pandaemonium Germanicum, São Paulo, Brasil, n. 13, p. 92–106, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/74839>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FARIAS, S. **O audiolivro e sua contribuição no processo de disseminação de informações e na inclusão social**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 31–52, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1895>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GELAMO, R. **"O ensino da filosofia e o papel do professor-filósofo em Hegel"**. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 31, p. 153-166, 2008.

HEGEL, G. **Ciência da lógica. A Doutrina da Essência**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Coordenador: Agemir Bavaresco. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Ciência da lógica. A Doutrina do Conceito**. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Coordenador: Agemir Bavaresco. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Cursos de Estética**. Vol I. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Cursos de Estética**. Vol. II. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. **Cursos de Estética**. Vol. III. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Cursos de Estética**. Vol. IV. Trad. Marco Aurélio Werle e Oliver Tolle. São Paulo: Edusp, 2004.

JACOBS, D. CASCAES, L. MARINHO, P. **Dando corpo à voz: práticas interdisciplinares na preparação vocal de atores e atrizes**. Revista do Centro de Artes da UDESC. Florianópolis, n.10, p.15-27, 2013.

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. Tradução de Maria E. de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

_____. **O Pensar na Educação**. Tradução de Ann Mary F. Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M. SHARP, A. M. OSCANYAN, F. S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luíza F. Falcone. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

LORIERI, A. **Matthew Lipman, Filosofia e Ensino de Filosofia**. Ensino de – qual? – Filosofia: ensaios a contrapelo. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 253-278. 2019.

MATO GROSSO DO SUL. **Oficinas de atendimento educacional especializado escolar**. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do MS - SED/MS, 2024. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2024/06/Oficinas-do-AEE-no-modelo-de-enriquecimento-escolar.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2024.

MOURA, T. **Sonsnêtos em Lua Cheia**. Campo Grande: Live, 2021.

NOVELLI, P. **O ensino da filosofia segundo Hegel: contribuições para a atualidade**. Trans/Form/Ação, Marília, v. 28, n. 2, 2005.

_____. **O conceito de Educação em Hegel**. Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, p.65-88, 2001.

OCHAÍTA, E. **Desenvolvimento e intervenção educativa nas crianças cegas ou deficientes visuais**. Tradução de Fátima Murad - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEREIRA, J. **Trajetória Histórico social da população deficiente: da exclusão à inclusão social**. SER Social, Brasília, v. 19, n. 40, p. 168-185, 2017.

ROSA, S. **A Justiça Divina e o Mito de Deficiência Física**. Revista Estudos, v. 04 n. 2, p. 09-19, 2007. Disponível em <https://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/304/245>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SARAMAGO, J. **O conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SELAU, B. DAMIANI, M. COSTAS, F. **Estudantes cegos na educação superior: o que fazer com os possíveis obstáculos?** Acta Scientiarum. Education Maringá, v. 39, n. 4, p. 431-440, Oct.-Dec., 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6092179>. Acesso em: 01 de ago. 2023.

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, E. **Deficiência visual, práticas pedagógicas e material didático**. São João del-Rei: Agência Carcará, 2016.

SILVA, M. **Uma consideração especulativa sobre a bibliografia hegeliana em Língua portuguesa: Algumas notas críticas aos lançamentos mais recentes (2007/2008)**. Revista Eletrônica Estudos Hegelianos. Ano 5, nº8, P. 5-22. 2008.

SMITH, P. **O que é ensinar filosofia?** Coluna ANPOF, São Paulo, 31 out. 2016. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/o-que-e-ensinar-filosofia>. Acesso em: 23 de fev. de 2022.

ZEN, E. **O Método dialético na História do Pensamento Filosófico Ocidental**. Unesp/Ínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia. v. 10 n. 22, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2018.v10n22.10.p79>. Acesso em: 15 de mar. 2023.